

Revista do Brasil

DIRECTORES

Afranio Peixoto
Monteiro Lobato

N. 71
NOVEMBRO
921

EDITORES

Monteiro Lobato
& Comp. - São Paulo

Redactor-chefe: Brenno Ferraz

SUMMARIO

O MOMENTO	193
A POESIA DE VICENTE DE CARVALHO	<i>Sampaio Freire</i> 195
A ANGUSTIA DO SILENCIO	<i>Lindolpho Esteves</i> 208
IMPORTANCIA DA RIQUEZA MINERAL NO PROGRESSO DAS NAÇÕES	<i>Miguel Arrojado Lisboa</i> 211
RONDÓ DA GLORIA	<i>Gustavo Teixeira</i> 221
SULAMITA	<i>Araujo Filho</i> 223
O BIGODE DO GENTILHOMEM	<i>Theodoro Magalhães</i> 226
O CONTAGIO DA VARIOLA	<i>Rodolpho Theophilo</i> 230
A REVOLTA DOS LAMPIÕES	<i>Barbosa Lima Sobrinho</i> 237
A CAMINHO DA SOCIEDADE DAS NAÇÕES	<i>Helio Lobo</i> 242
BIBLIOGRAPHIA	258
RESENHA DO MEZ	264
DEBATES E PESQUIZAS	275
NOTAS DO EXTERIOR	281

S. PAULO.

1921.

RIO.



REVISTA DO BRASIL - RUA BOA VISTA, 52 - CAIXA, 2-B - S. PAULO
ASSIGNATURAS: ANNO - 20\$000 EXTRANJEIRO - 25\$000; - NUMERO AVULSO - 1\$800.

SEIOS

DESENVOLVIDOS, FORTIFICADOS e AFORMOSEADOS, com A PASTA RUSSA do Doutor G. Ricabal.

O unico REMEDIO que em menos de dois mezes assegura o DESENVOLVIMENTO e a FIRMEZA dos SEIOS sem causar damno algum á saude da MULHER. - "Vide os attestados e prospectos que acompanham cada Caixa.

Encontra-se á venda nas principaes PHARMACIAS, DROGARIAS e CASAS DE PERFUMARIAS DO BRASIL.

AVISO - Preço de uma Caixa 8\$000, pelo Correio mais 2\$000. Pedidos ao Agente Geral,

J. DE CARVALHO Caixa Postal, 1724 - Rio de Janeiro.
Deposito: Rua General Camara, 225 (sob.)

GRAVIDEZ

Evita-se usando os *Pessarios Americanos*, são inoffensivos, commodos, de effeito seguro e antisepticos. - Encentram-se á venda nas principaes DROGARIAS DE S. PAULO.

AVISO - Remette-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 8\$000., enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao Agente Geral

J. DE CARVALHO - CAIXA POSTAL N.º 1724
RIO DE JANEIRO

ASTHMA

O Especifico do Doutor Reyngate, notavel Medico e Cientista Inglez, para a cura radical da Asthma, Dyspnéas, Influenza, Defluxos, Bronchites Catarraes, Coqueluche, Tosses rebeldes, Cansaço, Suffocações, é um Medicamento de valor, composto exclusivamente de vegetaes, não é xarope, nem contém iuduretos, nem morphina e outras substancias nocivas á saude dos Asthmaticos.

Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco.

Encontra-se á venda nas principaes Pharmacias e Drogarias de São Paulo.

DEPOSITO - Rua General Camara, 225. Sob. - Rio de Janeiro



BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES
FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES
ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO
VENTILADORES

PARA RAIOS
FERROS DE ENGOMMAR

LAMPADAS
ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES
TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO
LARGO DA MISERICORDIA, 4



LOTERIA DE S. PAULO

Em 30 de Dezembro

200:000\$000

Por 9\$000

**OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE**



ULTIMA NOVIDADE

JARDIM DAS CONFIDENCIAS

versos de

RIBEIRO COUTO

Os mais lindos versos e a mais bella edição do anno

Preço 3\$000

MONTEIRO LOBATO & CIA. — EDITORES



HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

== S. PAULO ==

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

==

Papel, materiaes

para construcção,

aço e ferro, anilinas

e outros

productos chimicos.

PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

Casa franceza de

L. GRUMBACH & CIA.

Rua de São Bento N.º 89 e 91

SÃO PAULO



REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: *N. 71* EDITORES:
AFRANIO PEIXOTO NOVEMBRO MONTEIRO LOBATO
MONTEIRO LOBATO 1921 & COMP. — SÃO PAULO
REDACTOR-CHEFE: BRENNO FERRAZ

O MOMENTO

UM EMBAIXADOR

O desquerer, a desintelligencia, a rivalidade entre os povos quasi sempre provem de mal se conhecerem. Assim entre nós e Argentina. Desfeitos que sejam os vãos da ignorancia reciproca, desfaz-se a impressão hostil.

Este trabalho de mutuo conhecimento e consequente approximação é um dos grandes ideaes modernos, o mais generoso de todos. E far-se-á victorioso sobretudo pelo concurso da arte. Só ella tem forças para tanto, mensageira que é dos anhelos mais nobres da alma e do coração. Cada livro argentino que surje cá, ou vice-versa, é um poderoso reductor de antipathias, um eliminador de toxinas, um bafo de ar puro em ambiente confinado. E como a literatura, as outras artes.

Occorrem-nos estas reflexões deante dos quadros que expõe em S. Paulo Cesáreo Bernaldo de Quirós.

Que brasileiro de cerebro bem formado, entrando naquella sala, não se transforma em amigo carinhoso da terra fecunda que já produz taes fructos? Quem resiste á suggestão de arte tão nobre? Quem se não dobra ante

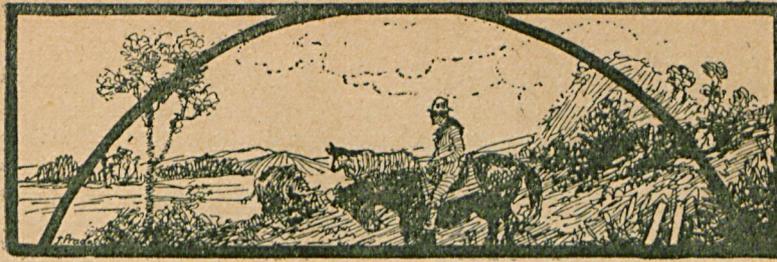


esse embaixador das mais subtis intuições estheticas do vigoroso povo platino?

Quirós não é apenas o pintor maximo da Argentina; é tambem um grande pintor moderno. E' desses privilegiados de genio que cream "algo nuevo" e produzem obras de infinita belleza — da belleza que o é sempre, e cada vez mais, da belleza que nunca sacia porque não é belleza de convenção, passageira como modas, e sim a eterna, a esplendente belleza da verdade.

Como certas obras nos fecundam o cerebro e entreambrem de brusco o sentido profundo de expressões tidas como verbalismo sonoro! "A belleza é o esplendor da verdade". Quereis penetrar no sentido desta faisca de Platão? Detende-vos dez minutos em face do "Jogo de sol", e se em vosso cerebro não se dér o estalo do Padre Vieira, sahi, correi a fazer-vos eleger vereador... de Itaóca.

Como corresponderá S. Paulo á honra que lhe faz o grande artista? S. Paulo tem crimes serios no cartorio da arte. Desconheceu Rollo, premiou o sapateiro Ximenes, anda a "failluttar" o Ipiranga. Mas acima desse S. Paulo gaffento, que faz Apollo ter nevralgias no Olympo, ha um S. Paulo de escol, fino, medido, subtil, capaz de comprehender Quirós e de reter aqui telas que valem thesouros. A "Revista do Brasil" o avisa da oportunidade, como avisa o S. Paulo negociante de uma coisa muito séria (mas isto aqui ao ouvido, muito em segredo): o empate de capital em telas como "Na rede", "Canto do meu atelier", "Hortencias" constitue melhor negocio do que a aquisição de marcos. A Allemanha pode fallir — a Belleza, nunca!



A POESIA DE VICENTE DE CARVALHO

CONFERENCIA LIDA NO JAHÚ CLUB, A 12 DE OUTUBRO

Por SAMPAIO FREIRE

DURANTE longos mezes, depois que assumi o compromisso de realizar esta conferencia, compromisso do qual eu me desimpegno sabe Deus como, obrigando, como obrigo, a penna rebelde a um esforço violento, sobre tudo agora que ella parece aposentada na suave tarefa de minutar correspondencia commercial, — durante longos mezes eu não me fixei nem no thema, quanto mais nas idéas e no “apparatus” de uma conferencia; de uma conferencia — cumpre notar — que deveria ser proferida justamente no mesmo logar em que Martins Fontes havia tirado prodigiosos effeitos do exercicio da pura faculdade verbal, e em que Amadeu Amaral se desentranhára em finissimas analyses em torno e dentro de um soneto. Havia de chegar o dia, porém, do cumprimento da obrigação levemente contrahida, e era força abandonar o vago em que mais se compraz o espirito, e procurar um ponto de apoio, quero dizer, um thema. Qual devia de ser o meu thema?

E’ incrível que se possa ter alguma difficuldade em encontrar um thema, quando os meus illustres predecessores citados ahi estão para demonstrar pelo exemplo, o segundo, que é bastante “um soneto” para uma exhaustiva dissertação, e o primeiro, que se pode falar ainda mesmo sem assumpto. O piedoso Arcebispo, aquelle da formosa pagina classica de frei Luiz de Souza, fazendo materia de tudo quanto via no campo e na serra

para louvar a Deus”, mostra que é bastante abrir e circumvagiar os olhos para descobrir coisas sublimes, mas ao mesmo tempo faz certo que o iman capaz de attrahil-as, esse está na alma do contemplador. Para louvar a Deus como convém, é mistér ao individuo trazer no coração o molde correspondente, ainda que rudimentar, assim como o louvor das coisas terrenas resulta pallido e frio sem a adhesão prévia, e sem reservas, da intelligencia e da sensibilidade humana.. Assim, pois, quem se disser em difficuldades por causa de um thema, confessa nada menos que o vasio do coração ou do espirito, traduz por outros termos impotencia de sentir ou de comprehender, nada importando para o caso a insufficiencia da fala e a da penna, males que têm remedio.

Graças a Deus, e seja-me licita e perdoada esta vaidadezinha, graças a Deus que assim que tomei a sério o caso desta conferencia, assim que recebi o “ultimatum” de quem tinha autoridade para m’o dirigir, logo encontrei o thema, e thema feliz e seductor, e opportuno mesmo, ainda que o não pareça, como veremos, se tiverdes a bondade de acompanhar-me, e se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Thema feliz e seductor e opportuno, em verdade, este da poesia de Vicente de Carvalho!

Tratando-se de um poeta vivo, e oxalá que sua util existencia se prolongue ainda por dilatados annos, quer me parecer que seria pelo menos uma indiscreção de duvidoso gosto entrar em pormenores biographicos a respeito de alguém que bem poderia dar-nos a honra de sua presença neste logar, e mesmo neste momento, com immensa vantagem para todos, inclusive para o conferencista, que nesse caso lhe passaria immediatamente a vara. E, entretanto, eu poderia, sem quebrar propriamente a praxe mais aconselhavel, recordar muitos factos e particularidades da vida do poeta, tanto se tem adensado a penumbra a que, nestes ultimos tempos, se recolheu o autor dos “Poemas e Canções”. Aliás não direi que seja verdadeiramente um mal esse retrahimento do poeta, retrahimento que tem sua explicação na circumstancia de não ser Vicente de Carvalho um professional das letras. Sou mesmo levado a crer que elle jamais o foi. Vicente de Carvalho é o typo do homem de acção no dominio das realidades praticas, e que sabe adaptar, com maravilhosa plasticidade, aos variados misteres a que, pelas contingencias da vida, tem sido successivamente obrigado.

Se a qualidade de poeta lhe pudesse acarretar algum prejuizo á reputação, haveria em seu abono, nas differentes phases de sua carreira, as provas mais cabaes e eloquentes de que, além



de poeta, é elle um homem. Juiz modelar com assento na mais alta corporação judiciaria do Estado elle foi até ha pouco tempo; juiz modelar (a expressão não é minha, é de outro juiz que não o é menos, e cujo espirito ainda fulgura no mesmo Tribunal), elle proferiu votos que reúnem o conhecimento das leis e das doutrinas juridicas á intelligencia clara e penetrante da realidade das coisas, porque a ella é que se destinam, antes de tudo, os remedios juridicos. Advogado, ahi está a defesa de um outro juiz, produzida ha cerca de um anno, e que constituiu mais um dos seus melhores triumphos, razões de defesa que deviam servir de modelo a quantos, no exercicio da profissão, não desdenham, a par das qualidades obrigatorias do officio, a elevação do pensamento, a energia polida e a graça compativel com essa especie de trabalhos. Director de uma empresa de navegação... estarei enganado? Não; affirmo sem receio de contestação que o nosso poeta dirige uma empresa de navegação, e dirige-a com a capacidade de que adduziria prompta demonstracção, se não sentisse que vou resvalando para o terreno da biographia, em que não desejo entrar.

Bem hajam, porém, do ponto de vista da poesia e da arte, as vicissitudes de Vicente de Carvalho! "E' este, — escreve José Verissimo, — o grande mal da literatura brasileira: que por circumstancias peculiares á nossa evolução nacional, ella tem sido sobretudo, quasi exclusivamente até, feita por moços, geralmente rapazes das escolas superiores, ou simples estudantes de preparatorios, sem o saber dos livros e menos ainda o da vida. Ora a literatura, para que valha alguma cousa, ha de ser o resultado emocional de experiencia humana. A nossa tem principalmente sido uma literatura de inspiração e fundo mais livrescos que vividos".

O grande historiador da literatura brasileira feriu certamente o ponto, e a sua justa censura, está claro, não attinge este poeta de existencia trabalhada. "Rosa, rosa de amor..." e "Poemas e Canções", as obras primas do seu engenho, são-lhe acabadas das mãos na madureza dos annos, nessa idade soberba que ainda é mocidade, se bem que diversa da primeira juventude, mas que lhe é talvez superior, porque começa a ter a consciencia do seu inestimavel preço.

Não sei se me engano, mas, no meu entender, Vicente de Carvalho, se não é o maior, é o melhor poeta brasileiro dos nossos dias e de não poucas decadas da nossa historia literaria a dentro; e a suprema, e creio que indestructivel razão deste modo de ver consiste em que o nosso poeta, egresso da literatura e mergulhado no viver quotidiano, só retorna á literatura por effeito de reacção, aos impulsos da alma renovada, borbu-



lhante, a exigir expressão. Por este processo é possível que alguém, menos perito no manejo da arte, nos ofereça impressões frescas porém mal entrajadas, mas, seguramente, é preferível a robustez defeituosa ao espectáculo da perfeição vasia.

Como quer que seja, porém, ha grande oportunidade em tratar da poesia de Vicente de Carvalho, porque uma coisa é o retrahimento do poeta, que, como vimos, é até um bem no interesse da arte, e outra coisa é o tal ou qual silencio que se lhe vae fazendo em torno do nome glorioso. Francamente, não somos assim tão ricos de nomes verdadeiramente grandes que se justifique o esquecimento de algum delles. E da rapida excursão que vou emprehender através da obra poetica de Vicente de Carvalho, se achar quem se disponha a acompanhar com sympathia o "cicerone" apressado, estou certo que boas consequencias não se farão esperar; quem sabe, até, se os "Poemas e Canções" não passarão a constituir o livro de cabeceira de mais algumas pessoas...

Qual é o problema humano mais premente, aquelle que a cada instante, por esta ou por aquella fórma, desafia o nosso espirito, assim que nos alçamos um pouco da realidade á contemplação? Qual será esse problema? Sem duvida que é o problema do nosso destino, que desejamos feliz com todas as nossas forças materiaes e moraes. Vicente de Carvalho não seria Vicente de Carvalho se não tivesse tentado, na linguagem de ouro de seus versos, a solução do problema inquietante. Escutemos a sua versão da felicidade humana:

Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existencia, resumida,
Que uma grande esperança mallograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz anciosa e embevecida,
E' uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supomos,
Arvore milagrosa que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.

Se eu tivesse autoridade para tanto, depois da leitura deste soneto pediria, além da attenção com que estou certo me honram os ouvintes, pediria alguns minutos de completo recolhimento de espirito, para que pudessemos refazer, lentamente,



a immensa curva descripta pelo pensamento do poeta, e avaliássemos e agradecêssemos ao pensador e ao artista a maravilha que nos offerecem de graça, encerrada nos mesmos quatorze versos de que se fazem tantissimos sonetos ineptos e banaes. E só este soneto, pela exquisita profundeza do conceito e pela transparencia diamantina da fórma, já seria bastante para tornar imperecível o nome do nosso poeta, e satisfazer plenamente aquelle justa "ambição de deixar a sua alma ecoando sonoramente em outras almas, através do tempo", consoante á formula por elle proprio usada a proposito de outro poeta, mas que afinal tomou para si, inscrevendo-a no portico da terceira edição dos "Poemas e Canções". Porque, assim como nos valemos da phrase feita para a expressão immediata de muitas de nossas idéas, assim tambem, e então por attracção muito mais poderosa, é a fórmas lapidares, como esse peregrino soneto de Vicente de Carvalho, que se abriga, não raro, o nosso espirito, quando lhe acontece vaguear pela mesma ordem de scismas.

Essa pequenina joia literaria, deliciosamente lavrada, tem ainda o merito de compendiar a philosophia resignada e tristonha com que Vicente de Carvalho acceitou a vida, tomada nas suas ultimas consequencias, quero dizer, no seu sentido supremo. Iria longe, e acredito que exorbitaria dos limites do razoavel, se aqui mesmo me propuzesse julgar a attitude philosophica do nosso poeta, e fundamentar o meu desaccôrdo. Não. Fiquemos no estricto dominio da poesia.

Vicente de Carvalho é um consummado e suggestivo pintor da natureza. Vamos á sua natureza, que é lindissima.

Mar, bello mar selvagem
Das nossas praias solitarias! Tigre
A que as brisas da terra o somno embalam,
A que o vento do largo erriça o pêlo!
Junto da espuma com que as praias bordas,
Pelo marulho acalentada, á sombra
Das palmeiras que arfando se debruçam
Na beirada das ondas — a minha alma
Abriu-se para a vida como se abre
A flor da murta para o sol do estio.

Quando eu nasci, raivava
O claro mez das garças forasteiras:
Abril, sorrindo em flor pelos outeiros,
Nadando em luz na oscillação das ondas,
Desenrolava a primavera de ouro;
E as leves garças, como folhas soltas
Num leve sopro de aura dispersadas,
Vinhão do azul do ceu turbilhonando
Pousar o vôo á tona das espumas...



Que pagina mais cheia, e commovida e vibrante, pergunto eu, já se escreveu algum dia em face do mar e da terra? E note-se que a embriaguez do entusiasmo, vasta como é, não empanna do mais tenue véo a deliciosa frescura do quadro. Oh! o mar de Vicente de Carvalho! Pode-se falar assim no mar de Vicente de Carvalho, porque do litoral de S. Paulo, que lhe é familiar, não ha, por assim dizer, uma nesga de praia que não esteja trasladada para sempre nos "Poemas e Canções". Quem quer que já viajou alguma vez á beiramar de nossa terra, necessariamente, se teve olhos de ver, ha de ter encontrado e ha de ter identificado aquella "pobre villa praiana", cuja "solitaria tristeza" repassa de tão penetrante doçura o poema d'"A voz do sino":

Tarde triste e silenciosa
De villa de beiramar:
Uma tarde cor de rosa
Que vae morrendo em luar...

Ao longe, a varzea scintilla
De uns restos de sol poente;
Mas, por sobre toda a villa
— Do morro a que fica rente —
Desce uma sombra tranquilla
E anoitece lentamente.

E a cada passo, na jornada, se irão deparando ao observador attento recantos e aspectos naturaes já vistos, de alguma fórma, através da poesia do praiano illustre, tão perfeito é o seu conhecimento dos logares. Elle não é homem para a descripção geral, cerebrina, livresca, de que tanto abusam os poetas das descripções a todo transe. Lendo Vicente de Carvalho, o leitor é sem demora transportado para o ambiente que elle reproduziu. Percorrendo os trechos de natureza que lhe são favoritos, reciprocamente o leitor verifica a rigorosa verosimilhança da pintura literaria.

Assim, n'"A partida da monção", referindo-se ás canôas dos bandeirantes, diz Vicente:

Levadas no pendor macio da corrente,
Irão seguindo, irão seguindo sem rumor
E sem vontade, molle e resignadamente
Por um rumo servil, forçado e encantador.

Sem duvida possivel, a um poeta de gabinete não occorreria, ainda que fosse dotado de genio, aquelle "pendor macio da corrente" por onde resvalam as "toscas naus de borda rastejante", e que é um dos achados de que maiores ciumes devia



ter o nosso poeta; porque, para observar o pendor macio da corrente, é preciso, não abrir um dicionario qualquer, mas ter viajado horas e horas, rio acima, sentado no fundo de uma canôa... E' sobre os joelhos, nessa postura, que se escrevem versos daquelle quilate.

E seja-me permittido ainda, no capitulo das descripções, repetir aquelles quatro simplissimos versos do "Fugindo ao captiveiro" que, na sua maravilhosa condensação, nos desenrolam deante dos olhos uma madrugada completa:

Aponta a madrugada:
Da turva noute esgarça o humido véo,
E espraia-se risonha, alvoroçada,
Rosando os morros e dourando o ceu.

Apenas com uma pincelada, mas essa genial, eis que alvorece no grande poema, assim como, rapida nas suas frequentes apparições, surgia a rorejante Aurora homerica dos dedos côr de rosa.

Acerca de um poeta como este, tão singularmente dotado do sentimento da natureza, poder-se-ia porventura perguntar se elle tambem será capaz de ver, com a mesma segurança, o que se passa dentro das solidões da alma humana. Pois a resposta vae immediata. Nessa mesma "Partida da monção", interposta na tela objectiva, encontramos esta genuina paizagem moral, em que o poeta, de permeio com os aspectos que vão margeando a monção dos bandeirantes, assim se exprime, emprestando de certo, por um momento, a sua alma aos duros conquistadores:

Depois da matta escura, o campo undoso e verde,
Banhado em sol, fechado em ceu ao longe; e assim
Tão vasto e nú, que o olhar se fatiga e se perde
Num esplendor sem sombra e num ermo sem fim.

Paira, grassa em redor, toda a melancolia
De uma paizagem morta, igual, deserta e immensa,
Pondo nos olhos e nas almas que enfastia
Um peso ainda maior que a dôr, a indifferença.

Desanimado, absorto, ante essa indefinida
Solidão que se espraia além, além... o olhar
Tem a impressão que faz a tristeza da vida:
De ir seguindo, seguindo... e nunca mais voltar.

Sobre os dias irão cahindo as noites... Vastas
Noites de um céu que é todo azul de lado a lado,
Quando, ó triste luar das planicies, afastas
Ainda mais, ainda mais, o horizonte afastado...

Mas, para caracterizar com exactidão a poesia de Vicente de Carvalho, na sua suavidade e na sua grandeza, não é preciso mais que recorrer a “Fugindo ao captiveiro” e a “Rosa, rosa de amor...”, poemas em que, além de incomparáveis painéis, ha surtos dignos da velha epopéa e extremos e supplicas palpitanes do eterno lyrismo.

“Fugindo ao captiveiro” nos conduz a uma noite de geada em plena matta e em plena Serra do Mar, onde

Uns tardos caminhanes
Sinistros, meio nús, esboçados na sombra,
Passam, como visões vagas de um pesadelo...

“São captivos fugindo ao captiveiro”, vindos do planalto, com destino ao quilombo do Jabaquara, em Santos, pelos annos de 1887, ás vespéras da Abolição, conforme reza a nota illustrativa da primeira edição dos “Poemas e Canções”. Depois de uma soberba descripção da serra e da matta virgem, eis-nos a acompanhar a marcha dos escravos, ao compasso da inspiração que faz vibrar o nosso poeta, que o arrebatá no turbilhão da furia divina, mas que, circumstancia curiosa, permite a acuidade psychologica daquella sua effusão á margem da narrativa épica:

Vão calados, poupando o folego. De quando
Em quando — fio d’agua humilde murmurando
As tristezas de um lago immenso — algum gemido,
Um grito de mulher, um choro de criança,
Conta uma nova dôr em corpo já dorido,
Um bruxoleio mais, mortiço da esperança,
A rajada mais fria arripiando a floresta
E a pelle núa; o espinho entrando a carne; a aresta
De um seixo apunhalando o pé já todo em sangue:
Uma exacerbação nova da fome velha,
A tortura da marcha imposta ao corpo exangue,
O joelho exausto que, contra a vontade, ajoelha...

Pela madrugada, e é nada menos que aquella madrugada completa em quatro versos, “a caravana tropega e anciosa chega ao tope da Serra”. E’ a luz do dia que os illumina, já perto do Jabaquara! Salvos! E os escravos começam a descer a Serra, os miseráveis, liberdade agora ao alcance da mão, almas sacudidas de um insano contentamento. Descem rindo e a cantar, vão descendo a Serra, vão descendo, descendo, mas eis senão quando... Deixemos falar, bradar sózinho o poeta, nos lances culminantes:

De repente, como um agouro e uma ameaça,
Um alarido de vozes estranhas passa
Na rajada do vento...

Estacam.

Como um bando
De ariscos caitetés farejando a matilha,
Immoveis, alongando o pescoço, arquejando,
Presas a respiração, o olhar em fogo, em rilha
Os dentes, dilatada a narina, cheirando
A aragem, escutando o silencio, espreitando
A solidão; assim, num alarma instintivo,
Estaca e põe-se áleria o bando fugitivo.

Nova rajada vem, novo alarido passa...

Como, topando o rastro inda fresco da caça,
Uiva a matilha enquanto inquire o chão agreste,
E de repente, em furia, alvoroçada investe
E vae correndo e vae latindo de mistura;
Rosna ao dar-lhes na pista a escolta que os procura,
E morro abaixo vem ladrando-lhes no encaço.

Grita e avança em triumpho a soldadesca ufana.

.....

Agrupam-se, vencidos,
A tremer, escutando o tropel e os rugidos
Da escolta cada vez mais em furia e mais perto.

.....

Destaca-se do grupo um fugitivo. Lança
Em torno um longo olhar tranquillo, de esperança,
E diz aos companheiros:

"Fugi, correi, saltae pelos despenhadeiros;
A varzea está lá embaixo, o Jabaquara é perto...

Deixai-me aqui sózinho.

Eu vou morrer, de certo...

Vou morrer combatendo e trancando o caminho.

A morte assim me agrada:

Eu tinha de voltar p'ra conservar-me vivo...

E é melhor acabar na ponta de uma espada

Do que viver captivo".

E enquanto a caravana
Desanda pelo morro atropeladamente,
Elle, torvo, figura humilde e soberana,
Fica, e a pé firme espera o inimigo imminente.

Hercules negro! Corre, abraza-lhe nas veias
Sangue de algum heroico africano selvagem,
Acostumado á guerra, a devastar aldeias,
A cantar e a sorrir no meio da carnagem,
A desprezar a morte espalhando-a ás mãos cheias...

Não pôde a escravidão domar-lhe a indole forte,
 E vergar-lhe a altivez, e ajoelhal-o deante
 Do carrasco e da algema:
 Sorri para o supplicio e a fito encara a morte
 Sem que lhe o braço trema,
 Sem que lhe ensombre o olhar o medo supplicante.

Erguendo o braço, elle ergue a fouce: a fouce volta,
 E rola sobre a terra uma cabeça solta.
 Sobre elle vem cruzar-se o gume das espadas...
 "Ah, prendel-o, jamais!" respondem as fouçadas
 Turbilhonando no ar, e ferindo, e matando.
 De lado a lado o sangue espirra a jorros... Elle,
 Agil, possante, ousado, heroico, formidando,
 Faz frente: um contra dez, defende-se, e repelle.

E não se entrega, e não recúa, e não fraqueja.
 Tudo nelle, alma e corpo ajustados, peleja:
 O braço luta, o olhar ameaça e desafia,
 A coragem resiste, a agilidade vence.

E, coriscando no ar, a fouce rodopia.

Afinal um soldado, ébrio de covardia,
 Recúa; vae fugir... Recúa mais; detem-se:
 Fóra da luta, sente o gosto da chacina;
 E vagarosamente alçando a carabina,
 Visa, desfecha.

O negro abrija um passo á frente,
 Erguêra a fouce, armava um golpe...

De repente

Estremece-lhe todo o corpo fulminado.

Cae-lhe das mãos a fouce, inerte, para um lado,
 Pende-lhe, inerte, o braço. Impotente, indefeso,
 Illumina-lhe ainda a face decomposta
 Um derradeiro olhar de affronta e de desprezo.

Como enxame em furor de vespas assanhadas,
 Assanham-se-lhe em cima os golpes sem resposta,
 E retalham-no á solta os gumes das espadas...

E retalhado, exausto, o lutador vencido
 Todo flammeja em sangue e expira num rugido.

Cumprer notat a propriedade exemplar das circumstancias e do ambiente, e como o leitor é levado a acompanhar a acção não tanto pelo que vae ouvindo ao nosso poeta, mas pelo que, a bem dizer, presenciamos em sua companhia, no mesmo tropel e na mesma arrancada sublime. Para tanto, Vicente de Carvalho havia forçosamente de beber a goles prolongados naquellas fontes immortaes que se chamam Homero e Camões, e ha mesmo accentuados vectigios daquelle em "Fugindo ao ca-

ptiveiro”, quando o autor se vale de comparações para reforço da narrativa: o bando de ariscos caitetés farejando a matilha, a tropega boiada que se arrasta pela areia adusta de uma estrada, o enxame em furor de vespas assanhadas, á semelhança das que, a espaços, vão intercaladas na “Iliada”. De Camões elle possúe a humanidade, o bom senso, a solidez, a attenção constante á lição da experiencia da vida, a isenção, a tolerancia dos que conheceram a natureza humana. E mais a lingua, o vernaculo, o ouro velho, quero dizer, a prata de casa que o soberano poeta nos herdou e que o nosso conserva e accrescenta e aprimora, com o zelo de que faz prova qualquer de seus versos.

E finalmente “Rosa, rosa de amor...”, esse poema unico, sem precedentes em nossa poesia, a toda e qualquer luz. Em que consiste a “Rosa, rosa de amor...?” Oh! a historiazinha galante de uns olhos verdes por uma certa manhã de sol e por tantas horas de amor, como podéis imaginar... De repente, porém, e tudo exigia que assim succedesse, de repente aquella “Primeira sombra”, por onde a historiazinha se eleva ás alturas de um drama:

— Mal me quer... bem me quer...

— Será preciso

Que uma flor assegure o que digo e tu vês?
O meu olhar, pousando em teu sorriso
Mostra-te que és amada e adivinha que o crês.

— Mal me quer... bem me quer...

— E, commovida,

Tremes, como esperando uma sentença atroz...
Suppões que espalhe a noute em nossa vida
A sombra de uma flor perpassando entre nós?

— Mal me quer... Mal me quer... Desde hontem quando

Faltaste, adivinhei tudo que a flor me diz.
Tenho-te junto a mim e fito-te chorando;
Beijas-me ainda, e já não sou feliz.

Sinto que és meu, aperto-te em meus braços
E, no pavor de um sonho angustiado e sem fim,
Ouço como um rumor fugitivo de passos
Que te afastam de mim...

Dize que estou sonhando, que estou louca!
Jura que sou feliz, que os teus dias são meus,
E que o beijo que ainda orvalha a minha bocca
Não é tua alma que me diz adeus.

A amorosa doçura do teu verso
Ecoou em minha alma; em teu verso aprendi
A soletrar o amor, o Amor — esse universo
Radioso, immenso, e resumido em ti.



A tua voz chamou-me; eu escutei-a
 E segui-a, ditosa, a sorrir e a sonhar...
 Fala-me ainda de amor! Não te cales, sereia
 Que me attrahiste para o azul do mar!

Minha alma, envolta em trapos de mendiga,
 Vae seguindo, no chão, do teu passo o rumor.
 Não me deixes! Serei a sombra que te siga,
 Sem indagar onde me leva o amor.

Não me abandones! Ama-me! A risonha
 Aurora inunda o ceu todo afogado em luz...
 Sou formosa, sou moça, amo-te... Ama-me! Sonha,
 Pousada a frente nos meus seios nús!

Que alegre madrugada cor de rosa,
 Ser amada por ti, claro sol que tú és!
 Eu dei-te a minha vida. E' tua. Esbanja-a, gosa
 Toda esta primavera estendida a teus pés.

Bem amado que, como um passaro num ramo,
 Vieste acaso pousar o vôo no meu seio,
 Não me deixes! Eu quero ouvir ainda o gorgueio
 Em que teu beijo é que dizia: "Eu te amo!"

Segue-se o "cahir das folhas", e a "desilludida" que insiste tristemente. Vem a "saudade" daquelle que, por se não perder, a perdeu. Vem a justificação cruel do mal necessario e vem, sobretudo, aquella orvalhada de lagrimas que se crystallisam na "Ultima confidencia" da heroína:

— E se acaso voltar? Que hei de dizer-lhe, quando
 Me perguntar por ti?

— Dize-lhe que me viste uma tarde, chorando...
 Nessa tarde parti.

— Si arrependido e ancioso elle indagar: "Para onde?
 Por onde a buscarei?"

— Dize-lhe: "Para além... para longe..." Responde
 Como eu mesma: "Não sei".

Ai, é tão vasta a noute! A meia luz do occaso
 Desmaia .. anouteceu...

Onde vou? Nem eu sei... Irei seguindo ao acaso
 Até achar o ceu.

Eu cheguei a suppôr que possivel me fosse
 Ser amada — e viver.
 E' tão facil a morte... Ai, seria tão doce
 Ser amada... e morrer!...

Ouve: conta-lhe tu que eu chorava, partindo,
 As lagrimas que vês...
 Só conheci do amor, que imaginei tão lindo,
 O mal que elle me fez.



Narra-lhe transe a transe a dôr que me consome...
Nem houve nunca igual!
Conta-lhe que eu morri murmurando o seu nome
No soluço final!

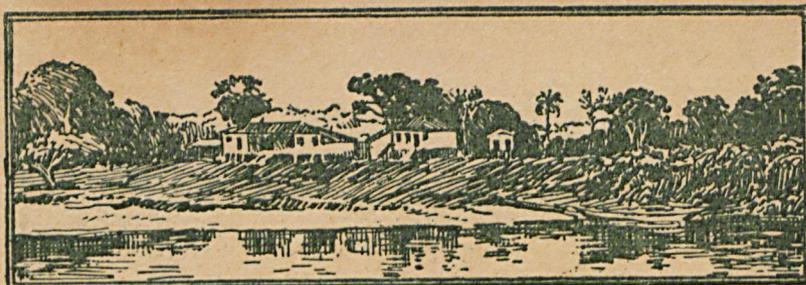
Dize-lhe que o seu nome ensanguentava a bocca
Que o seu beijo não quiz:
Golfa-me em sangue, vês? E eu, murmurando-o, louca!
Sinto-me tão feliz!

Nada lhe contes, não... Poupa-o... Eu quasi o odeio,
Occulta-lh'o! Senhor.
Eu morro!... Amava-o tanto... Amei-o sempre... Amei-o
Até morrer... de amor.

Poema unico, sem precedentes em nossa poesia, repito, "Rosa, rosa de amor..." certissimamente não terá jamais a "cor murchada", como a não tem o episodio daquela outra "misera e mesquinha" que, ha tres seculos e meio, com a sua frescura e o seu perpetuo amanhecer, vem desafiando as injurias do tempo.

O "Bardo" de Goethe, chamado pelo rei a cantar na sala do palacio, cerra os olhos e deixa irromper sua potente voz. Cavalleiros e damas penetram-se do encanto, e o rei, não menos encantado, ordena que lhe tragam uma cadeia de ouro para recompensar o velho bardo. Comtudo o bardo a rejeita: que ella seja dada a outrem, aos cavalleiros, por exemplo, cujo valor despedaça as lanças inimigas. O bardo canta como um passaro canta no seio da folhagem, e os suaves sons que lhe brotam dos labios, que melhor recompensa? Mas um favor elle vae pedir ao rei, este favor sómente: que lhe seja servido vinho, a elle bardo, na mais bella das taças — uma taça de ouro puro.

Não precisaríamos, nós outros, pedir ao rei o excelso dom: a poesia de Vicente de Carvalho pôde ser para nós essa taça de vinho!



A ANGUSTIA DO SILENCIO

LINDOLPHO ESTEVES

Ha cerca de quinze dias, depois de um trabalho quasi ininterrupto de oito horas na correcção da minha obra "Evolução da poesia lyrica no Brasil", these que pretendo publicar pelo Centenario e que me absorve todas as folgas da vida agitada, tomei ao acaso um livro de assumptos abstractos, si me não engano a "Psychologie Anglaise", de Ribot, tentando ler-lhe um capitulo qualquer. Sempre ouvi dizer, e creio até poder affirmar-o de experiencia propria, que o espirito descança com a variação do estudo.

Nessa tarde, ventava extraordinariamente, achava-me encerrado, de vidraças descidas, na sala de visitas que tambem me serve, conforme as necessidades, de gabinete de leitura e casa de jantar. Minha habitação é pequenissima; vivo absolutamente só; mas ficando a dez passos da estação da estrada de ferro, visinhando, de mais a mais, com a Alzira, menina cantadeira, força é convir, não é refugio adequado para quem escreve theses de poesia lyrica e se preocupa com psychologias extrangeiras, maxime com a "Psychologie Anglaise", de Ribot... Todo o rumor citadino entra-me em turbilhões de poeira vermelha, desafinado pela garganta daquela infeliz "prima-dona", ao compasso "tan... tan..." do malho, "tan..." do ferreiro que mora de frente, "tan... tan... tan...", monotona gotta de ferro cahindo na bigorna, como um pingo de agua, somnolento, por noites de chuva, numa bacia de folha de Flandres... Fiz um enorme esforço para concentrar toda a minha atenção na pagina aberta de Ribot e por isso, certamente, se deu o phenomeno extranho, a que eu, para não deixar sem protesto a classificação do Doutor Cerqueira, velho curandeiro da terra,





Cesáreo B. de Quirós





chamei, á falta de melhor denominação: "A Angustia do Silencio". Antes de tudo, uma observação aos leitores: tenho excellentes motivos para considerar-me perfeitamente equilibrado; não ha caso algum de nevrose em meus antepassados, oriundos de duas vergonteadas sadias e rijas do Alemtejo; sou robusto; nunca estive enfermo. Conheço nevroses extravagantes, por exemplo, a surdez do Gilberto; mas esse, evidentemente, é um tarado. Confidenciou-me elle, sou o unico sabedor do caso, que de tempos a tempos, é atacado de uma surdez exquisita, que vem estudando ha muito e já conhece em quasi todas as suas modalidades. Nessas crises, disse-me, fica completamente surdo ás vibrações de algumas notas das oitavas do piano, mais frequentemente dos "mi" e dos "lá". Gilberto é excellente pianista; tem mesmo um premio qualquer do Conservatorio. Para mostrar-me os effeitos da sua bizarra anomalia auditiva, executou-me uma tarde, ao piano, diversos trechos de musica, entre elles a valsa de Brahms de que sou apaixonado, supprimindo-lhes os "mi" e os "lá". Mas, ignorante como sou em cousas de musica, não pude perceber-lhes nitidamente as mutilações.

Creio que muitos leitores estão, como eu, nas mesmas condições de incompetencia musical. Comprehende-se a cousa melhor por uma imagem visual. Tome-se uma phrase qualquer, seja o verso de Bilac:

"Quando uma virgem morre, uma estrella apparece"...

Supprimam-se as vogaes "a" e "e" e escreva-se:

"Qu.ndo um. virg.m morr. um. .str.ll. .pp.r.c."

Supponha-se que os "a" e os "e" representam os "mi" e os "lá" do trecho musical e ter-se-ão, num simile grosseiro, as sensações musicaes do Gilberto nas suas crises de surdez. Este caso bem estudado faria a reputação de meia duzia de psychologos. A surdez musical—a "amusia" dos tratados, é ainda muito imperfeitamente conhecida. O que se deu commigo, porém, é cousa differente. Foi talvez devido, já o disse, á concentração do pensamento na pagina do Ribot. Lembro-me claramente: as vidraças descidas trepidavam ao abalo dos automoveis, "tan... tan..." A Alzira desafinava o espasmodico estribilho: "Mimóoosa"... "tan"... "Mimó..." E foi como se se apagasse a unica lampada dentro de um quarto fechado; não acho melhor comparação para aquelle silencio subito que se seguiu; era como que as trevas absolutas dos meus ouvidos...



Tudo se calara. "E' exquisito!" exclamei, sem ouvir a minha propria voz.

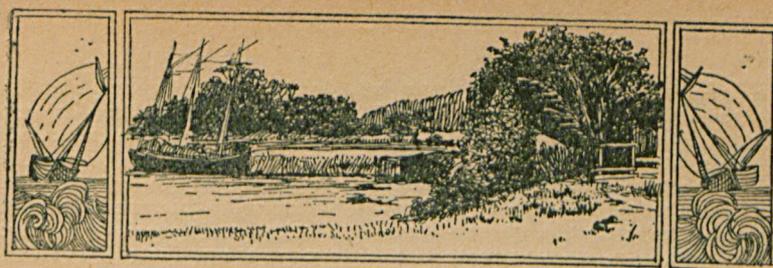
Numa angustia puz-me de pé; a cadeira veio ao chão, silenciosamente, como uma nuvem cahindo sobre outra nuvem. Cheguei até a janella: o Vicente, de avental de couro e chapéu enterrado até os olhos, (sempre pensei que a cabeça delle não tem outra serventia senão a de cabide do chapéu...), martellava num "tan... tan..." que não se ouvia, com um malho de algodão uma foice rubra como um pedaço de sol poente... Automoveis phantasticos deslisavam sobre rolos de poeira... Tomei um dicionario; atirei-o de encontro a um vaso cheio de rosas frescas. Toda uma rima de livros despencou do aparador e entre cacos de porcellana azul espalhou-se pelo assoalho, no silencio impressionante das catastrophes cinematographicas... Não sei; mas talvez porque na vida tudo se move, chora, palpita ou ri e porque o silencio e o repouso são attributos exclusivos da Morte, sempre senti, repetindo a experiencia da campainha no vacuo, classica em Physica, o mesmo terror que invade os navegantes ao penetrarem nessas "Aguas mortas" paralyzadoras das helices dos navios... Não me pude conter: com um grito que devera ser lancinante na minha assombrosa afflicção, arrojéi contra a vidraça tudo o que achei ao alcance das mãos: tinteiro, livros, sinetes...

Meia hora mais tarde voltei a mim. Estava deitado na cama e o Doutor Cerqueira, murmurava-me ao ouvido: "Não foi nada, seu "poeta"!... Este "poeta" vem sempre dos labios do Cerqueira, acondicionado em risinhos de mofa, como balas de chocolate em papel prateado. Tenho-lhes especial ogerisa: ás balas de chocolate e aos "poetas" do Cerqueira: "Foi um acesso passageiro, mais juizinho, meu caro!..."

Ha tres dias soube que em conversa, na pharmacia, unico cenaculo de intellectuaes da terra, o doutor classificou o meu caso de "loucura momentanea". Elle, porém, é um asno chapa-do, useiro e abuseiro da "foi qui guerit", de Charcot. Agora, lendo o "Psychisme Inferieur", explico muito mais agradavelmente para o meu amor proprio aquelle acontecimento, por uma dissociação momentanea dos centros O, Aa do polygono de Grasset. Com isto hei de entupir o Cerqueira. Espero sómente uma sessão solemne do cenaculo com vigario, juiz e director do Grupo, para maior brilho da minha victoria. Estou certo que o Doutor Cerqueira jamais ouviu fallar de Grasset, muito menos do seu polygono; si a unica cousa que elle estuda a serio na vida e experimenta "in vivo" é a "Arte de criar cachorros de raça!..."

(Das *Novellas Phantasmagoricas.*)





IMPORTANCIA DA RIQUEZA MINERAL NO PROGRESSO DAS NAÇÕES

AS CONTRIBUIÇÕES GEOLOGICAS NO BRASIL

O MAPPA GEOLOGICO DE BRANNER

MIGUEL ARROJADO LISBÔA

II

ICA assim posta em relevo a importancia que tem hoje para as nações a posse e a *exploração* das riquezas mineraes usuaes e é nessa predisposição de espirito que devemos julgar do valor, da oportunidade, do interesse especial que representa, para nós brasileiros, a recente publicação do Professor John Casper Branner, Presidente emérito da Universidade de Stanford, na California: RESUMO DA GEOLOGIA DO BRASIL e que acompanha o respectivo mappa confeccionado pelo proprio autor (6).

Entre os scientistas estrangeiros que se têm occupado das nossas cousas, a figura de Branner toma um grande destaque e, pela sua singeleza tocante, pelo desprendimento com que nos tem servido, pela dedicação e amor que vota á nossa terra, desde 1874, quando aqui pela primeira vez aportou, a sua personalidade bem merece a nossa afeição (7).

David Jordam, rememorando os tempos de Cornell, conta-nos como era então conhecido no meio universitario o joven "Jack" Branner: "um grande jovial e caloroso entusiasta, dotado de uma rara intuição

(6) *John Casper Branner*. — Resumo da Geologia para acompanhar o mappa geologico. Edição brasileira, traduzida pelo autor, do *Bullet'n of the Geological Society of America*. Vol. 30, pags. 189-338. Publicada em 30 de Junho de 1919.

(7) *David Starr Jordan*. — Carta particular de 12 de Setembro de 1919 relativamente ao autor do Mappa Geologico.

do lado humorístico das cousas, um dedicado e diligente estudante de sciencias". Esse "Jack" de 1870, membro, com Jordan, do grupo fraternal de estudantes — o *Delta Upsilon* — é, sem mudanças características, o mesmo Branner de 1921, apenas accrescido em annos e em serviços: tem intactos o mesmo espirito jovial, o são opportunismo, os mesmos enthusiasmos pelas suas sciencias, a mesma intelligente generosidade; apenas do seu semblante envelhecido, mais transparece a sua bondade, em contraste flagrante com a sua forte e espaduada corpulencia

Relata Mrs. Susane Branner, a digna consorte, que as rudes montanhas do seu paiz natal e a vida solta que desfructou nas plantações da herdade paterna, despertaram cedo em seu esposo o amor pela natureza. O solar do velho Branner erigia-se ao alto de uma elevada collina: da sua portada dominava-se, em seu pendor, o pittoresco valle do *Frenchbroad river*, emquanto das suas mansardas, bem divisava-se, rio acima, a successão enrugada dos comoros e meias-laranjas a se debaterem na paizagem, até se transmudarem no azul empastelado das montanhas distantes de *Great Smoky*.

Mas, com a guerra da secessão, foi esse scenario o campo preferido de muitas batalhas e a fazenda dos Branner arruinada; Jack não se conformou com a situação no sul e, finda a luta, para fugir a certa promiscuidade consequente, incompativel com tradições que ainda conservava, tres annos mais tarde, aos 18 annos de idade, em 1870, implantou-se em Cornell, então Universidade incipiente, para se dedicar ao estudo das sciencias naturaes.

Cornell passava então por uma phase de acceso interesse pelas cousas do Brasil, pela circumstancia de estar alli a reger a cadeira de geologia Charles Frederic Hartt, antigo assistente de Louis Agassiz, em Harwrd, e seu companheiro na jornada ao Brasil, de 1864 a 1865.

No anno em que Branner entrou para a Universidade, publicava Hartt a sua *Geographia Physica do Brasil*; foi esse tambem o da sua terceira viagem scientifica á nossa terra, quando como assistente veio Orville A. Derby, cuja actividade entre nós havia de se tornar celebre.

Um grande interesse offerece-nos, pois, o desenrolar desse movimento scientifico que teve, na época, por centro aquella Universidade, e vale a pena, partindo de suas origens, abranger num relance o seu historico, seguir-lhe rapido a marcha, pôr em saliencia as varias correntes que gerou e as outras que se lhe foram aggregando, até se constituir entre nós a moderna sciencia geologica. Uma consideração interessante resultará, é certo, desse rapido esboço: o papel saliente que, no desenvolvimento das sciencias geographicas em nosso paiz, representou o ptimismo contagioso de certos espiritos pelas cousas da nossa terra. Esses enthusiasmos communicativos que, como élos de uma mesma cadeia iam prendendo successivamente, no correr do tempo, mestres a discipulos, que inspiravam a generosidade de amigos e a dedicacão de collaboradores, constituiram um factor de grande importancia para a continuidade, nunca interrompida até nossos dias, desse prolongado esforço scientifico, verdadeiramente iniciado pelos viajantes naturalistas allemães do começo do seculo XIX, e cuja synthese preciosa, sob o ponto de vista geologico, encerra o presente volume do Prof. John Casper Branner.

As explorações scientificas de Spix e Martius pelo interior do Brasil, de 1817 a 1820, foram muito celebradas, e constituiram seguramente um dos factos mais notaveis do desenvolvimento das sciencias naturaes do Brasil. Com a exploração contemporanea de Pohl, as de Spix e Martius assignalaram, sob o ponto de vista scientifico, o primeiro



desbravamento da vasta terra brasileira, e do seu alcance se pôde ajuizar pelo marcado interesse que taes expedições despertaram nos centros scientificos por muitos decennios successivos.

Quando os sabios academicos da expedição bavara se recolheram a Munich, encontraram completas as suas colleções e recolhidas a um Museu especial — o *Museu Brasileiro* — pela magnanimidade de Maximiliano José. Sete annos depois de chegada á Baviera ainda trabalhava Spix na classificação dos peixes brasileiros, mas, em 1826 occorreu a sua morte, e Martius entregou todo esse material a Louis Agassiz, um joven estudante que, esquivo á vigilância paterna, se esforçava por dedicar-se, em Munich, ao estudo das sciencias naturaes.

Com pouco estava terminado o trabalho — *Sellecta genera et especies piscium...* e, do seu merito, deu Cuvier um valoroso testemunho abandonado, em 1832, nas mãos do Agassiz, então nos seus 25 annos, todas as notas e o material que colleccionara para a redacção de um trabalho geral que aquelle “antecipara”, disse. (8)

Mas, no convivio intimo de Munich, foi que Martius inspirou ao discipulo o desejo ardente que veio a ter de visitar a nossa terra e de nella trabalhar pela sciencia. “Eu aprecio especialmente nossas visitas a Martius porque elle nos entretém sobre a sua viagem ao Brasil de onde voltou ha alguns annos....”, escrevia, de Munich, em 1827, a sua irmã Cecília. (9)

De como Martius deveria incutir no espirito dos que o rodeavam a sua admiração pela nossa terra, diz-nos aquella descripção memoravel que nos deixou do dia amazonico. São paginas traçadas com esmerada arte e segura sciencia e dão-nos, de certo, a melhor lição, jamais escripta, concernente á nossa natureza equatorial; na litteratura universal nada existe que as exceda como relato ao triumpho da natureza. Devemos a Capistrano de Abreu o merito de tel-as desenterrado, em primoroso vernaculo, oitenta e nove annos depois de escriptas em germanico, e para que não fiquem por outros tantos ainda perdidas nas folhas de um diario damol-a a seguir em transcripção integral. Tambem é lição para mostrar que em litteratura a grande arte requer sabedoria. (10)

Pará, 16 de Agosto de 1819

“Quão feliz me sinto aqui, com que profundeza e intimidade penetra-me agora a intelligencia tanta cousa antes inaccessible! A santidade deste logar, onde todas as forças se reúnem harmonicamente e unisonas entoam um hymno triumphal, amadurece os sentimentos e as idéas. Julgo comprehender melhor o que é ser naturalista. Mergulho quotidianamente na grandiosa e indizível tranquillidade da natureza, e se ainda não posso apanhal-a em sua pragmatica divina, já o presentimento de sua magnificencia impregna-me de um alvoroço delicioso, nunca experimentado antes.

“São tres horas da madrugada; levanto-me da rêde, pois o somno foge de minha excitação; abro as janellas e miro

(8) *Louis Agassiz, his life and correspondence*, edited by Elizabeth Cary Agassiz, pag. 166.

(9) *Louis Agassiz, his life... etc.*, pag. 57.

(10) *Dr. John Bapt. von Spix und Carl Friedr. Phil. von Martius. — Reise in Brasilien. III Th.*, pags. 889-893. A traducção de Capistrano foi publicada no “Jornal do Commercio”, do Rio, em 16 de Agosto de 1908.



“a noite sombria, augusta. Solemnes fulgem os astros, e o
“rio brilha ao reflexo da lua que se vai pôr. Como tudo
“está mysterioso e tranquillo em roda de mim. Ando com a
“lanterna surda pela fresca varanda e considero meus ca-
“ros amigos as arvores e os arbusto que cercam a vivenda
“Muitos dormem com as folhas conchegados, outros, os
“que dormiram de dia, expandem-se tranquillamente á noite
“mansa; poucas flores estão desabrochadas, só vós, odori-
“feras sebes de Paullinias, acolheis com o mais fino aroma
“o peregrino e tu, excelsa, frondosa mangueira, cuja copa
“densa me resguarda do orvalho da noite. Como phantas-
“mas esvoaçam as borboletas nocturnas á volta da luz en-
“ganosa da minha lanterna. O orvalho embebe cada vez
“mais os campos frescos e o ar da noite pousa humido
“sobre os membros aquecidos. Uma cigarra que mora na
“casa, chama-me outra vez para fóra com seu estribillo
“discreto e dá companhia ao meio-sonhador feliz que
“aguarda o dia, conservando-o acordado ao zumbido dos
“mosquitos, aos golpes de um sapo-boi que semelham tim-
“bales, ou ao grito queixoso do caprimulgo.

“Pelos 5 horas vejo a manhã que surge em roda; um
“pardo fino e igual fundido com o vermelho matutino que
“alegra e inunda o ceo; apenas o zenith fica mais escuro.
“As formas do arvoredo approximam-se cada vez mais, o
“terral levanta-se ao Oriente e move-se lento; brilham já
“luzes e reflexos de um vermelho roseo noz zimborios do
“piquei, do castanheiro, da seringueira. Os ramos, as folhas
“movem-se; os sonhadores acordam e banham-se no ar
“fresco da manhã; voam cascudos, zunem mosquitos, gri-
“tam aves, papeando macacos voltam a trepar nas brenhas;
“as borboletas nocturnas, ariscas á luz, recolhem-se titu-
“beantes ao seu ninho florestal; nota-se agitação pelos ca-
“minhos; os roedores tornam aos esconderijos, e as martas
“astutas fogem de vagar das gallinhas que um gallo espe-
“ctaculoso convoca.

“O ar vai-se tornando cada vez mais claro; o dia reben-
“ta; a natureza reveste-se de pompa indescriptivel; a terra
“aguarda seu noivo e vêde! Lá vem elle, como raijo ver-
“melho fulge a fimbria do sol; agora ergue-se o sol; em
“um momento domina inteiro o horizonte, emergindo de
“vagas de fogo e atira candentes raios sobre a terra. Cede
“odiluculo mago, grandes reflexos fogem, accosados de
“escuridão em escuridão; de subito o contemplador arrou-
“bado defronta a terra no luzimento fresco do orvalho,
“festiva, juvenilmente alegre, a mais formosa das noivas.
“Nem uma nuvemzinha no ceo que, immaculado, cobre a
“terra. E' tudo vida: plantas, animaes gozam, luctam.

“Pelos 7 horas começa a desaparecer o orvalho, o terral
“cede um pouco, nota-se já o calor crescente. O sol ascende
“rapido e a prumo o ceo azul, claro e translucido, em que
“todos os vapores se dissolveram por igual, até que mais
“tarde, no horizonte occidental, formam-se flocozinhos
“brancos que apontam contra o astro e paulatinamente
“avultam pelo firmamento afora. Pelos 9 horas o campo
“fica secco de todo: a matta queda-se ao brilho de suas
“lauraceas, umas flores desabrocham, consumiu já outras o



“gozo rapido do amor. Mais uma hora e as nuvens acas-
“tellam-se lá em cima, afeiçoam-se em massas largas e
“espesas e transitam obscurecendo e ás vezes refrigerando
“o sol que avassalou a paisagem em toda a sua plenitude
“luminosa.

“Palpitam as plantas sob os raios solares chamuscantes
“e perdidas entregam-se á excitação potente. Cascudos de
“azas douradas e beija-flores chilream alegremente; varie-
“gadas borboletas e libellulas divertem-se na praia em
“animado jogo de cores; pullulam pelas veredas formigas
“que em correições extensas accarretam folhas para seus
“edificios. Tambem os animaes preguiçosos sentem a exci-
“titação solar; o jacaré levanta-se do tijuco da margem in-
“ferior e installa-se na areia quente; tartarugas e lagartos
“são attrahidos de seus recessos humidos; cobras de cores
“cambiantes umas, outras de cores mortas, serpeiam pelas
“quentes e luminosas picadas. As nuvens vão baixando,
“esgarçam-se em camadas; cada vez mais profundas, mais
“espesas, mais desbotadas envolvem o horizonte azul par-
“dacente; para o zenith adaptam-se em massas claras,
“ampli-derramadas, copias de montanhas gigantesças no
“ar. De chofre cobre-se todo o ceo, apenas num ponto ou
“outro espia o azul profundo; esconde-se o sol, mas tanto
“mais quente reverbera o ar na paisagem.

“Passou meio-dia: torva, pesada, melancholica, pesa esta
“hora sobre a natureza, e cada vez mais alastra a pressão
“e sobrevem o mormaço que a luz do dia gerou. A fome
“e a sede debandam os animaes; só os animaes tranquillos,
“preguiçosos, refugiados na sombra das mattas, nada sus-
“peitam da crise da natureza.

“Mas não tardará: inelutavel, a passo acelerado, vai
“rebenhar: já vai resfriando o ar, furiosos os ventos arre-
“mettem uns contra os outros, escarvam a matta e depois o
“mar, que se agita cada vez mais negro, e os rios que es-
“curos parecem escorrer silenciosos, abafados e sem mur-
“murio pela ventania.

“Ahi vem a tempestade! duas vezes, tres vezes um raio
“pallido traspassara as nuvens: o trovão ruge lento, tran-
“quillo, tremulante: cahem gottas. As plantas respiram
“novamente do seu torpor; outro trovão, e não chuva,
“cordas d'agua despede agora o ceo combalido. A matta
“arqueja; o cicio das folhas postas em movimento passa a
“sussurro, a rufo surdo que atrôa longe. Oscillam flores,
“despenham-se galhos quebrados, troncos apodrecidos: com
“violencia o furacão arrebatá o ultimo encanto da virgin-
“dade das plantas prosternadas. E porque não? Não flo-
“resceram já e amaram? o ingá não enrugou seu estame
“exhausto? a banisteria não deixou já cahir as folhinhas
“douradas do calice fecundado. A espiga de Arun não en-
“tregou já ao temporal o capulho muncho prenehe de grãos?

“Tambem o mundo animal sente o sossobro dessa hora
“tremenda. Mudo, horrorisado, o aviario da matta adeja
“pelo solo; as especies sem conta de insectos procuram
“guarida debaixo das folhas nos troncos; dissuadido de
“guerra e morticinio o mamifero suspende a caçada; só os
“amphibios, de sangue frio, folgam com o diluvio que



“desaba, e em milhares de vozes atroam os côros das rãs
“e pererecas, nas vargens humidas. Nos regatos murmura a
“agua turva atravez das picadas para o rio ou perde-se
“nas gretas do solo. Cada vez vai baixando a temperatura
“do ar, as nuvens esvaziam-se gradualmente, mas apenas
“por curto espaço, e a temperatura está pesada. Rejuve-
“nescido de esplendor resurge o sol de extensas camadas
“de nuvens que cada vez vão se apartando mais, mergu-
“lhando para o sul e para o norte e, como pela manhã, em-
“molduram em figuras tenues e leves o campo azul do fir-
“mamento. Ceruleo já sorri o ceo para a terra que em
“pouco esqueceu seu terror. Uma hora mais tarde já não
“ha mais vestigio de temporal: em novo frescor, enxutas
“pelo raio quente do sol, apparecem as plantas, o animal
“de novo move-se seguindo seu velho costume obedecendo
“aos instinctos hereditarios.

“Assim approxima a tarde, as novas nuvens apparecem
“entre flocos brancos no horizonte, emprestando um as-
“pecto roxo ou amarello sujo á paisagem que liga harmo-
“nicamente os altos arvoredos do fundo, o céu e o mar.
“Baixa o sol e cercado das côres mais variadas desce pela
“porta occidental do firmamento, deixando descanso e
“amor ás creaturas. Com a escuridão vespertina, novos
“anhelos se apoderam do animal e da planta, o cochicho e o
“gorgeio confidenciaes aviventam as sombras da matta;
“uma aspiração renovada de amor respira nos effluvios
“voluptuosos que se desprendem das folhas novamente
“abertas; a natureza entrega-se á força poderosa da sexua-
“lidade. Remancham ainda clarões avulsos no crepusculo
“do sol poente á volta dos cabeços e já na frêscura silen-
“ciosa marcha tranquilla, meiga e fantastica, vai cami-
“nhando a lua argentea sobre a matta escura e as figuras
“fundem-se em formas novas, mais suaves. Sobrevem a
“morte, e a natureza mergulha no somno e no sonho e o
“ether encurvando-se, immensuravel, sobre a terra, bri-
“lhando com testemunhas innumeradas de magnificencia lon-
“ginqua, instilla humildade e confiança no coração do
“homem, dons os mais divinos após um dia de contempla-
“ção e de gozo.

“ Na mesma sequencia notada neste quadro equal appa-
“recem dia a dia, aqui no Pará, pelo menos durante grande
“parte do anno, os mesmos phenomenos naturaes. Com
“magnificencia regular, traz cada hora as mesmas tensões,
“as mesmas distensões das forças naturaes, e cada creatura
“apparece no momento prescripto sobre o grande palco,
“representa e perde-se em seguida na multiplicidade dos
“figurantes. Cada uma obedece ao instincto proprio de sua
“existencia, e comtudo não passa de servo das leis geraes:
“cada uma parece só ter em vista a si propria, e comtudo
“está inteiramente subordinada á communitade; mas o
“homem, alhures acostumado a marcar a hora das epochas
“universaes só por sua consciencia, reconhece naquellas
“pulsações valentes os ponteiros que marcam as horas
“da natureza. E esta successão regular e de ante-mão de-
“terminada dos phenomenos deve se revelar com maior
“nitidez exactamente aqui sob o Equador.



“Por toda a parte nossa terra está subjugada e por assim dizer sujeita ao serviço do astro Supremo; mas só aqui, onde o sol a distancia sempre igual prescreve sempre as mesmas leis, os actos da vida terrestre impostos por elle apparecem quaes movimentos livres e a terra dirse-hia antes alliada, não serva do astro que manda no ceo. Como são diversas as cousas ao Norte e ao Sul, onde a terra, não por apego pacifico, mas sob captivo hostil tem de sujeitar-se ás condições mais diversas, e ás transições violentas e procellosas de uma para outras.

“O contraste violento das estações apaga-se nestas latitudes felizes, apenas perceptivel em diferenças fracas de extensão dos dias. A estação humida e a estação secca, o inverno e o verão mal se distinguem, pois quasi cada dia alterna a chuva e o sol, até certo ponto a primavera e o outono só se denunciam por periodos de vegetação. Esta, favorecida aqui por seus verdadeiros elementos vitaes, calor e humidade, insurge-se na plenitude da magestade, e a partir da borda d’agua cobre toda a terra com o exuberar forte da folhagem sempre verde.

“Muitas plantas, quiçá aquellas exactamente cuja existencia cabe nos limites mais estreitos das regiões equatorias, com frequencia cobrem-se de flores mais de uma vez cada anno; muitas representam a epoca da primavera, outras ao mesmo tempo a do outono; entretanto na maioria desabrocham as flores nos mezes de Novembro a Março, e os fructos amadurecem de Julho a Setembro. Aquella pausa, porem, que durante o outono e o inverno septentrionaes desguarnecem a matta de sua folhagem, aqui nunca se observa, se alguma arvore perde o ornato das folhas que vão ficando velhas, nem por isso fica escalvada, pois novos rebentos substituem logo os que se perdem.

“A esta força vital, infinita, corresponde tambem a abundancia de fructos e só de nome se conhece a má colheita ou falta de colheita. Sob a inspiração de tal natureza, deve fortalecer-se o sentimento com vigor novo. A harmonia grandiosa de todas as forças do universo que aqui defrontamos por toda a parte, parecendo por assim dizer symbolisar os destinos moraes do homem, enche-nos de nova coragem para a vida, das esperanças mais agradaveis e daquella alegria da alma que em lutas constantes discommodas contrariedades tinhamos já quasi perdido”.

Quando Agassiz, quasi quarenta annos depois, poude finalmente realizar o intento que lhe despertara Martius, escreveu:

“Para o Brasil eu fui arrastado por uma aspiração de toda minha vida...” “Desde esse tempo” — dos seus vinte annos em Munich — “o desejo de estudar essa fauna, nas proprias regiões a que pertence, tornou-se minha idéa fixa; um projecto adiado por falta de oppor-tunidade, porem, nunca inteiramente esquecido” (11)

(11) *Prof. and Mrs. Louis Agassiz. — A Journey in Brasil, Boston, 1869, pag. V.*



Esse irreprimível desejo transmittia Agassiz inconscientemente aos seus amigos, a provocar-lhes também o entusiasmo e até a generosidade; e daquelle e desta partilhamos largamente os benefícios, pois, nullo é o valor das collecções das nossas cousas recolhidas aos museus de outros paizes pelas expedições estrangeiras, em face dos proventos extraordinarios que nos advieram do consequente trabalho scientifico para a revelação da nossa natureza.

Singela e tocante é a narração do sabio ao confessar sinceramente a sua surpresa quando chegou o momento de usufruir dos resultados do laço com que elle proprio, *inconscientemente*, com a sua palavra transbordante de entusiasmo, com todo o seu natural engenho, enleava á generosidade dos servidores da sciencia: "Emquanto eu chocava esses pensamentos tive a felicidade de encontrar-me com Nathaniel Thayer, em quem sempre encontrei um generoso amigo da sciencia. A idéa "de a elle recorrer para executar um programma dessa magnitude" — a expedição scientifica ao Brasil e principalmente á Amazonia — "não me havia occorrido; mas elle abordou o assumpto e, depois de mostrar o seu interesse pelo mesmo..." propoz-se, curto, custear a expedição. "Isso foi dito tão simplesmente e pareceu-me um tão grande favor que a principio difficilmente acreditei tel-o ouvido direito." (12)

A expedição de Agassiz, patrocinada pelo Imperador, pelo Governo Imperial do Brasil, conhecida por "Expedição Thayer", em homenagem á magnanimidade do seu doador, marca, como veremos, o inicio da segunda etapa no progresso da descoberta da nossa terra para a sciencia.

Da admiração de Agassiz pelo Brasil, antes de visital-o, fallam-nos fortemente as preleções que, sobre as cousas do nosso paiz proferiu durante a viagem do "Colorado", entre New-York e o Rio, dirigindo-se aos seus discipulos e collaboradores, com o fim de lhes preparar o espirito para melhor surprehenderem a nossa natureza; como manteve e visitando-a, attesta todo esse interessante diario que escreveu com Mrs. Agassiz. Não diminuiu esse seu sentimento quando, com surpresa, por volta da sua viagem, nos estudos subsequentes de laboratorio, foram sendo restringidas as especies e os generos que aos centenares julgara ter descoberto na rica fauna ichtyologica amazonica, mesmo assim ainda formidavelmente rica, nem tão pouco mais tarde depois de ter confessado outros erros que cometera por generalisações descabidas.

Esse entusiasmo communicativo de Agassiz, até eu proprio, que não fui seu discipulo nem pessoalmente o conheci, também experimentei na leitura daquelle seu livro suggestivo.

Andava então pelos meus vinte annos de idade e vinha de completar as aulas de zoologia do Prof. Leonidas Botelho — mestre que também sabia leccionar — e iniciava-me na sciencia geologica. Não só me despertou a leitura do "Ajourney in Brazil" um maior interesse por taes estudos, como determinou a resolução que tomei de procurar uma immediata oportunidade para conhecer a Amazonia. Claro é que assim, a caça porfiada de uma occasião, não tardou a que se me depa-
rasse o pretexto e, poucos mezes depois de formado partia eu para a região do rio-mar, avido de um prolongado contacto com a sua natureza exuberante. Os longos mezes passados na solidão da matta virgem equatorial, em uma quasi completa segregação do mundo civilisado,

(12) *Ibd.* — pag. VI.



cercado de índios e mocambeiros, ora na defensiva de seus ataques, ora confiado na protecção que me dispensavam, vivendo sob mercê dos seus fartos recursos, foram decisiva lição para a minha vida de profissional e um dos principaes fundamentos do meu entusiasmo pela minha terra. Isso devo, é certo, a inspiração desse livro, ainda hoje, para mim, dos mais seductores de quantos relatam jornadas pelo Brasil.

Quando Agassiz, em 1864, partiu de Haward para a expedição ao Amazonas, levava consigo Hartt, de 23 annos de idade, e cujo interesse scientifico pela nossa terra tornou-se d'ahi por diante a preocupação de toda a sua vida.

Bem mais impressionante que a de Agassiz é, para nós, a personalidade de Charles Frederic Hartt e, do encanto de suas lições em Cornell, do amor que pela sua sciencia sabia inspirar aos seus discipulos, falam todos estes em um conceito unanime: "*foi um professor tão raro e enthu-siastico quanto seductor*". (13)

O quanto lhe ia n'alma a natureza da nossa terra, dizem-nos as emoções que, com maestria e parcimonia, expargiu em sua obra scientifica. Subjugado pelo grandioso scenario das montanhas do Rio, escreveu estas linhas que a um tempo exprimem a emoção do sabio e a admiração do artista ante um dos espectaculos que elle considerou dos mais maravilhosos da natureza:

"Todos os viajantes fallam da belleza romantica desta paragem e merece ella taes louvores, porque, apesar de "revestida da quente verdura tropical, é realmente suissa no character de seus scenarios. Para o geologo que tenha "uma alma qualquer, algum amor do bello, não existe scena alguma, com toda a sua fria analyse dos elementos topographicos e geologicos, capaz de dar-lhe, com mais força, "a impressão de uma obra de "artista". Eu não conheço "vista alguma que tanto me tenha emocionado — não somente como observador scientifico mas como homem — "quanto os arredores do Rio vistos do topo do Corcovado. "Alli ha para todos nós um milhar de assumptos á observação e estudo e além disso nos accomette uma sensação "parecida, porém infinitamente mais profunda e impressionante, a que experimentamos quando, em uma velha cathedral, sentamo-nos para estudar a sublime criação dos "antigos mestres.

"Quem puder se debruçar sobre o parapeito que corôa o "Corcovado, a mais de 2.000 pés de altura, e contemplar em "baixo o templo de palmeiras do Jardim Botanico e a silenciosa Lagôa de Freitas — um outro céu em cuja profundidade correm nuvens macias como lã — quem puder "admirar os soberbos picos circundantes, verdes, em uma "primavera eterna, e tremulando aos reflexos prateados das "Cecroplas (embaubas)—quem puder mirar do alto as ilhas "e o mar pontilhado de velas, e as laminas das ondas rastejando nas praias longas e encurvadas, e depois divisar a "bahia com a cidade rematando largamente as suas curvas "amplas, o mar de collinas mais longe, a magestosa Serra "dos Orgãos elevando o seu grande dorso, a distancia, no "admiravel azul, muito acima do manto nivelado das nu-

(13) *David S. Jordan*. — Notas biographicas em carta particular.



“vens, com os seus grandes minaretes fortemente desta-
“cados no ether purpureo — e puder intelligentemente
“considerar as leis geologicas, climaticas e todas as demais
“leis naturaes que determinaram os elementos de belleza e
“utilidade na scena, e não tiver toda a sua alma voltada
“para o artista cuja mãos modelou os continentes, esculptu-
“rou os seus delineamentos, derramou sobre elles os seus
“mantos de vegetação, povoando-os de formas “vivas”, não
“foi além do alphabeto e da gramatica da sua sciencia, não
“tem idéa da litteratura da natureza...”

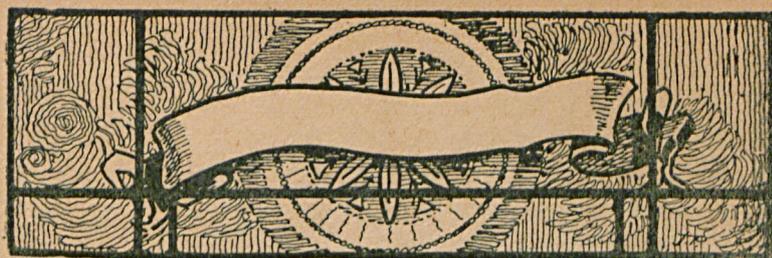
Em sua eloquencia o estylo é de Chateaubriand, mas, pela narração precisa, synthetica, das emoções fortes e successivas que a todos invade quando na contemplação do quadro narrado, além do artista, na armação desse texto resalta o homem de sciencia.

Orville Derby relatou-me um dia como os seus discipulos, pela arte do mestre — tanto pelas suas palavras, como pelas suas attitudes e pela sua acção — se faziam delle prisioneiros, e explicou-me como lhe fôra impossivel renunciar o proposito de proseguir aqui na obra interrompida de Hartt, embora isso o obrigasse a abandonar o seu paiz natal. Tambem foi cheio de convicção que um dia me relatou José Americo dos Santos o seu ultimo encontro com Carlos Frederico: esperava-o, em um dia do mez de Março de 1878, em um café, á rua 1.º de Março, de volta do Ministerio da Agricultura, para onde havia ido o professor em sua ultima tentativa para o salvamento da extincta Commissão Geologica do Imperio e do seu rico material, collectado com tão grande sacrificio. Não fôra demasiada a demora, pois, com pouco, a alta figura do geologo se achegava á mesa de espera, mas, a sua physionomia não mais transbordava naquella expressão de energia vivaz e de intelligente percepção que ainda hoje divisamos em alguns de seus retratos: os espessos e longos bigodes tombavam agora freneticamente retorcidos, o seu olhar se embaciara e, repentinamente alquebrado, cedendo-lhe as pernas, deixou-se cair a uma cadeira, repelliu com fastio a chicara que lhe embargava o repouso dos cotovellos e, pondo ambas as mãos á frente quiz occultar a forte commoção, mas não o conseguiu: acabava de ser definitivamente desenganado quanto á possibilidade de reviver-se a extincta Commissão Geologica do Imperio do Brasil.

E, passado tres a quatro dias, victimado por violenta febre, aos 38 annos de idade, não mais fazia parte de entre os vivos, Charles Frederic Hartt, Professor em Cornell, o verdadeiro fundador da moderna geologia brasileira, tanto pela obra que elle proprio elaborara quanto pela que, aproveitando-lhe as lições, os seus discipulos concluíram.

Com Orville A. Derby e John C. Branner é que esse movimento iniciado em Cornell, entre 1869 e 1874, sob a influencia de C. F. Hartt, repercutiu até nossos dias, por cincoenta annos de um continuado trabalho. A importancia desse esforço se tornará patente com a succinta narrativa do desenvolvimento da sciencia geologica entre nós.





POESIAS

RONDÓ DA GLORIA

*A Gloria é o bem que me fascina
Do alto da torre crystallina
Que eu escalar debalde tento,
Para agitar, aberta ao vento,
Minha bandeira purpurina!*

*A' estrophe, limpida e argentina,
Da rima prendo a aza opalina,
Para subir, num pensamento,
A' Gloria!*

*Cellini a cinzelar me ensina,
Sanzio — a traçar, na tela fina,
Um vôo de anjo em céu nevoento.
Côres combino, sons invento...
E é um vago fumo, uma neblina
A Gloria!*

MAR INTERIOR

*Meu coração te espera ha quasi um anno! E um anno
Para quem ama é a eternidade!
E á tona deste amor, que é um agitado oceano,
Palpita a vela da saudade!*

*No fundo deste mar habita uma Esperança,
Canta uma lyrica sereia
De voz de philtro, olhar celeste e fluida trança,
Que os sonhos prende em brumea teia...*

*Este mar, minha linda, encerra maravilhas,
Assombros, cousas fabulosas:
— Procellas de perfume, ondas de nectar, ilhas
D'oiro, archipelagos de rosas;*

*Claras constellações de acceza pedraria,
Conchas de nacar, buzios cardeos,
Grutas de malachite, enseadas de ambrosia,
Syrtes de onyx, parceis de sardios...*

*Tudo encerra este mar, que espuma e se encapella
E vagalhões de prantos rola,
Mas que, sereno e azul, de perolas se estrella
Si um teu sorriso me consola!*

RONDÓ DO AMOR

*Loiro Lyrio celeste, que amo tanto,
Vê: não tenho repouso um só momento!
No silencio da noite arde o meu pranto
Como as estrellas pelo firmamento!*

*Ouve a aragem nocturna o meu lamento
Que rebôa através deste recanto...*



*E não vens abrandar o meu tormento,
Loiro Lyrio celeste, que amo tanto!*

*Para adorar-te a imagem de almo encanto,
Por alta noite, exposto ao frio e ao vento,
Me ajoelho ao pé de um lyrio, como um santo...
Vê: não tenho repouso um só momento!*

*Dou a este amor combate mais violento
Do que os de Salamina e de Lepanto:
Em vão! o amor me vence, e, em fios, lento,
No silencio da noite arde o meu pranto!*

*Do ethereo riso que me poz quebranto
Não cicatriza nunca o ferimento.
As rimas lacrimenam no meu canto
Como as estrellas pelo firmamento!*

*E não ha de findar o soffrimento
Que o olhar me cobre de uma nevoa, enquanto
Não me envolveres, como em pallio bento,
Do teu cabelo no macio manto,
Loiro lyrio celeste!*

GUSTAVO TEIXEIRA.

SULAMITA

*Sorgi, diletta, mia!
Sorgi dal talamo! vieni, o gentil!*
CAVALOTTI.

*Por que não vens? Meu leito está, de ha muito, á espera
Da caricia aromal do teu corpo divino.
Clamo em vão, por teu nome, e, em vão, se dilacera
Meu peito, ao doido ansiar desse triste destino!*

*Sonho que em luz melhor, ó rutila chimera,
Fulge teu sonho, estranho, e excelso, e peregrino!...
E á dôr de te saber perdida, á dôr me inclino
E desfalleço — Outono em plena Primavera!*

*Por que não vens? Por que és trancada ao meu reclamo!?
— Que me vale viver esta vida que eu vivo,
Se não chego a alcançar o Bem que alto proclamo!*

*Ai! o pezar do amor evanescente e esquivo!
E o amor mentiu-me! E amei, ardendo em febre, e ainda amo
Bemdizendo o grilhão que me tornou captivo!*

O SONHO DE SALOME'

*I want the head of Yokanaan.
O. WILDE.*

*...E Herodes silenciou... Calma por tudo! Apenas
Salomé pede os véos para a dança immortal:
— Venha a ancilla despir-me as sandalias pequenas,
Traga-me o estojo azul do meu perfume ideal.*

*Que importa o solo esteja a sangue tinto? Scenas
Assim devem fulgir num recinto amormal...
O Petrarcha jurou... e é Rei, disse! — E phalenas
Branças, seus niveos pés, voaram num Sonho Real!*

*Findo o gyro, enunciou alegre o seu desejo:
— Quero num grande prato argenteo... Herodes susta
A phrase dessa bocca esplendida e pagan.*

*Que queres tu, num prato argenteo, ó filha augusta
Da Judeia?!... E, radiante, entre um sorriso e um beijo:
Quero a cabeça de Yokanaan.*

EXPOSIÇÃO QUIRÓS



O rei dos palhaços

EXPOSIÇÃO QUIRÓS



Cesáreo Quirós — "Maja mallorquina" (Premiado no *Salon*)

PAIZAGEM PAGAN

*Perto, o rio a correr, de aguas claras e mansas...
Em torno, o bosque, em flôr! No alto, o céu, claro e lindo!
Passa cantando o vento, em surdina, nas franças
Das arvores... O sol, no azul, surge fulgindo.*

*Manhã. Apraz a Lucia ir ao banho. (Das tranças
Do seu cabelo — a briza esparze um cheiro infindo —)
Toma o caminho, e vae, como vão as creanças,
Cigarras do verão da mocidade, rindo.*

*Chega á lympha, por fim. Despe o roupão... Medrosa
Espia... Em volta, vê, sómente arvores, flores
E o baptismo pagão, da agua pagan, sómente.*

*Depois, torna ao caminho. A volta. E a agua saudosa
Do seu corpo aromal, provocante de amores.
Estanque, e triste, e só, geme perpetuamente!*

ARAUJO FILHO.





O BIGODE DO GENTILHOMEN

THEODORO MAGALHÃES

Ignácio Marcondes, cavalleiro de d. Pedro, nessa manhã de maio de 1831, bem cedo ainda, puzera a sua navalha de cabo de marfim sobre o peitoril da janella da sua fazenda, em Pindamonhangaba, pendurara numa columnata da varanda um espelho quadrilongo e começara numa antiga saboneteira de prata lavrada a dissolver o sabão de alfazema que usava para se barbear. Ouvio um zurro de cavalgadura e voltou o olhar para fóra; num relance, reconheceu que a sua besta baía, impaciente, espojava-se na relva em reviravoltas exquisitas. Começou a observar a alimaria; áquelle animal tinha estimação. Nelle montado, costumava fazer jornadas longas, pela estrada fora, em dias de sol cálido ou em noites escuras, só, sem pagem, atravessando riachos, subindo encostas, embrenhando-se na mata espessa e conseguindo em carreiras vertiginosas ganhar o caminho que o conduzia á Côrte, onde, fiel subdito, accorria a tomar parte no sequito d'el-rei durante as festas de gala do paço imperial. E poz-se a mirar de longe a cavalgadura, até que chamou por um escravo que tocava uma vara de porcos que invadira o terreiro, e ordenou-lhe fosse verificar si o animal se agitava machucado dalguma mordidella do "Tigre", o cão feroz que acompanhava o gado ao pasto ou vigiava o curral em noitadas de invernia.

Ignácio Marcondes deixou a atenção sobre a campina e foi-se deixando abstrahir; o cerebro ficou num pasmo, a vista pareceu crystalizar-se, e todo elle se mergulhou num vago absoluto.

O sol claro empoeirava-se em nuvens de oiro sobre o arvoredado espesso; as cabras e os carneiros em meio de um outeiro abo-



cavam a relva verde que tapizava a collina; os carreiros passavam distante, levando as carroças que deviam transportar as colheitas que os afadigados, cantando tristes trovas, acumulavam, na roça, em largos taboleiros. A'quella hora o trabalho ia intenso; no terreiro, na lavoura, sob o tecto da senzala, e até á margem do corrego que colleava naquelles arredores, cinco negros semi-nus paralytavam as aguas construindo uma represa.

Ignacio Marcondes ficara alheado; na mesma postura, o pincel entre os dedos, a fronte erguida, tinha a imaginação parada e o olhar preso, indifferente ao que o cercava.

Subito, rangeu a porteira e galopando á redea solta, entrou na fazenda Manoel Porfirio, seu amigo, homem de costumes rijos, portuguez adoptivo e que andara em São Paulo a aliciar adeptos á independencia, quando Avilez tentou se oppor á ficada de d. Pedro.

Ignacio Marcondes á chegada de seu antigo camarada despertou e inquiriu-lhe surpreso:

— Tão cedo por esta casa? Vamos ao café?

— Pouco me demoro. E saltando da sua mula amarrou a rédea num galho de arvore, apertou a correia donde balouçava a caçamba de prata, enfiou no pulso a corrente do rebenque, sacudiu-se, suspendeu ao alto do cocuruto o chapéo manilha, e batendo no chão as esporas doiradas, aproximou-se da janella onde já Ignácio Marcondes se debruçara e disse-lhe:

— Meu sobrinho José Fernando veio hontem da Côrte. Grandes novidades!

— Que há? Prepara-se alguma recepção para se festejar o anniversario da coroação do rei? Em dezembro não posso ir á cidade! Tenho trabalho até o fim do anno.

— Qual! meu amigo. Cousa muito importante. D. Pedro deixou o Brasil.

— D. Pedro deixou o Brasil, repetio attonito Ignácio Marcondes. Não é possível.

— No dia 6 de abril houve uma revolta da tropa. O imperador, na manhã seguinte, embarcou numa não ingleza, abdicou o throno no filho e nomeou tutor do menino a José Bonifacio.

— E quem governa esta terra?

— Uma regencia provisoria, composta de Nicolau Vergueiro, do Lima e Silva e do Marquez de Caravellas.

— Do Lima? Você está enganado. Esse homem deve muito ao imperador. Não iria trahil-o.

— Pois, meu amigo, foi um dos cabeças do motim.

— Mas isso que você conta é certo, amigo Manuel?



— Certissimo, caro Marcondes. Meu sobrinho trouxe-me até um periodico com o decreto de d. Pedro.

— Parece incrível! — murmurou contristado Ignacio Marcondes. — E ninguem defendeu o imperador! — Miseraveis!

E quedou-se a scismar, a physionomia magoada, os olhos empanados, o coração a comprimi-lo numa melancolia vaga e dolorida.

Naquelle momento, o seu pensamento caldeante vio uma successão de calamidades sem fim para o Brasil e a sua alma de fidalgo amigo, comburentava-se numa saudade immensa pelo seu rei e senhor.

De repente, Ignacio Marcondes deu uma punhada no ar e, escandecido o semblante sombrio, os beiços brancos de raiva, ensabouo nervoso o rosto inteiro; abriu a navalha, deu com ella duas voltas no assentador de pita e começou a passal-a, febrilmente na face acalorada. O aço rangia entre os fios de barba e a cara razoirava-se em perfeito escanhoar. E quando parecia concluido o barbear, voltou-se para Manuel Porfirio que o não comprehendia naquelle frenesi e o olhava admirado, e murmurou.

— Agora, nunca mais. — E num apice deitou abaixo o bigode quasi numa furia, dando um lanho que enrubesceu com um laivo de sangue a branca espuma do sabonete.

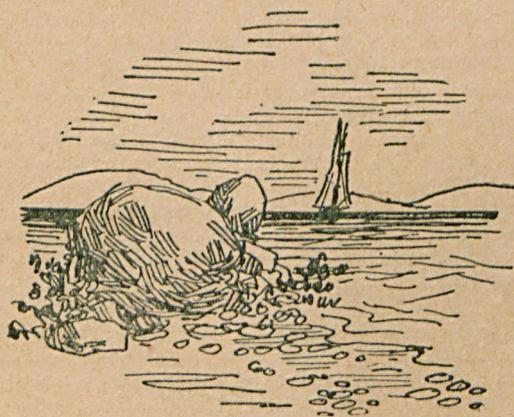
Manuel Porfirio sorriu; percebera o gesto do amigo. Ignacio Marcondes raspava toda a cara sempre que vinha da sua fazenda á Côrte e vestia sua farda de gentil-homem para acompanhar d. Pedro nas grandes solemnidades do paço. Assim era hábito entre a fidalguia do rei que procurava uniformizar as physionomias, trazendo nas grandes festas, os rostos sem um fio de cabelo.

Daquella hora em diante, Ignacio Marcondes, como um protesto á expatriação do seu amo, apresentar-se-ia por toda a parte com o mesmo aspecto por que o imperador o conhecia, e, nos salões da Quinta, toda a gente o via na comitiva real. Não traria mais o bigode; a sua figura daria a lembrança dos saraus do seu soberano e, portanto, quem o observasse, recordar-se-ia forçosamente de d. Pedro, o seu monarcha, o seu querido senhor, a quem não desamparara nas margens do Ypiranga.

Poderia parecer extravagante a sua ideia; elle, porém, a pensou naquelle instante de angustia em que soube da deposição forçada do principe, executou-a e não mais a revogaria.

Demais, que importava aquelle meio original de demonstração de fidelidade ao imperador? Elle, renunciando ao uso de seu bigode, fazia gala do seu affecto, da sua solidariedade, do seu apreço ao proclamador da independencia do Brasil.

E desde aquelle dia, Ignacio Marcondes, todas as manhãs, no mesmo sitio, já o sol levantando, depois de contemplar a arvore onde revia a figura de Manuel Porfirio a contar-lhe a partida de Pedro I, religiosamente, immerso numa penumbra de saudade, raspava todo o rosto, evocando reminiscencias dos bailes de S. Christovão aonde nunca mais voltaria.





O CONTAGIO DA VARIOLA

RODOLPHO THEOPHILO

O sr. dr. Antonino Ferrari em uma conferencia, que fez, na Sociedade de Medicina e Cirurgia affirmou: — “que a variola epidemica não se propaga por contagio directo, que são as pulgas os vectores naturaes da variola”.

Quem assistiu á epidemia de variola em Fortaleza, em 1878, a maior que já houve no mundo, a qual matou em dois, mezes, em uma população de pouco mais de cem mil almas, mais de trinta e cinco mil pessoas, sendo em um só dia mil e quatro individuos, não pode concordar com a asserção do dr. Ferrari.

Os factos por mim observados nesta grande epidemia e depois, não faz muitos annos, no Morro do Moinho, em Fortaleza, convenceram-me de que a variola propaga-se por contagio directo. Os vectores não são sómente as pulgas; podem ser tambem as moscas, os mosquitos, o vento.

E' melhor discutir com factos do que com theorias.

A variola em 1878 veio do Aracaty para Fortaleza, com os retirantes e não com as pulgas. Os primeiros casos deram-se no abarracamento retirantes na estrada de Pacatuba. Os famintos não eram vaccinados. A cifra das immunes pela vaccina talvez não chegasse a 5%. E' preciso notar que nos abarracamentos não havia pulgas.

Os poucos que haviam trazido a variola incubada bastaram para propagal-a de um modo assombroso.

Foi uma pequena faisca que determinou um incendio pavoroso.

Trinta dias depois dos primeiros casos da peste, havia variola por toda a cidade: talvez cincoenta mil doentes.

As casas em que não havia pulgas não foram respeitadas pela peste.

A variola entrou no palacio do governo, vivenda confortavel, em que os pavimentos eram de madeira ou de mosaico, de um asseio rigoroso, absolutamente sem pulgas, e atacou a mulher do Presidente da Provincia. Esta senhora, temendo o contagio, vivia de portas fechadas, num completo isolamento, em companhia do marido e de tres creadas. Se fosse a pulga o unico vector da variola, como affirma o dr. Ferrari, ella estaria livre do terrivel morbus; porém, como não era, foi acommettida do mal, e fallecia dentro de tres dias de variola hemorrhagica.

Quando estive a passeio na capital da Bahia, conversando com um



antigo collega, hoje professor da Faculdade de Medicina e notavel cirurgião, sobre o contagio da variola, disse-me elle que a senhora delle havia tido variola. Estranhando o caso, disse-se que a mulher fóra vaccinada havia muito tempo, que moravam em um bairro de gente educada, embora em uma cidade em que a variola era endemica. Mas sem receio, a mulher não se revaccinava. Por fatalidade veio um hospede para uma casa distante da sua uma centena de metros, a barlavento, e ahi adoeceu de variola, que já trazia incubada, e ahi ficou até restabelecer-se. Depois de curado, a familia que o hospedava expoz ao sol, no quintal da casa, o colchão em que elle havia curtido toda a molestia.

Dias depois, a senhora do meu amigo adoeceu de variola confluyente; esteve entre a vida e a morte, restabelecendo-se depois de muito soffrer.

Para ainda provar que a pulga não é o unico vector da variola, relembro o seguinte facto:

Havia annos que não era registado caso de variola em Fortaleza, quando foi atacada de variola uma creança filha do meu collega e amigo pharmaceutico Rodrigues de Andrade, residente naquella tempo á rua do Senador Pompêo.

O caso era extraordinario e alarmou toda a rua e tambem a cidade. Feitas as primeiras indagações afim de descobrir-se a procedencia da variola, soube-se que um doente vindo do Pará, com bexigas, hospedara-se em uma casa naquella rua, no quarteirão fronteiro á residencia do pharmaceutico Andrade.

Quando em Fortaleza houve uma pequena epidemia de variola no Morro do Moinho, causada pelo governo Accioly, que mandou para aquelle arraial um varioloso que desembarcára do vapor "Jaboatão", de mais de trezentas pessoas não vaccinadas, aprendi muita cousa e fiquei convencido de que o vento é o vehiculo que mais propaga a variola.

O casebre que allugaram para tratar do varioloso começava uma rua de dezenas de palhoças. Em materia de saude publica a cousa era tão monstruosa que fiz photographar o pseudo lazareto e inseri aquelle documento do desgoverno daquella epocha em meu livro segundo — "Variola e Vacinação".

Na visinhança do pardieiro em que se achava o bexigoso, moravam uma mulher viuva e quatro filhos, que não eram vaccinados.

O doente vivia fechado noite e dia; porisso, o seu desalmado enfermeiro sahia pela manhã para a officina de encadernador e voltava ao pôr do sol. O desgraçado que fizesse pela vida, comesse bolachas e tomasse o leite, que lhe deixava crú. Estava assim interdicto.

Dias depois que as pustulas entraram no periodo da seca, indo fazer minha visita quotidiana ao Morro do Moinho, encontrei a filha mais velha da viuva com febre alta e todos os symptomas da variola.

Disse-lhe: "Deuz quiz que tivesse bexigas". Falei-lhe assim porque ella me havia dito, quando roguei para que se vaccinasse que só tinha bexigas quem Deuz queria.

Qual foi o vector da variola no caso presente? Só podia ser o vento, que levou as tenues escaras das pustulas variolicas, que foram respiradas pela enferma.

Dias depois a viuva foi tambem atacada de variola, pela segunda vez. A pobre mulher ficou acovardada. Ella era o ganha-pão da familia, como lavadeira.

A gente do arraial amedrontou-se quando soube que a variola chegára á casa da viuva, atacando esta e uma filha.



Aproveitei a ocasião para mostrar-lhe o perigo a que se expunha, recusando a vaccina, o unico meio que tinha de livrar-se da peste.

Depois de reluctarem um pouco, accordaram que se vaccinariam, porém, dando eu algum dinheiro para o resguardo da molestia. Convencel-os de que não precisava alimentação especial, que a comida seria a mesma de todos os dias era trabalho perdido. O caso não admittindo delongas e a cidade na eminencia de ser invadida pela peste, acceitei a proposta e comecei a vaccinar, pagando mil reis por cabeça.

Na casa da viuva havia tres criças para vaccinar, um de 8, outra de 9 e outra de 10 annos. Vaccineei-as contr a opinião de alguns medicos, que são contra a vaccinação quando existe variola no meio em que vive a pessoa não immune.

Em vez de duas vaccinas em um só braço, como costume fazer, puz tres vaccinas em cada braço.

Observava diariamente a evolução da vaccina, que foi normal, começando a seccar no decimo dia.

Exultava com o resultado, quando, visitando no undecimo dia as vaccinadas encontrei-as todas tres com febre de 38 graos; estavam com variola.

Qual não foi a minha admiração, quando, dois dias depois, vi que a febre havia desaparecido, que se tratava de variola de forma frusta. As meninas passaram a molestia de pé, pois as pustulas, nas que tiveram em maior quantidade, não passaram de umas vinte Seccaram sem deixar signal.

Ainda ha pouco tempo vi essas creaturas, já mulheres, casadas, sem a mais leve marca de bexigas.

Esse factio convenceu-me que se deve praticar a vaccinação, muito embora a variola esteja incubada

Em uma das visitas ás variolosas, encontrei uma mulher visitando os enfermos. Exprobei-lhe a temeridade, pedindo que não mais ali voltasse, pois, podia contrahir a molestia. Respondeu-me ser vaccinada. Disse que podia levar a bexiga para os outros. Foi nessa ocasião que inventei a historia da propagação da variola.

Riu-se, deu um "muxoxo" e quando sahii disse-me com desdem: — "veja se levo alguma cousa".

Esta mulher era casada, sem filhos, vaccinada como tambem o marido, e em casa morava uma sua tia, velha, não vaccinada, que absolutamente não sahia de casa. A sua palhoça ficava na rua de S. Cosmo, cerca de dois kilometros do Morro do Moinho.

No dia em que se restabeleceu o ultimo varioloso propuz á dona da choça fazer a desinfecção pelo fogo e depois, mandar construir uma casinha para ella. Accedeu. No dia aprasado para o incendio, chegando lá, soube que a mulher a quem pedi para não continuar as suas visitas aos variolosos, continuou-as nas horas em que sabia que por lá eu não apparecia, e que viera pedir para avisar-me que fosse á casa della ver a tia, que pensava estar com variola.

Fui e encontrei-a variolosa Fiz transportal-a para a palhoça que servia de lazareto, onde acabou-se em poucos dias de variola confluyente, largando os pedaços e contagiada a distancia por doentes de variola discreta.

O contagio havia sido directo. O vehiculo, a mulher que levou nas roupas o germen da variola.

Entendo que "contagio directo" é aquelle que se faz por agentes que transportam mecanicamente o microbio, com o vento. O contrario observa-se no "contagio indirecto". Neste caso o microbio é



introduzido em um ser vivo e este por sua vez vai inoculal-o no homem como se observa na febre amarella, no paludismo, na peste bubonica ect.

Um doente de febre amarella transportado para um logar em que não haja "stegomya faciaa", pode estar em contacto, dormir no mesmo leito, com individuos em condições de receptividade e estes não terão a molestia. O mesmo se observará com o paludismo onde não houver "anopheliz". O mesmo ainda com a peste bubonica no lugar em que não existam pulgas. Penso que esses exemplos são sufficientes para ficar bem provada a questão do contágio directo e indirecto.

A vaccina generalizada, de que fallam alguns autores, nunca tive occasião de observar em quarenta mil vaccinações que eu proprio tenho feito.

Casos de variolisação vi innumerous em individuos vaccinados com o virus de variola discreta.

Casos de vaccina retardada tenho conhecimento de dois, um observado em Macejana e outro em Limoeiro. Do deste lugar tive communição pelo nosso confrade commissario vaccinador José Osternes Maia, que me informou ter vaccinado uma cerança e só depois de seis mezes sahiram as vaccinas, que foram boas.

Já tive occasião de ver um caso de vaccina retardada em um vitello. Sendo de 5 dias todo o periodo da evolução, no caso observado foi de 15 dias.

O Dr. Ferrari não apresenta observações, factos que comprovem as suas affirmações.

Diz, por exemplo: — "A vaccinação não se tem mostrado entre nós sufficiente a sufocar expansões epidemicas, que resurgem periodicas, evolvem, declinam e desapparecem espontaneamente para de novo resurgirem em novo periodo e na mesma quadra do anno obedecendo a lei fatal de sua evolução epidemiologica".

Isso dito assim sem factos que confirmem as affirmações não merece fé.

Os factos por mim observados e citados provam que as asserções do Sr. Dr. Ferrari são inverdicas.

Só existe um meio de suffocar uma epidemia de variola: é a vaccinação e revaccinação. O caso do Morro do Moinho e recentemente o do Iquatu' são provas cabaes.

Na secca de 1915 todos esperavam que a variola acompanhasse o phenomeno climaterico, como de costume. Secca sem variola foi cousa que nunca se tinha visto.

Eu proprio vivia apprehensivo, embora Fortaleza seja a cidade mais bem vaccinada do Brasil. E' preciso lembrar sempre para que o exemplo encontre imitadores nos outros Estados, que todo esse serviço de vaccinação tem sido feito pela iniciativa particular sem onus de especie alguma para a população do Estado e os governos.

Havia em Iguatú, então ponto terminal da Estrada de Ferro a Baturité uma população adventicia de algumas mil pessoas, retirantes e operarios do prolongamento da via-ferrea.

Eu previa que a variola apparecesse ahí, vinda do Joazeiro, onde é endemica, na corrente de famintos que de lá descia em demanda de Iguatú.

Realisaram-se as minhas previsões. Um telegramma do Director do serviço do prolongamento da Baturité avisava-me ter ali apparecido a variola sendo notificados oito casos.



Respondi que isolasse os doentes e que aguardasse vaccina pelo primeiro trem.

No dia seguinte seguia o medico da Estrada Dr. Manoel Teophilo Gaspar de Oliveira, que se achava a passeio em Fortaleza, levando grande quantidade de vaccina animal recentemente preparada.

Logo que o medico ali chegou, começou o serviço de vaccinação e revaccinação com toda a actividade.

Eu enviava todas as semanas uma provisão de vaccina.

A pequena epidemia extinguiu-se no nascedouro, tendo sido atacadas umas cincoenta pessoas.

Não ha epidemia de variola que resista mais de trinta dias a um serviço de vaccinação e revaccinação constantes, sem delongas nem esmorecimentos.

Com o recurso da vaccina animal pode-se vaccinar milhares de pessoas por dia.

Em trinta dias em uma grande população todos ficarão immunes pela variola ou pela vaccina.

Nesse periodo os que não estavam immunisados tiveram a peste; as outras desviaram-se della pela vaccina.

Diz o Dr. Ferrari: — “as epidemias de variola periodicas, evoluem, declinam e desaparecem espontaneamente para de novo resurgirem em novo periodo e na mesma quadra do anno, obedecendo a lei fatal de sua evolução epidemiologica”.

A variola epidemica, de accordo com as ideias do Dr. Ferrari, pode ser comparada ao fluxo e refluxo do mar, em periodos certos, obedecendo ás leis fataes da attracção.

Os factos aqui observados, onde a variola foi uma endemia durante mais de trinta annos, são contrarios ao que acima escreveu o Dr. Ferrari.

A variola não tem periodos certos para apparecer, não ha lei fatal que reja a sua evolução.

A variola só se desenvolve em um meio em que vivem pessoas não vaccinadas, importada de outro meio onde ella grassa. Segue sua marcha normal, isto é, vai atacando os que não estão immunes pela vaccina, os que no momento não estão em condições de receptividade, até o ultimo; então desaparece.

Uma epidemia de variola extinguir-se espontaneamente, para depois resurgir na mesma quadra do anno é um facto que não foi devidamente observado.

O que se observa e foi o que se viu em Fortaleza no tempo em que aqui havia variola é o seguinte: a variola era endemica na cidade, diminuia no periodo das chuvas para recrudescer no verão devido aos fortes ventos que sopravam durante essa estação, ventos que espalhavam profusamente o germen da variola.

Dizer que a variola desaparece espontaneamente de um lugar, para depois voltar em um periodo certo e fatal é um erro de observação.

A prova de que essas asserções são falsas está no caso de Fortaleza onde a variola foi endemica longos annos, foi exterminada pela vaccina ha mais de dez annos e nunca mais voltou e nem voltará, só se assim quizerem os poderes publicos, importando-a de outros lugares.

Diz o dr. Ferrari: — “1.º Nunca a variolisação, em série, nem a vaccinação deram origem á epidemia da variola. — 2.º A variola só apparece em epoca epidemica propria, e desaparece espontaneamente resurgindo de novo ao voltar a epoca natural da expansão epidemica. — 3.º Na transmissão directa do puz varioloso, o virus varioloso já attenuado sómente produz a pustula local”.



A variolisação e a vacinação, como se sabe, são muito diferentes. Esta é "cow-pox" cultivado no gado bovino, como pode ser também no caprino, e depois inoculada no homem — a chamada vaccina animal — para preservá-lo da variola; aquella é o puz de variola discreta inoculado no homem á guisa de vaccina para immunisá-lo contra a variola.

O virus variolico pode-se attenuar por uma série de inoculações em vitellos. Assim não se praticava; era directamente tirado do doente e inoculado no individuo são.

A vacinação absolutamente não produz variola; outro tanto não acontece com a "variolisação".

No tempo em que a variola grassava nos suburbios de Fortaleza, na area suburbana, ou melhor, nas areias, eu fazia alli, de preferencia ao centro da cidade, a vacinação e revaccinação domiciliaria. Iniciei o serviço no "Alto Alegre", bairro do Matadouro.

As gentes daquelle arraial, quando me viram e souberam o que eu andava fazendo, fugiram para o matto, assombradas como se tivessem visto a propria peste.

Mais doeu-me a ignorancia delles do que a sua repulsa.

Voltei no dia seguinte e conversando com uma velha, minha conhecida, disse-me esta que o povo tinha razão de não querer por sua livre vontade metter a peste no corpo.

Para que lhe dizer que a vaccina não fazia a peste se ella não me acreditaria?

Para confirmar o que me havia dito, contou-me que o sr. Antão José de Souza, industrial no Matadouro, homem muito bom e amigo do povo, havia vaccinado os moradores daquelle arraial e que a vaccina havia empestado.

Em uns sahíu bexiga branca (discreta) por todo o corpo, em outros pelle de lixa (confuente), e alguns tinham morrido.

Que os que não haviam sido vaccinados foram empestados pelos vaccinados, tendo uns bexiga branca e outros pelle de lixa.

Tratava-se de um caso de variolisação, dando origem a uma epidemia — caso muito commum, pois a variolisação foi também até poucos annos a vaccina contra a variola.

Ha poucos annos, em Acarahú, um curandeiro vaccinado com bexiga discreta, provocou uma epidemia que matou muita gente.

Por este e outros factos é que o povo em sua ignorancia, não podendo distinguir vacinação de variolisação, repugna qualquer immunisação.

Que successivas inoculações em vitellos possam attenuar o virus variolico, comprehende-se; porém, nunca torná-lo inocua como o "cow-pox", a vaccina animal.

Depende sómente do organismo a forma da variola. Isso prova a variolisação — o mesmo virus variolico em uns produz variola discreta, em outros confluentes, em outros hemorrhagica. Desta ultima, muito commum em 1878, não me consta ter escapado um só doente. Póde-se ficar bom de peste bubonica sem medicina, até mesmo de tetano traumatico, mas de variola hemorrhagica com toda a medicina não se escapa.

O unico facto que o dr. Ferrari cita para provar que são as pulgas o vector natural da variola é o seguinte:

"Em Santiago, capital do Chile, visitámos com o prezado collega sr. general Ismael da Rocha, uma prisão onde estavam recolhidos mais de 700 sentenciados; o maior numero proveniente da campanha chilena, pessoas não vaccinadas, que pela primeira vez recebiam a



inoculação vaccínica ao entrarem para o estabelecimento. Na data da nossa visita estava este sitiado pela explosão epidémica da variola, que dizimava atrozmente o bairro circumdante, todo habitado de gente pobre. Disse-nos o director da Casa de Correção de Santiago, que nenhum caso de variola occorrera nessa prisão, apesar de numerosos presos vindos do interior não estarem vaccinados. Nessa grande penitenciária o solo era todo cimentado, rigorosamente perfeito e limpo, parecia um espelho lusente pelo brunimento diário".

O facto citado acima e mais cem como elle, não provam ser a pulga o vector unico da variola.

Na penitenciária, em que ao entrarem eram vaccinados os sentenciados que vinham de fóra, como podia grassar a variola. Se a penitenciária achava-se por ventura a barlavento da parte do bairro onde havia variola, sem comunicação com este, como a variola a invadiria e quem atacaria?!

A propósito do contagio do sarampo que é o mesmo da variola e se faz desde o periodo da inoculação até o da descamação, observei o seguinte facto:

Eu estava no campo, havia em casa tres crianças que não tinham tido sarampo.

A nossa casa era isolada. Em uma area de alguns kilometros estava disseminada uma centena de casebres. Apareceu uma epidemia de sarampo na parte do arraial a sotavento da nossa vivenda. Interceptei toda a relação com o local em que se achavam os doentes. Não havia comunicação com aquella gente á excepção de um rapaz que de quando em quando vinha visitar a irmã, uma criada nossa, que o recebia fora e distante de casa.

Antes de acabar-se a epidemia a criada cahiu com sarampo e em uma casa em que não havia pulgas, nem cães, nem gatos.

O contagio fóra directo, e o vector o irmão da rapariga.

Conclue o dr. Antonio Ferrari a sua conferencia com esta phrase, com foros de axioma:

— Casa onde não ha pulgas, não se propaga a variola.

Penso ter provado com factos a falsidade desta asserção.

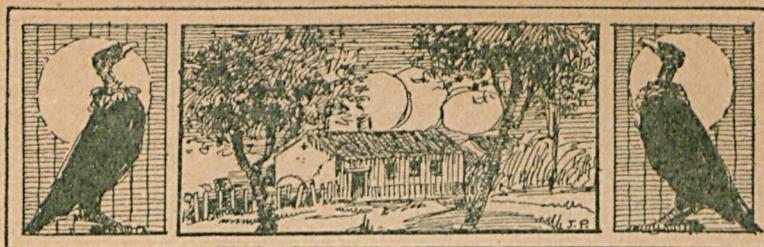
O dr. Ferrari pode fazer uma observação que o convencerá do erro em que cahiu affirmando uma inverdade.

Leve um varioloso, seja em que periodo for da molestia, prefiro no ultimo, e o deixe em uma casa em que não haja pulgas, nem gatos, nem cães, em companhia de pessoas não vaccinadas e verá que estas serão todas acommettidas de variola.

A variola é uma molestia que se cura por si mesmo quando é discreta. Basta quarto, leite e se quizerem alguma tisana quente e diaphoretico. Quando é confluyente e vem forte encontrando um terreno proprio, não ha medicina que sirva, o prognostico é fatal No periodo da supuração o doente se esvae em pus e se acaba por inanição.

A forma hemorrhagica mata a todos que ataca.





A REVOLTA DOS LAMPIÕES

BARBOSA LIMA SOBRINHO

Não sei se foi um sonho aquilo que eu vi. Decorreu já tanto tempo que não posso bem determinar como cheguei a acompanhar a revolta dos lampiões. Depois, na infância, a realidade e a fantasia se embaralham, a tal ponto que, passados alguns annos, não sabemos se a lembrança que fica vem do paiz do sonho ou é da vida real. Com essa ressalva, que faço para evitar que me considerem mentiroso, passo a narrar a revolta violenta dos lampiões, revolta exacerbada e selvagem, levante extraordinario, comparavel ás maiores perturbações que têm agitado a humanidade.

I

Uma noite, na extensa rua onde moro, notei algo de especial, na attitude dos lampiões. Olhando-os com attenção, vi que as suas scintillações concordavam, como se obedecessem a um código de signaes. Sem nenhum exagero, distingui perfeitamente um lampião sacudindo, num assentimento, a sua haste delgada; e outro houve que fez uma pequena curvatura, muito alegre, assim como quem convida para alguma cousa prohibida. Desconfiado, puz-me de alcatéa. Mal sabia eu que me depontava a uma verdadeira conspiração. Mas não precipitemos a narrativa.

Como não perdesse de vista os lampiões, acompanhei o desenvolvimento da terrivel conjuração e reparei na missão importante dos acendedores, a que o povo chama "prophetas". Quando chegava a tardinha, os lampiões começavam a animar-se e pequenos estalos dos vidros nos caixilhos valiam uma alerta para o povo de lampiões. Depois, a cousa augmentava e os acendedores ficavam grudados minutos e minutos na manga de vidro que protegia a camisa incandescente. Logo no começo, não soube como explicar a demora dos "prophetas"; mais tarde, com o desdobrar dos acontecimentos, comprehendí — eram os acendedores a imprensa do paiz dos lampeões. Transmittiam as novidades e serviam para disseminar as ideas perturbadoras. Todo boato ouvido de um lampião, o acendedor ia immediatamente contar aos outros, sem as restricções de boato e com a confiança de quem revela um facto notorio. De modo que a revolta dos lampiões veio a fazer-se



somente por causa dos "prophetas", que disseminaram os motivos da rivalidade, crearam outros motivos, envenenaram os que já existiam, de tal forma que, no fim, cada lampião se achava possuído de um odio immenso e inflexível.

Noto, incidentemente, que o homem que levava o acendedor não percebia coisa alguma do que se passava junto d'elle. Uma vez, eu o alertei:

— Os lampiões conspiram, meu amigo.

Elle apenas rio. E' justo, pois, que eu deixe desde logo indicado esse homem como um dos maiores culpados pela tragedia horrorosa, resultante da revolta dos lampiões.

II

Uma noite, como tivesse tido insomnia e sentisse a atmospheria um tanto abafadiça, abri a minha janella e sentei-me um pouco recuado, em um ponto em que não era visto dos lampiões de minha rua. Foi então que pude t'er certeza absoluta do que vinha desconfiando. Alta madrugada, quando ninguem mais transitava pela cidade, vi o espectáculo mais imprevisto, mais fantastico, mais assombroso a que já assisti e posso ainda jurar que é impossível que eu veja, nos meus dias futuros, coisa tão espantosa. Sabem o que eu vi? Simplesmente isso — a assembléa dos lampiões.

Sentado á janella, o meu olhar divagava distraidamente no trecho de rua que me ficava de frente. De repente, vejo chegar um lampião. Um lampião? Sim, um lampião.

A principio desconfiei. Julguei que estivesse sonhando e me dei um beliscão, que me provou o contrario; suspeitei de que houvesse bebido, mas logo me recordei que havia seis dias não tinha dinheiro para beber; pensei ainda na probabilidade de um delirio febril, mas o meu pulso normal, forte, rythmado, me furtou essa ultima hypothese tranquillizadora. Então, como um logico bastante coherente, admitti que o lampião havia chegado espontaneamente áquelle local e comecei a observar-o e vi que elle se agitava violentamente e os vidros batiam nos caixilhos, provocando um ruido consideravel. Aquillo devia s'er um signal, porque, dentro em pouco, ouvia um barulho duplo. "Tuque, tuque, tuque", faziam os lampiões, nos pulinhos que davam para caminhar, "tri-li-lim, tri-li-lim", faziam os vidros dos lampiões, batendo nos caixilhos. E, rapidamente, todos os lampiões de minha rua estavam reunidos num beco escuro, que ficava defronte de minha casa. Foi assim que pude assistir á assembléa decisiva da revolta dos lampiões.

Quem primeiro falou, foi um lampião muito velho, muito sujo, muito arrebetado. Lembro-me ainda de algumas de suas phrases ardentes:

— Meus amigos, estamos reunidos para salvar a dignidade dos lampiões. Temos um inimigo rancoroso, temivel, que não perde occasião de nos molestar. Precisamos reunir-nos para o derrubar, mostrando-lhe o que somos e o que valem. O nosso adversario é o lampião do principio da rua, o qual, com a sua luz insolente, procura ridicularisar e amesquinhar o nosso esforço illuminante. Ainda hontem o accendedor me contou uma terrivel informação e bem sabeis que o acendedor não mente. Quando elle foi levar, no seu afan habitual, a chammã alerta ao lampião do principio da rua, ouviu que este murmurava e, prestando attenção, entendeu que elle mofava de todos os seus irmãos desta rua.



A assembléa interrompeu o orador. Houve bravos e houve protestos tímidos. O mais velho e o mais sujo dos lâmpiões dominou o tumulto e a sua voz vibrante continuou a accusação:

— Meus amigos, eu não invento e o acendedor nos merece toda a confiança. (Bravo! Muito bem!) A demonstração que a assembléa acaba de fazer, me conforta e estimula. Mas, meus amigos, deveis preparar o espirito para ouvir insinuações cortantes e aleivosias que doem e criam a feroz indignação. Eu não me devia incluir entre os perseguidos. Humilde entre os mais humildes membros desta assembléa, (Não apoiado!), meu dever era tratar de vós, sómente. Quero, em todo o caso, repetir o que disse de mim o lâmpião do principio da rua, para ir preparando o vosso espirito com a revelação da especie de calumnias que vou relatar, calumnias infamantes, que o lâmpião do principio da rua forjou malvadamente no seu espirito pequenino. Para elle, eu sou um lâmpião sujo e sem luz porque me excedi em orgias condemnaveis e malbaratei num uso máo as minhas forças naturaes. Vêde — sou, apenas, um viciado, um crapula, um devasso, eu que me cancei num trabalho honesto e porfiado, illuminando sem faltas o meu canto de rua! De ti, ó lâmpião meu vizinho, diz o calumniador que és um preguiçoso e que vives sempre sujo, sempre meio apagado e porque tens preguiça de effectivar as praticas trabalhosas do asseio. De ti, lâmpião illustre que serves de encosto ao policia de plantão, diz o nosso infamante que vives apagado na poupança avarenta, accumulando imbecilmente reservas que os outros te furtam. O meu espirito hesita ao repetir essas nefandas calumnias, tanto me horroriso com ellas. Mas o peor, o mais grave ainda não foi dito e é de ti que se trata, lâmpião de vidro partido, tu que és o mais valente entre o povo de lâmpiões. De ti, brada o calumniador que partiste os vidros lutando ingloriamente contra o acendedor, recusando contribuir para o nobre trabalho da illumination! Eis ahí o que diz da raça dos lâmpiões um nosso companheiro, que devia ter no espirito a ponderação de que somos irmãos e que, nesse character, nos devemos fraternalmente auxilio e socorro. Agora, que vos relatei o que sabia, cumpre a vós decidir.

Calou-se. Na assembléa, um murmurio surdo e irritado revelava o tumulto das paixões despeitadas. Foi o lâmpião de vidros partidos quem falou:

— Agora, que ouvimos informações de cousas que não julgavamos pudessem existir, sabemos que é um inimigo perigoso o lâmpião do principio da rua. Não devemos apenas evitar a sua companhia insidiosa. Precisamos dar-lhe uma licção exemplar, para impedir que a sua traição se repita para com o povo dos lâmpiões, comquanto eu não acredite que seja possivel haver, entre nós, um elemento tão vil. Proponho que, amanhã, por essas mesmas horas, nos reunamos aqui e partamos a dar o ensinamento necessario a um companheiro desleal.

A assembléa concordou plenamente, applaudindo com enthusiasmo os alvitres propostos. Depois, dissolveu-se a reunião e vi passar, de frente de minhas janellas, os lâmpiões conspiradores. “Tuque, tuque, tuque”, faziam os lâmpiões, pulando no calçamento; “tri-li-lim, tri-li-lim”, faziam os vidros dos lâmpiões, batendo nos caixilhos...

III

Na noite seguinte, o acendedor não se demorou junto da manga de vidro que protegia a camisa incandescente. O seu recado foi breve e os lâmpiões, na imminencia da revolta, mantinham uma attitude discreta, resultante da grande commoção que os tomava.

Eu, de mim, estava immensamente interessado em assistir ao desenrolar dos acontecimentos e passei toda a noite sentado á janella. Minha familia estranhou a minha insistencia e algumas mocinhas da vizinhança teriam ficado tambem á janella se eu, em vez de menino, fosse já rapaz. Entretanto, os relogios foram andando e nada de começar a revolta. Até meia-noite, não percebi, nos lampiões, cousa alguma anormal e, digo mesmo que não lhes vi nem traços de vida. Estavam todos quietos, silenciosos. Depois de meia noite, comecei a perceber evidentes signaes de impaciencia por parte dos lampiões. A revolta seria mesmo naquella noite e o motivo que a estava retardando era um baile que se fazia numa das casas proximas. Lá por duas ou três horas foi que o movimento cessou inteiramente. Eu me aguentava na janella por uma questão de curiosidade immensa, porque, em verdade, o ar da madrugada estava excessivamente frio. E vi o inicio da assemblea, o lampião convocador agitando os seus vidros no aviso de costume e os outros que chegavam, batendo no calçamento, num ruido forte — “tuque, tuque, tuque...”

Quando todos se reuniram, o lampião mais velho e mais sujo falou: — Meus amigos, tudo ficou resolvido na assemblea de hontem. Precisamos ouvir o lampião do principio da rua, para lhe dar o correctivo necessario. Proponho que sejam destacados quatro lampiões para trazerem a essa reunião o companheiro desleal e calumniador.

Sahiram quatro lampiões. Os outros ficaram a combinar e os seus intentos eram terriveis. Ouvi um delles dizer:

— Não sei como me poderei conter deante do infamante. Sinto, desde já, um desejo violento, um odio immenso, que talvez não possa dominar, em face do companheiro justamente detestado.

E outro lampião, mais decidido, respondeu:

— Eu não me procuro conter. Quando chegar o desleal, hei de convidal-o para uma luta singular e vocês me farão o favor de permittir que eu sosinho dê uma lição exemplar áquelle vil calumniador.

Todos os mais se pronunciavam desse mesmo modo. Calculei que, mal apparecesse o lampião do principio da rua, seria inevitavelmente destruido, tantos e tão ferozes eram os odios que o esperavam. E, todavia, quando o lampião do principio da rua chegou, escoltado por quatro outros que se mantinham á distancia, humilde era a expressão de todos. Nesse momento, desconfiei de que a revolta fosse uma pilheria, ou uma comedia.

Olhei o lampião do principio da rua. Que bello era elle, effectivamente! Alto, nobre, fôra moldado segundo proporções harmoniosas; adornos bem escolhidos davam-lhe um aspecto de abastança intelligentemente aproveitada; e os seus vidros eram de um tamanho irreprehensivel, muito limpos e dotados duma transparencia maravilhosa. A sua luz, então, que cousa admiravel! Era um fóco regular, de uma incomparavel intensidade luminosa. Elle só brilhava mais que todos os lampiões que ali se reuniam.

Logo ao chegar, o lampião do principio da rua cumprimentou alegremente a assemblea.

— Meus amigos, pedistes para que eu viesse gosar, um momento, da honra de vossa companhia e aqui estou para ouvir, deliciado, as vossas palavras fraternas.

Todos sorriram, curvando-se ligeiramente, num cumprimento cheio de gratidão. Foi o lampião mais velho e mais sujo quem falou, usando expressões prudentes:

— Irmão, tu que és o mais querido entre todos e aquelle que mais nos conquistou a admiração, precisas ouvir o que anda espalhando o acen-

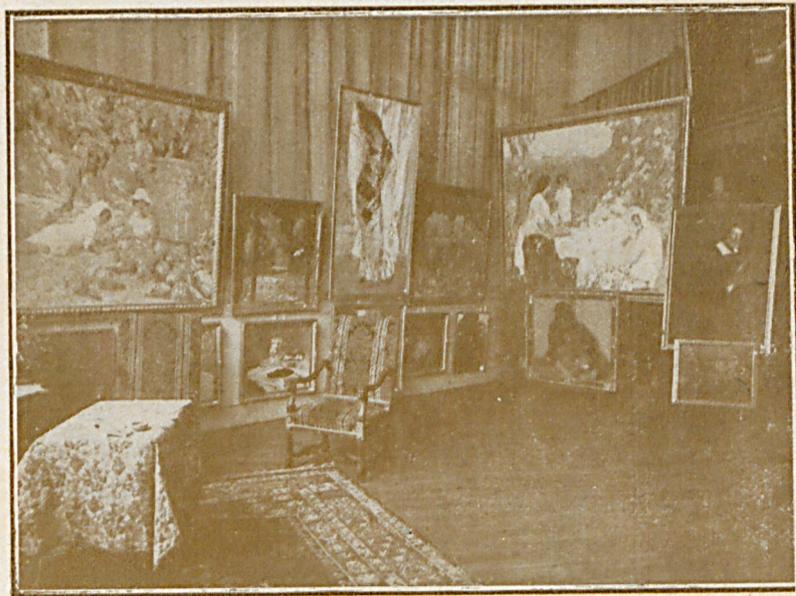


EXPOSIÇÃO QUIRÓS



O antiquario

CESÁREO QUIRÓS



Canto de atelier

dedor. Diz elle que tu queres abandonar o povo dos lampiões, em procura de um destino mais alto e mais nobre. E eis que fomos convocados para te implorar que não nos prives do prazer e da honra de tua companhia.

O lampião do principio da rua sorrio ligeiramente:

— Amigos, espanta-me a vossa facil credulidade. Tenho notado que o acendedor ama a intriga sinuosa e tece os enredos nefastos. Todas as noites, elle me conta, a respeito de vós, cousas espantosas, que eu não repito para não ferir os vossos justos melindres. Juro mesmo que nunca dei credito ás suas palavras venenosas. Vós, porém, aceitaes as mentiras, que elle forja no seu espirito intrigante! Isso me espanta, em verdade. Sabei que eu não tenciono abandonar os lampiões desta rua. Sou vosso amigo e a vossa companhia me é mais estimavel que as glorias que me querem dar. Por isso me entristeci, sabendo que os edis despoticos me vão arrancar do meu retiro tranquillo, levando-me para um ponto agitado, numa das avenidas da cidade. Soffro, por isso, um pezar immenso e legitimo e essa é que é a verdade.

A assembléa applaudio, e o mais velho e mais sujo dos lampiões falando em nome de todos, teceu os elogios calorosos;

— Nós te agradecemos, companheiro, o carinho duma louvavel fraternidade. Mas, na sinceridade de nosso enthusiasmo por ti, não te occultamos uma outra revelação do acendedor. Contou-nos elle que tu brilhavas mais para nos offuscar e nos offender com a tua victoria luminosa!

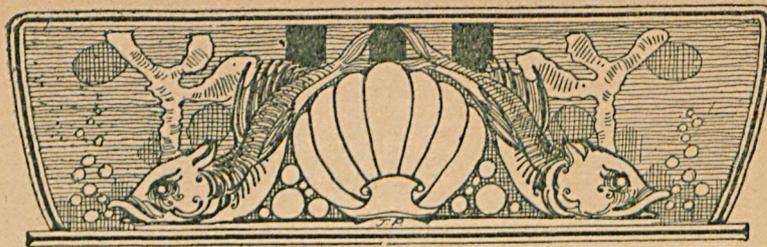
O lampião do principio da rua irritou-se nobremente:

— Sempre o maldito acendedor, o intrigante perigoso! Porque o haveis de acreditar, quando sabeis que elle não se cansa de tramar os enredos insidiosos? Sabeis porque eu brilho mais do que vocês? E' porque o Destino me encarregou dessa missão penosa que eu cumpro sem muito enthusiasmo e sem muito orgulho e somente porque é meu dever. Algumas vezes, eu me esforço para que a minha chamma atravesse as trevas e vá tão longe quanto possivel — é quando, no silencio nocturno, o viandante somnolento procura, entre as poças d'agua, o caminho seguro. E á entrada da noite, quando as operarias voltam das officinas, eu lhes dou tranquillidade e confiança com a luz farta. Porque me accusaes? Eu cedo ao Destino, eu obedeço e, se brilho mais, não é para vos offender, mas para cumprir um dever de utilidade imposto pelo amor do proximo.

Os lampiões, vencidos pela eloquencia do companheiro, permaneciam silenciosos. Pela segunda vez, eu considerei morto o conluio. Aconteceu, porém, que o lampião de vidro quebrado, fazendo um movimento imprevisto, empurrou traiçoeiramente o lampião do principio da rua, derrubando-o. E os vidros tilintaram fortemente, partindo-se e os outros lampiões cahiram sobre o que fôra atirado ao chão, amassando-lhe o metal, destruindo-lhe os adornos, inutilizando-o, enfim. E todos, á porfia, no seu afan destruidor, gritavam surdamente, com uma voz soturna que ecoou lugubrememente na rua deserta:

— Tu brilhavas mais! tu brilhavas mais!





A CAMINHO DA SOCIEDADE DAS NAÇÕES

HELIO LOBO

(Membro fundador da Sociedade Brasileira de
Direito Internacional, Secretario Geral da Dele-
gação do Brasil á Conferencia da Paz).

II (1)

DURANTE A GUERRA

Os Estados Unidos da America.

Para realização de um pacto de sociedade das nações foi, sem duvida, primeiro factor o elemento norte-americano. Póde-se talvez dizer que, sem elle, as energias esparsas se teriam conservado dispersas. Com o prestigio mundial que lhe deram os derradeiros tempos da grande tragedia, Wilson vai, melhor do que qualquer outro, convocar as forças universaes em torno do ideal commum.

The League to Enforce Peace.

A 17 de Junho de 1915, no Independence Hall de Philadelphia, — o mesmo sitio onde tinha sido assignada a Declaração de Independencia e redigida a Constituição dos Estados Unidos, — funda-se, com a adhesão do antigo Presidente Taft e o apoio do melhor elemento intellectual, a *League to Enforce Peace*. Fôra o local adrede escolhido, e o fim da liga não era outro senão obrigar á paz por meio de uma commissão de inquerito em vez do recurso das armas.

(1) Vêr a *Revista* de Junho de 1921.

Activa propaganda se iniciou logo no paiz, preparado de antemão para os ideaes da nova sociedade (2). Duas autoridades de tomo sahiram-lhe, entretanto, logo no encaço, sustentando uma que tal equivalia a lançar o paiz nas complicações da politica européa, e estatuinto outra que a execução do programma da *League* enfraqueceria o preparo militar da Republica. Eram James Bryan, antigo Secretario de Estado, e Theodoro Roosevelt, antigo presidente (3).

Deu-lhe, porém, todo seu assentimento o presidente da União, Woodrow Wilson. A 1 de fevereiro de 1916, em Des Moines, elle tinha pedido, invocando a Deus, que, na falta de outro resultado, produzisse a guerra mundial ao menos o beneficio "de créer une tribune international et d'instituer quelque methode pour garantir la paix par la coopération des grandes nations du monde". Discursando por occasião da primeira assembléa annual da *League to Enforce Peace*, em Washington, a 27 de maio seguinte, Wilson é mais cathgorico. Elle insiste que a paz é o interesse primordial da humanidade e que para obtel-a e garantil-a cumpre crear "uma associação universal de nações"... "Toutes les nations de l'univers, exclama então, doivent instituer une sorte de ligue pour obtenir que le droit prévale contre toute sorte d'agression égoïste, pour éviter qu'une alliance se dresse contre une autre alliance, une entente contre une autre entente, car il faut un accord universel en vue d'un object cher a tous et cet objet se définit essentiellement le respect absolu des droits des peuples et de l'humanité. Les nations de l'univers sont toutes devenues voisines les unes des autres. C'est leur intérêt même de s'entendre entre elles. Pour s'entendre entre elles, il est indispensable qu'elles acceptent de travailler de concert a une oeuvre commune et qu'a cette collaboration président l'équité et l'impartiale justice". (4)

O apostolado do Presidente Wilson.

Começa, então, sobre as bases de taes principios, o apostolado do Presidente a favor da criação de uma Sociedade das Nações. Suas declarações vão tornar-se mais frequentes e mais precisas á proporção que os horrores da guerra irão revoltando a consciencia humana.

Assim, designado pela segunda vez á presidencia da nação, Wilson mostra logo, no seu discurso de Long Branch (2 de setembro de 1916) que no appello á opinião está, a seu ver, um dos melhores correctivos contra a guerra. "Les nations du monde doivent s'unir pour se garantir mutuellement que tout ce qui serait susceptible de troubler la vie du monde sera soumis au tribunal de l'opinion mondiale avant de recevoir un commencement d'exécution". Na nota dirigida quasi tres mezes depois aos beligerantes para indagar delles quaes são seus fins de guerra, Wilson declara que "partout on est prêt a étudier la question d'une Ligue des Nations qui assurerait la paix et la justice dans le monde entier" (18 de

(2) Theodore Marburgh, *League of Nations, A chapter in the history of the movement*. New York, Macmillan, 1917. — O auctor, tambem membro fundador da *League*, expõe alguns antecedentes americanos, entre os quaes a "American Society for Judicial Settlement of International Disputes", fundada em 1910. Lembra tambem que em 1912 advogou a criação de uma liga de todas as potencias, com orgams adequados, para conservação da paz: "joint action of all the enlightened Powers of the world, big and little, to secure equal rights and political liberty..." (pag. 29); assim como recorda a declaração de Roosevelt, em 1910, de que "the great powers should form a League of Peace not only to keep the place among themselves but to prevent, by force, if necessary, its being broken by others" (pag. 39).

(3) O primeiro na Conferencia de 1916 do Lago Mohonk e o segundo no *Metropolitan Magazine* de fevereiro de 1917. Ver *La Paix de Pouples* cit. 1, n. 2, pag. 289.

dezembro de 1916) (5). No seu discurso ao Senado, de 22 de janeiro de 1917, entre as condições essenciaes de uma paz permanente, enumera o hospede da Casa Branca a instituição de uma força collectiva capaz de evitar a repetição de uma segunda catastrophe mundial. "Il doit y avoir, conclue elle, non pas simple équilibre de puissances, mais institution d'une association de puissances, et non pas des rivalités organisées, mais une paix commune organisée". (6)

Mais tarde, inaugurando sua segunda presidencia (5 de março de 1917), desenvolve Wilson os principios de uma humanidade livre. Está seu grande paiz á beira da guerra, e elle os expõe assim:

"Toutes les nations ont un intérêt égal a la paix du monde et a la stabilité politique des peuples libres; elles ont une même part de responsabilité au maintien de cette paix et de cette stabilité. Le principe essentiel de la paix est une réelle égalité de toutes les nations dans toutes les questions de droits et de privileges. La paix ne peut reposer avec sécurité et justice sur un équilibre de forces armées. Les Gouvernements doivent puiser leur pouvoir légitime dans le consentement des gouvernés; la commune pensée, la volonté, la force collective de la famille des nations ne sauraient soutenir d'autre pouvoir. Les mers doivent être également libres et sûres pour tous les peuples, suivant des regles établies par un accord et un consentement unanimes; et, autant que possible, tous doivent y avoir acces dans les mêmes conditions. Les armements nationaux doivent être limités aux nécessités d'ordre national et de sécurité domestique. L'association d'intérêts et de forces de laquelle dépendre désormais la paix, impose a chaque nation le devoir de s'assurer que toute ingérence de ses propres citoyens dans un autre Etat, ayant pour but d'y encourager ou aider une révolution, sera rigoureusement et efficacement combattue et abolie." (7)

A 2 de abril de 1917, proclamando o estado de guerra com a Alemanha, a mensagem presidencial allude á necessidade da criação de uma associação de nações democraticas para conservação da paz. "Il s'agit de fonder une ligue d'honneur, une association d'opinion", na linguagem federal. Essa ideia é, ainda, a pedra de toque da seguinte manifestação da Casa Branca, a 8 de janeiro de 1918, também chamado discurso dos 14 pontos. Fala Wilson ao Congresso sobre as condições de paz que seu Governo accetaria, — relativas á abolição de *ententes* particulares e da diplomacia secreta; á liberdade dos mares; á suppressão das barreiras economicas e necessidade de egualdade de tratamento commercial; á redução dos armamentos; á disposição do regimen colonial; á solução do problema russo; á restauração da Belgica; á evacuação da França; á rectificação da fronteira da Italia; á autonomia da Austria-Hungria; á reconstituição da Roumania, Servia e Montenegro; á garantia de independencia das regiões turcas do Imperio Ottomano; á criação da Polonia, e, finalmente, á instituição de uma Sociedade de Nações, neste teor (§ 14.º): "Il faut qu'une association générale soit formée entre les nations, en vertu de conventions formelles, aux fins de procurer á tous les Etats, grands et petits également, des garanties mutuelles d'indépendance politique et d'intégrité territoriale".

E' sabido que esses chamados 14 pontos se completaram em Mont Vernon, diante do tumulo de Washington, a 14 de Julho de 1918, com outros

(4) Président Wilson, *Messages, Discours, documents diplomatiques relatifs a la guerre mondiale*, 18 août 1914 — 8 janvier 1918. Traduction conforme aux textes officiels par Desiré Roustan, Paris, Bossard, 1919, pages. 67 e 81.

(5) Président Wilson, *Messages, Discours, etc. cit.*, I, pages. 89 e 96.

(6) Président Wilson, *Messages, Discours, etc.*, cit., I, page. 105.

(7) Président Wilson, *Messages, Discours etc.*, cit., I, page. 133.



4: a destruição de todo poder absoluto capaz de perturbar a paz mundial; a solução das questões territoriais, económicas ou políticas sujeitas ao desejo dos povos imediatamente interessados; o consentimento de todas as nações para se guiarem pelos princípios da honra e respeito á lei commum; e, finalmente, o appello á opinião como um dos diques mais efficazes á declaração da guerra, entre as nações: "L'établissement d'une organisation de paix telle qu'on ait la certitude que le pouvoir combiné des nations libres mettra obstacle a tout empiement sur le droit, telle aussi que la paix et la justice soient pleinement sauvegardées par un véritable tribunal de l'opinion auquel tous devront se soumettre et qui tranchera toute contestation internationale au sujet de laquelle les peuples directement intéressés ne pourraient se mettre d'accord amicalement". (8)

Ainda a 27 de Setembro de 1918, quasi ás portas do armistício, volta á enunciação da sua ideia mais cara, ao enumerar, no Metropolitan-Opera de New York, "os cinco principios que devem dominar as negociações conducentes á paz". Sómente uma Liga de Nações, diz elle, será capaz de promover uma justiça imparcial, base da vida entre as nações. As ligas parciais ou alianças, os accordos economicos egoistas, não se admittirão no intimo da grande familia commum da Liga. As exclusões economicas só serão permittidas como penalidade, imposta pela propria Liga. E o mundo inteiro deverá conhecer os accordos e tratados de qualquer especie e natureza. (9)

Emfim, recebido na Sorbonne a 21 de Dezembro de 1918, o presidente Wilson dá a saber á humanidade curiosa, antes da abertura da grande conferencia internacional da paz, o seu conceito sobre a criação de uma sociedade das nações:

"Ma conception de la Ligue des Nations est simplement celle-ci: qu'elle doit operer comme la force morale organisée des hommes par tout le monde, et que ce soit, et a quelle heure que ce soit, qu'un tort ou une agression soient préparés ou envisagés, cette lumière pénétrante de la conscience se concentre sur ces projets, et que les hommes partout demandent: "Quelle intentions nourrissez-vous dans votre coeur contre la destinée du monde?" Il suffit de si peu de clarté pour resoudre la plupart des questions! Si les puissances centrales avaient osé porter a la discussion pendant simplement une quinzaine de jours les buts de cette guerre, elle n'aurait jamais éclaté, et si, comme il le devrait être, elles avaient été forcées de les discuter pendant une année, alors la guerre aurait été una chose inconcevable". (10).

Reiteradamente o appello á opinião publica vem em confissão. Elle pre-
valerá, ao cabo, nas discussões do Hotel Crillon.

The League of Free Nations. O armistício.

Acompanhava a opinião na America a palavra do seu chefe supremo. Assinado o armistício, toda essa propaganda ia entrar na sua phase pratica. Não estava prestes o momento da criação da Liga, como edificio da paz longamente sonhado?

E' então que a *League to Enforce Peace* compendia a formula americana, parede meia com a official: o appello á opinião antes que a guerra estoire.

(8) Président Wilson, *Messages, Discours etc.* cit., pag. 291. — Falando, menos de um mez antes, aos jornalistas mexicanos (9 de Junho de 1918) insistiu Wilson na criação de um accordo internacional "que constituirá a base da vida futura das nações".

(9) Président Wilson, *Messages, Discours etc.*, cit., II, pag. 309.

(10) Président Wilson, *Messages, Discours etc.* cit., II, pag. 360.

Um systema integral de pacifismo, com côrtes julgadoras e ordens imperativas, não vale na sua realisação pratica, esse expediente pratico, que une as nações sem sacrificios de soberania. A 23 de Novembro de 1918 expõe a *League* o que chama o *Victory Program*, resumido nas quatro clausulas seguintes:

"1 — Toutes questions, susceptibles d'une solution judiciaire, s'élevant entre les puissances signataires, et non résolues par les negociations, doivent, aux conditions du traité, venir devant un tribunal judiciaire pour débat et jugement, tant de fond que de la compétence. 2 — Toutes les autres questions s'élevant entre les signataires, et non résolues par les négociations, seront soumises au Conseil de conciliation pour information, discussion et recommandation. 3 — Les puissances signataires emploieront immédiatement leurs forces, tant économiques que militaires, contre toute d'entre elles qui engagera la guerre, ou commettre des actes d'hostilité contre une autre des signataires avant que la question litigieuse n'ait été soumise à l'arbitrage ou à la conciliation ci-dessus prévus. 4 — Des conférences entre les puissances signataires auront lieu d'époque en époque, pour formuler et codifier les regles du droit international qui, sauf si quelque signataire signifie son dissentiment dans une période donnée, gouverneront ultérieurement les décisions du tribunal judiciaire mentionné à l'article premier".

Como se vê é um systema inteiro de justiça internacional que se esboça. Não parece de desdenhar-se. Elle vai prevalecer e seu principio basico é o de que "a liga empregará todo seu poder afim de que um membro della, que quizer abrir luta com outro, submetta o seu conflicto a um processo de liquidação pacifica, antes de iniciar as hostilidades".

E' pronunciada a evolução do instituto. Um tribunal judiciario, para as questões susceptiveis de solução arbitral. Um conselho de conciliação, para as que transpuzerem esse limite. Um conjunto de sancções economicas e militares pune o transgressor.

Quatro dias depois da publicação desse manifesto, um grupo de editores, publicistas e estudantes graduados da lei internacional (habituidos a reunirem-se semanalmente em New York para o estudo do problema da criação de uma Liga de Nações) expoz, tambem em manifesto publico, seu pensamento. Sob a denominação de *League of Free Nations* essa associação propunha-se, sob o patrocínio dos principios enunciados pelo presidente Wilson, promover a paz mundial e perenne pelo respeito á entidade politica de cada paiz e á manutenção de um regimen economico de egualdade.

Base do primeiro é o principio de que a segurança e os direitos de cada um repoisam no poder de todos congregados em liga. Esteio do segundo é a regularisação da interdependencia economica universal, pela abolição de privilegios de toda sorte, do monopolio no regimen colonial e o reconhecimento não somente do direito de livre transito como tambem do accesso directo ao mar para pequenos e grandes.

A *League of Free Nations* lembra que a administração internacional idealizada tem seus primeiros passos no Conselho Economico Alliado e advoga seu desenvolvimento mediante a abolição da diplomacia secreta e uma representação popular efectiva. A tarefa, diz ella, não será facil, mas tem por si o antecedente da formação da União Americana: "In search of freedom, our forefathers turned their faces to the West, set out across the Atlantic, and laid the foundations of an American Commonwealth. Even in the free spaces of the New World they could not attain independence, unity, and democracy, in such measure as we now possess them, without struggle. It has remained for our generation, with these things not wholly achieved, to turn our faces toward the East and set out overseas across the Atlantic to aid the peoples from whom we sprang to achieve



those things in the midst of the more rigid social fabric of the Old World, and against the forces of despotism, autocracy, imperialism, privilege, and militarism, which found their supreme embodiment in the Prussian scheme of world dominion". (11)

Como já se disse, a convicção da sua força como federação dá aos americanos do norte confiança para levantar o edifício da sociedade das nações. Terão esse animo até o cabo, ou actuam sob o imperio da mais dolorosa das guerras?

A Grã-Bretanha. A "League of Nations Union" e o Visconde Bryce.

A fundação e propositos da *League to Enforce Peace* nos Estados Unidos, em 1915, teve na Grã-Bretanha immediato eco. Uma associação com esse nome installa-se na Inglaterra em igual data, e em 1918 uma segunda, nas linhas da *League of Free Nations Association*, e com identica denominação, funda-se em Londres.

A identidade de ideais é tal que nos Estados Unidos une-se a *League to Enforce Peace*, em fevereiro de 1919, com a *World's Court League*, a *New York Peace Society* e a *American National Board of the Women's International Committee for Permanent Peace*, resultando dessa fusão a *American League of Nations Union*. Na Grã Bretanha, em igual data, opera-se a fusão da *League of Free Nations Association* e a *League of Nations Society* com o nome de *League of Nations Union*.

Antigo embaixador inglez em Washington, o visconde Bryce, conhece de perto a mentalidade americana para tentar na Inglaterra a realização dos objectivos visados pelo antigo Presidente Taft. Acaba a *League of Enforce Peace* de nascer e elle vai ensaiar, com varios escriptores britannicos, sob a denominação de *Proposals for the prevention of future wars*, algumas suggestões para conservação da paz. (12).

E' um systema completo o que propõe: "Os Estados existentes actualmente, escreve Bryce, conservando a respectiva soberania, entrarão num accordo para conservação da paz. O que queremos não é uma liga de alguns Estados, contra outros, mas uma união do maior numero possível, no interesse geral". Para isso a introduccão do projecto confessa ter-se inspirado directamente nos chamados Tratados Bryan, "cuja essencia é a de que as partes contractantes concordam não recorrerem a medidas hostis até que a materia de disputa tenha sido submettida a uma Comissão de Inquerito". Essa chamada *moratoria* acompanha-se de algumas medidas de coercção para execução do tratado.

As questões susceptíveis de decisão arbitral, inclusive as que se referirem aos interesses vitaes e honra da nação, serão subordinadas ao julgamento da Côte Permanente de Arbitramento, á Côte de Justiça Arbitral posta perante a 2.^a Conferencia da Paz, ou a qualquer outro tribunal arbitral. As que forem além desse limite, serão confiadas a um conselho de conciliação para estudo, recommendação e mesmo execução. Os membros do conselho serão nomeados pelas partes contractantes, e sua primeira tarefa é, tomando conhecimento de qualquer pendencia internacional, fazer um relatorio recommendando sua solução pacifica. Elle deliberará publica

(11) *League of Free Nations Association*, New York, 27 November 1918, in *International Conciliation*, New York, January 1919, n. 134, pag. 45.

(12) *Proposals for the Prevention of future Wars* by Viscount Bryce and others. London Allen and Unwin.



ou reservadamente e poderá também fazer suggestões quanto á limitação dos armamentos.

Cada parte contractante convencionou não declarar guerra ou começar hostilidades, ou ainda iniciar preparativos hostis contra a outra: a) antes que a materia de disputa haja sido submettida ao tribunal arbitral ou ao conselho; b) dentro de um periodo de vinte mezes contados da apresentação da questão; ou c) dentro de seis mezes depois de publicado o relatório do conselho. Si a potencia contravem algum desses compromissos, ou recusa-se a aceitar e executar a recommendação do conselho, as outras porão em execução as medidas que julgarem necessarias para cumprimento da recommendação. Essas medidas se executarão pelos proprios governos das potencias signatarias e não pelo conselho, e serão providencias de ordem militar e economica. A este respeito escreve o Visconde Bryce: "Military operations are not the only form of coercion, possible, and the agreement contemplates also economic pressure. In some cases this might be as effective as armed force and as easy of application. A whole series of such measures can be conceived, differing in their severity and in their applicability to different cases: e. g. an embargo on the shipping of the recalcitrant state, a prohibition of loans to it; cutting it off from railway, postal, telegraphic and telephonic communication; prohibition of exports to or imports from it, supported if necessary by what international lawyers call a pacific blockade". (13)

Wells e seu The Four Year.

Si a formação de uma sociedade das nações interessava á gente reflexiva, Wells se incumbiu logo de, com sua imaginação, a ella associar as classes populares.

No seu romance *The Four Year* não hesita elle em recommendar a Sociedade das Nações, na qual acha "une de ces formules creatrices qui peuvent modifier l'entiere destinée du genre humain". Ao seu conceito, a paz do mundo não pôde assegurar-se senão pelo esforço combinado de quatro grandes potencias: a Grã-Bretanha, a França, a Allemanha e os Estados Unidos. Tres outras são incapazes para a tarefa: a Italia, que tem um grande coração, mas carece de combustivel; o Japão, que estaria sempre desarmado contra os submarinos; e a Austria, porque é a Austria. A Russia é um ponto de interrogação e a China por enquanto não vale grande cousa.

Firmado esse principio (e Wells diz que paizes como a Suecia, a Hollanda e a Suissa são incapazes de levantar o menor protesto contra a guerra, como os acontecimentos provaram) a paz mundial dependerá do accordo daquelles quatro grandes Estados, "La paix, escreve o romancista, concerne les grandes puissances par definition. La production de l'acier, le nombre de diplômés universitaires, constituent des criteres accessoires tres commodes et peuvent utilement servir a mesurer la capacité guerriere d'un pays. Mais c'est la volonté seule de ces peuples dirigeants qui doit s'incorporer dans la chair et la substance même du Conseil de la Ligue des Nations. Ils peuvent donner une paix durable aus petits nations et a l'humanité tout entiere, et l'on n'y aboutira pas aucun autre moyen. Aussi, je pose en principe que le Conseil d'une Ligue des Nations idéale doit être composé principalement des représentants des grandes puissances belligérantes.

(13) Vêr a Introduccão do Projecto e o Projecto em Leonard S. Woolf, *The framework of a lasting peace*, London, Allen and Unwin, 1917, pags. 67 e 85.

Quant aux délégués des alliés secondaires et des neutres, pour essentielle que soit leur présence, ils ne doivent en aucun avoir la possibilité de submerger les voix de ces fractions prépondérantes de l'espece humaine".

A instituição da Sociedade das Nações se fará assim naturalmente, pela força das cousas, e não por obra de um accordo artificial. Nada de projectos complicados nem precisos. Quando o povo ouve disrecrear da Sociedade das Nações imagina, logo, que alguns delegados, "como os que figuram nas assembléas legislativas, serão convocados, não se sabe como, para as reuniões num palacio do Congresso da Liga das Nações, especialmente construido para tal fim"... Taes projectos são, na verdade, mais methodicos que a realidade. E o que salta á imaginação é um "personagem sabio e avisado, com oculos, lendo em voz clara o Projecto de Constituição de uma Liga das Nações, diante um Congresso da Paz attento e respeitoso..." Ora, conclue Wells, pode-se chegar á liga por caminhos naturaes... "A lieu d'être construite ainsi qu'une machine la Ligue des Nations peut être resolue comme un mariage... La Ligue peut nous arriver par degrés presque a notre insu".

A Sociedade das Nações, assim estabelecida, terá uma Corte Suprema, diante da qual as potencias exporão as questões, que ameacarem dividil-as. A Corte julgará sem appello, e, para garantir a paz do mundo, pode chegar mesmo a restringir o desenvolvimento dos exercitos nacionaes e fiscalisar as industrias de armamento. Concluindo, escreve o romancista inglez:

"La Ligue des Nations, pour devenir une réalité et amener la pacification de l'Univers, doit pour le moins se substituer aux empires. Non seulement elle portera le coup de grâce a cet imperialisme germanique frais éclos qui lutte si sauvagement et si vigoureusement pour la domination du globe, mais elle liquidera l'impérialisme britannique et l'impérialisme français qui sont déjà taillé sans agression une si large part de l'Univers. D'ailleurs, la même conception s'applique en ce qui concerne l'Afrique Centrale aussi bien aux Belges, aux Portugais, aux Français et aux Anglais qu'aux Allemands. Quant a ces fantasmagories d'une imagination futuriste, l'impérialisme de l'Italie ou de la Grece, qui voudraient menacer de leurs gestes d'épouvantail le monde de nos petits neveux, la Ligue des Nations Libres les étouffera dans l'oeuf". (14).

A propaganda espraia-se. Os autores. O Visconde Grey.

Mas o espirito britannico em breve amadurece para a realisação dos ideais de uma *League of Nations*. Fundida a *League of Nations Society* com a *League of Free Nations*, sob a denominação alludida de *League of Nations Union*, uma grande reunião realiza-se a 10 de Outubro de 1918, no Westminster Central Hall, sob a presidencia do Ministro Barnes. Todos os partidos estão presentes, numa communhão perfeita de vistas, o governo, a opposição, o *Labour Party*, o clero. Industriaes, commerciantes, homens politicos eminentes, o arcebispo de Canterbury, o grande rabbino da Inglaterra, professores, publicistas, não discordam na tarefa em que vão colaborar, sob a licção cruel da maior de todas as guerras. No seu discurso official, trata o Visconde Grey, presidente da *League of Nations Union*, dos fins daquella reunião e declara que mais nobres não pode haver. Não é a fundação de uma liga de algumas nações que se projecta, mas uma

(14) Wells, *In The Four Year*, London, 1918. — Tambem *La Prochaine Société des Nations* cit., *Paix des Peuples*, 1. n. 2, pag. 288.



associação de todas ellas em beneficio da paz. Tampouco será uma liga fundada na vigencia da guerra, porque ella não pode surgir sinão com a paz, de que será a mais formosa garantia. Erram os que crêem que a Liga será frustanea, porque nunca pôde fundal-a a humanidade, mau grado todos seus soffrimentos anteriores. Pelo facto de que nunca se realisou segue-se que jamais logrará exito? "People say: you have had these schemes before; they have never come to anything; why should they come to anything now? Wel, the League of Nations is machinery, and machinery is of no use unless there is power to drive it. You might long before people have discovered how to apply the power of steam, have had the locomotive, with its wheels, piston, and everything esle complete, but without the motive power it would have been useless; the wheels would not have gone round, the thing would not have moved, it would have been of no use whatever. That is what machinery for League of Nations has been in previous years, and the whole point of it is that now, after this war, there may be in mankind and in the world a motive power sufficient to work that machinery. There has been no war like this in recorded history. Never before have we had whole nations put throught the mill of war. The suffering has been on a scale unprece ented. Now do you suppose that human nature is so rigid, so unteachable, so unalterable, that all that treme dous experience which this generation is going through is to have no permanent or lasting effect, not only on men's minds but on their feelings?... I am thinking of men from the ranks who come home. They say they wish this war to be brought to a successful conclusion which will make peace secure, but they are determined that after is is secure, so far as it lies with them there shall be no more fighting in their life time. Well now your League of Nations therefore is machinery to carry out a determination on the part of the world at large that it will soop future wars. If that determination does not exist the machinery will be of no use, but if the determination does exist then I believe the world at large will insist upon the machinery beeing brought into use, and that is why I believe the League of Nations, the formation of a League os Nations, is not only possible but is a test of whether the experience of this war has altered the whole point of view of nations with regard to war in general".

A Sociêdade das Nações, assim imposta pela natureza das cousas, terá efficiencia porque contará, entre outros elementos, com a coerção economica, capaz de impedir muitas guerras. Tambem ella insistirá para que cada Governo, membro da Liga, seja responsavel pelo augmento de armamento em seu territorio. Para isso deve contar com a sinceridade dos governos. A questão do trabalho não será das menos importantes na sua tarefa. (15)

Inaugura, então, a *League of Nations Union* a sua propaganda, pela impressão de um boletim mensal e a inauguração de discursos e conferencias. Varios impressos procuram esclarecer a opinião publica. Assim o professor Pollard trata da *The League of Nations in History*; Frederick Pollock da *The League of Nations and Thom Coming Rule of Law*; Julian Corbett, da *The League of Nations and Freedom of seas*; Sir Sidney Olivier, da *The League of Nations and Primitive Peoples*; Hartley Withers, da *The League of Nations: Its economic aspects*, emquanto Arthur Henderson escreve da *League of Nations and Labour*, o professor Gilber Mur-

(15) Ver *Viscount Grey explains why a League is necessary and What it will do*, London 1918, publicação da *League of Nations Union*.



ray, da *The League of Nations and the democratic idea* e o bispo de Winchester, da *The Spiritual Sanctions of a League of Nations*. (16)

Além dessas publicações, algumas das quaes officiosas, ha as declarações expressas dos chefes de governo e politicos de responsabilidade. Assim J. A. Balfour, num discurso pronunciado em fins de setembro de 1918, acceita sem restricções a ideia do Presidente Wilson: "I believe a League will be required to superintend and control not only the criminal ambitions of great autocracies, but to prevent any rash and inconsiderate countries going to war. It is impossible to talk about democracies except for countries which have reached a relatively advanced stage of civilisation. The League could be a trustee for those less developed. Holding this view I regard the League as the greatest work of the Conference". Asquith, por seu lado, numa grande reunião do National Liberal Federation, não é menos confiante: "The real solution, or, at least, if not the solution, the real safeguard for the settlement of peace and many others problems which will rise, confessa elle, lies in the whole-hearted acceptance of a League of Nations". Não tem outra attitude Lloyd George num discurso pronunciado nas vespers das eleições, pouco depois de assignado o armistício: "I am a believer in the League of Nations. I do not say it will prevent war, but it will make war very difficult. I tell you what it will do. When the God of war gets on the move there will be something to tangle his footsteps and to trip him up. He will find it hard work to break through. I believe in the League of Nations because it will add to the difficulties of making war". Bonar Law confia na acção da Liga como garantia da paz. Lord Cruzon, na Camara dos Lords, exprime suas sympathias pela instituição, enquanto na Camara dos Communs Robert Cecil declara que se recusará a fazer parte de um governo que fosse contrario á organização de uma liga de nações. (17)

E' evidente, em todas essas manifestações, que a forma parece ainda imprecisa. A constituição do imperio britannico, com seus dominios e possessões (vai-se ver mais tarde) tem grande influencia no movimento de sympathia que a organização da Liga desperta no povo inglez. A 14 de janeiro de 1919 o "Times", exprimindo o pensamento geral, affirma que na situação dos dominios britannicos, com personalidade internacional, encontra-se "uma pequena imagem da Sociedade das Nações realizada no seio do imperio britannico".

Applicar-se-á á formação della o que o General Smuts disse, a 15 de maio de 1917, da *commonwealth inglez*: "Le fait capital que vous devez retenir est que l'empire britannique, ou ce que vous devez appelez Commonwealth of Nations, n'est pas pour l'unité, pour le même étalon imposé a tout le monde, pour l'assimilation et pour la denationalisation; il est pour l'épanouissement le plus complet des vies diverses des nations qui le composent, et même des nations qui vous ont combattu comme la mienne (les Boers) sentent que leurs intérêts, leur langage, leur religion et toute leur culture sont aussi sauvegardés sous le drapeau britannique que ceux de vos enfants. Nous n'allons pas créer un gouvernement commun, fédéral ou

(16) Ver todos esses ensaios reunidos em volume pela Oxford University Press, prefacio de Basil Mathews, 1919.

(17) Ver J. Tchernoff, *Les nations et la Société des Nations dans la politique moderne*, Paris, Alcan, 1919. — *The League of Nations Journal and monthly report*, January 1919, pag. 36 e segs. — Foi a esse tempo que tambem appareceu: *Articles of a treaty establishing a Supernational Authority that will prevent war*, by a Fabian Committee, cujos pormenores se encontram em Leonard S. Woolf, *The framework of a lasting peace* cit. pag. 91.



autre, mais nous allons étendre les libertés nationales de plus en plus dans les diverses parties de l'empire”.

O Tenente-Coronel Smuts e suas 21 sugestões.

Foi quando appareceu um livro, de pequeno formato, de apparencia modesta, destinado a exercer a mais efficaz influencia na formação da Sociedade das Nações, tal qual se constituiu em Paris. E' a obra do Tenente Coronel J. C. Smuts, presidente do Conselho da Africa do Sul e futuro delegado da Grã-Bretanha na Commissão do Hotel Crillon. (18)

No entender de Smuts a Liga das Nações deve ter um papel muito mais importante que o commumente traçado, pois que além de prevenir as guerras, deve-lhe caber tambem todo o intercurso entre as nações civilisadas. “It is not sufficient, diz elle, for the League merely be a sort of *deus ex machina*, called in in very grave emergencies when the spectre of war appears; if it is to last, it must be much more. It become part and parcel of the common international life of the States, it must be an ever visible, living, working organ of the polity of civilisation”. Para essa tarefa pensa o escriptor que o mundo está maduro. As palavras do rosto do seu livro são suggestivas. Alli diz elle: “My reflections have convinced me that the ordinary conception of the League of Nations is not a fruitful one, nor is it the right one, and that a radical transformation of it is necessary. If the League is ever to be a success it will have to occupy a much greater position, and perform many other functions besides those ordinarily assigned to it. Peace and war are resultants of many complex forces, and those forces will have to be gripped at an earlier stage of their growth, if peace is to be effectively maintained. To enable it to do so, the League will have to occupy the great position which has been rendered vacant by the destruction of so many of the old european empires, and the passing away of the old european order. The League should be put into the very forefront of the program of the Peace Conference and be made the point of departure for the solution of many of the grave problems with which it will be confronted”.

O pensamento de Smuts é que a Europa está em liquidação, e que a Liga das Nações deve caber a herança. Já passou a epoca do equilibrio. A nova ordem de cousas exige um real travamento na cooperação internacional, em beneficio não só da paz, como tambem do desenvolvimento politico, industrial e economico de todas as nações.

Vinte e uma suggestões, então, alinha com esse escopo. Podemos resumil-as assim: (19)

1.^a — A Conferencia da Paz deve considerar como sua primeira e principal tarefa a criação de uma Sociedade das Nações. Ella será o organismo necessario para dar solução a todos os problemas da paz. Na realidade, a Conferencia deve considerar-se como a reunião preliminar da Liga.

2.^a — Quanto aos territorios que pertenciam á Russia, á Austria-Hungria e á Turquia, a Liga deve ser considerada legataria, no sentido mais lateral

(18) *The League of Nations, A practical suggestion*, by Lt. Gen. the Rt. Hon. J. C. Smuts, Hodder and Stoughton, London, Toronto, New York, 1918.

(19) Tão importantes são, no estudo de uma liga de nações, que as daremos em annexo. Vel-as em Smuts, *The League of Nations* cit. e na traducção franceza de Georges Scelle, *Le Pacte des Nations et sa liaison avec le traité de paix*, Paris, colleção Sirey, 1919.

da palavra. Somente ella terá o direito de dispor delles, dentro de certos principios essenciaes.

3.^a — Taes principios são: não haverá anexações de nenhum desses territorios a nenhuma das nações victoriosas; applicação justa e razoavel do principio da livre disposição dos governados para a instituição da forma de governo.

4.^a — A autoridade e direcção administrativa, necessaria a taes territorios, será funcção exclusiva da Liga, por si mesma ou, por delegação, a terceiro.

5.^a — Essa deelgação poderá recahir num Estado mandatario, approvado pelo povo ou territorio autonomo.

6.^a — A Liga reserva-se o direito de ultima decisão, por appellação dos interessados, contra a violação do mandato.

7.^a — O Estado mandatario será obrigado a manter o principio da porta aberta e a egualdade do tratamento economico.

8.^a — Nenhum novo Estado, proveniente dos velhos imperios, poderá ser admittido á Liga sem sujeitar-se ao que fôr estatuido para elle relativamente ás forças militares e ao armamento.

9.^a — Como successora dos imperios, a Liga fiscalisará directamente as relações entre os novos Estados independentes.

10.^a — A constituição da Liga será a de uma conferencia permanente entre os governos dos Estados contractantes, e comprehenderá uma conferencia geral, um conselho, e uma corte de arbitramento e conciliação.

11.^a — A conferencia reunir-se-á periodicamente, tendo nella votos eguaes os Estados representados e cabendo-lhe tratar dos assumptos apresentados pelo Conselho, taes como a limitação dos armamentos. As resoluções votadas pela conferencia terão o valor de uma recommendação dirigida aos parlamentos e governos.

12.^a — O conselho ou *comité executivo* da Liga, será constituido pelos primeiros ministros, ministros das relações exteriores ou representantes eminentes das grandes potencias, e por dois representantes das potencias secundarias, de modo a garantir áquellas a maioria. Uma minoridade de tres ou mais votos pode inquinari de nullidade as decisões.

13.^a — O conselho reunir-se-á periodicamente, designará um secretariado permanente e nomeará as commissões mixtas para o estudo das questões de sua alçada.

14.^a — Suas funcções são as de um poder executivo da Liga, bem como as de administrador dos dominios internacionaes communs como rios e canaes

15.^a — Todos os Estados consentirão na abolição do serviço militar obrigatorio. As milicias bastarão para a defesa, e seu effectivo será determinado pela Liga.

16.^a — Emquanto a limitação dos armamentos fôr impraticavel, o conselho da liga fixará as quantidades de materias e armamento necessarias ao interesse commum.

17.^a — As usinas de armas serão nacionalisadas e sua producção fiscalisada pelo conselho da Liga.

18.^a — Os membros da Liga compromettem-se a não declarar a guerra uns aos outros: a) sem sujeitar a questão a arbitramento ou a um inquerito do conselho; b) emquanto o conselho não dér seu parecer; c) mesmoudada esta circumstancia, contra um membro que se conformar com o relatório do conselho.



19.^a — Si um membro da Liga rompe o pacto concluido estará “ipso facto” em estado de guerra com todos os outros membros da Liga, os quaes o sujeitarão a um bloqueio economico completo. O conselho fará então a recommendação que julgar util quanto á contribuição militar e naval de cada membro.

20.^a — Os membros da Liga compromettem-se a sujeitar a arbitramento toda questão relativa á interpretação de um tratado ou applicação de direito internacional.

21.^a — Não sendo possivel a solução arbitral, o conselho fará as recommendações necessarias para uma solução justa e duravel. Elle envidará todos os esforços para conciliar as partes em litigio e publicará o resultado delles si, mau grado sua recommendação, um dos Estados ameaçar o outro com a guerra.

A Scandinavia — Os paizes latinos — Italia — França — A Allemanha.

Dos paizes anglo-saxões a propaganda vai ganhando o mundo.

Assim a Hollanda, naturalmente fadada ás cogitações pacifistas, alista-se com empenho no grupo dos adherentes da Sociedade das Nações. Uma *comissão especial para a organização de uma paz duravel* lança as bases de um “tratado para a solução pacifica das questões internacionaes” sob a forma de uma corte internacional de arbitramento e um conselho de conciliação, adoptada tambem pela “Organização Central para uma Paz Permanente” fundada na Haya. (20) A posição neutra do paiz, mais tarde, vai concorrer para que o problema seja nelle grandemente discutido.

O mesmo acontecerá á Suissa, cujo interesse no assumpto se manifestou assim tomou corpo a ideia da creação da Sociedade das Nações. Terá que ser consultado o paiz num plebiscito, e a consulta apaixonará a todos os partidos. E’ materia tambem para exame posterior.

A Suecia, a Noruega, a Dinamarca, por seu turno, fundam suas respectivas associações para a sociedade das nações. Concordam os tres governos em tomar medidas de conjuncto, que salvaguardem seus interesses primordiaes no fim da guerra. Varias reuniões se effectuaram no sentido da creação de uma sociedade das nações, cujo projecto definitivo obriga a submissão das pendencias internacionaes a uma corte de arbitramento e a um conselho de conciliação.

A propria Allemanha agita-se. E’ sabido que concordou na creação de uma Sociedade de Nações como uma das condições da paz. Do punho do ministro Erzberger sahirá um projecto integral nesse sentido.

Na Italia, além da Associação Italiana para a Sociedade das Nações, um grande congresso reúne-se em Milão, em fins de 1918. A Associação tem 150 filiaes na Italia e a ella pertencem ministros de Estado, estudantes, industriaes, professores. Entre as conclusões do Congresso está a de que a França, a Grã-Bretanha, a Italia e Estados Unidos da America “devem fazer todo o esforço para transformarem a entente dos Estados anti-germanicos numa Liga de Nações Livres”. Uma corte de arbitramento julgará as questões internacionaes e um conselho alliado, composto de representantes dos Estados associados, executará as decisões do conselho.

Mas é em França que a questão toma maior vulto. Um precursor, Leon Bourgeois, resume poucos mezes antes da guerra os ideais pacifistas da

(20) Ver os pormenores em Leonard S. Woolf, *The framework of a lasting peace* cit. pags. 63 e 126.

humanidade, tão nobremente praticados pelo seu paiz, e o livro é sympathicamente recebido. "Pas d'harmonie sans l'ordre, pas d'ordre sans la paix, pas de paix sans liberté, pas de liberté sans la justice", tal sua formula. (21) Digno successor de Frederico Passy, elle propõe na Haya o "reconhecimento da solidariedade que une os membros da Sociedade das Nações civilizadas", e a convenção para o regulamento pacifico dos conflictos internacionaes, alli votada, o exara espressamente. Mais tarde, membro da França na commissão do Hotel Crillon, Bourgeois tem papel saliente no preparo do pacto.

O seu paiz o acompanha nessa tarefa humanitaria. Assim, a 5 de Junho de 1917 a Camara dos Deputados, numa ordem do dia acceita pelo governo, espera que "l'effort des armées de la République, et des armées aliées, permettra, le militarisme prussien abattu, d'obtenir des garanties durables de paix et d'indépendance pour les peuples grands et petits dans une organisation des maintenant préparée de la Société des Nations". Era o pensamento do ministerio Ribot, constituido a 20 de março anterior, quando, citando a Wilson, dizia ser a organização da sociedade das nações o ideal commum dos aliados. O partido socialista o adopta, por seu lado, ao confiar nas "garanties collectives de la Société des Nations"; e a Liga dos Direitos do Homem o applaude ao exclaimar: "une paix durable n'est possible que par l'établissement d'une société des nations instituant entre les états les mêmes regles que chacun d'eux applique a ses membres, le règlement des conflits par le droit et non par la force".

Mas é pela iniciativa mesma de Léon Bourgeois que se constituiu em França, por uma decisão do Ministerio Ribot, a 22 de Julho de 1917, uma commissão encarregada de preparar o plano de organização de uma Sociedade das Nações. Essa commissão, composta de Leon Bourgeois, presidente, almirante Lacaze, vice-presidente, Jules Cambon, E. Lavisse, Gabriel Hanotaux, F. Appell, d'Esoutnelles de Constant, Payelle, Louis Renault, André Weiss, de Margerie, Gout, Formageot, Penn e P. Matter, apresentou seu projecto ao governo e pediu fosse communicado aos aliados em 8 de Junho de 1918.

No seu relatorio, expoz Leon Bourgeois tres pontos: 1) Deve a Sociedade das Nações ser um super-Estado, ou, ao contrario, respeitará a soberania integral de cada Estado? 2) Compreenderá todos os paizes, ou somente aquelles que, regidos por instituições livres, derem garantias bastantes de sua boa fé e respeito reciproco? 3) Terá meios de executar suas decisões? Respondendo affirmativamente á segunda parte do primeiro e do segundo pontos e ao terceiro, o projecto, minuciosamente, examina o problema em todas as suas faces.

De facto, lê-se alli, o problema da Sociedade das Nações, de origem antiga, tomou corpo nas duas conferencias da Haya de 1899 e 1907, foi retomado pelos governos aliados em varias datas, inscripto pelo Presidente Wilson na sua nota de dezembro de 1916, e acceito pelas potencias inimigas na sua resposta ao papa, de 16 de agosto de 1917. Elle impõe-se, portanto, á meditação das potencias em luta contra os imperios centraes. As bases francezas são as seguintes:

I — Para estabelecer o reino do direito, reclamado pelos successos da grande guerra, é preciso fundar "uma organização contractual e permanente entre as nações, de modo a instituir a associação que a opinião universal denominou Sociedade das Nações".

(21) Léon Bourgeois, *Pour la Société des Nations*, Paris, George Cres, 1914.



II — Não se tem por fim estabelecer assim um Estado politico internacional, mas unicamente “manter a paz pela substituição da força pelo direito na solução dos conflictos”.

III — A Sociedade das Nações é de tendencia universal, mas, pelo seu proprio objecto, “ella não comprehende sinão o conjuncto de nações que, fieis á palavra dada, se compromettem solememente a observar certas regras de manutenção da paz pelo direito”.

IV — E' seu representante um organismo internacional composto dos chefes responsaveis dos governos, ou seus delegados, com a funcção de: a) proceder por mediação amigavel, nos termos da Convenção 1 de Haya, de 1907, não sendo possivel essa mediação; b) fazer julgar a questão por um tribunal internacional, por elle instituido; e, não sendo a questão susceptivel de solução judiciaria; c) resolver-a privativamente.

O conselho internacional assegura a execução da sentença judicial e, mediante requisição, as partes contractantes empregarão seu poder economico, maritimo e militar contra a nação contraventora. Cabe-lhe tambem o emprego de sancções militares, juridicas e diplomaticas, para garantia da boa ordem e da paz internacional. (22)

A 10 de novembro de 1918 funda-se em Paris a *Association Française pour la Société des Nations*. Presidente effectivo, é ainda a Leon Bourgeois que cabe falar. Elle insiste em que a paz depende da applicação do direito e que, faltando até hoje uma sancção perfeita ao direito internacional, cumpre crear um organismo internacional, que a conceda e faça executar. Seu ponto cardeal é o desenvolvimento das instituições da Haya, nas quaes vê o interesse geral da humanidade: “Créer un tribunal international, ou mieux, developper et armer de pouvoirs suffisants le tribunal international qu'ont deja institué les conférences de la Haye, est le premier acte nécessaire”.

Bem se vê que o pensamento latino, adepto das construcções logicas, quer crear um systema inteiro de justiça, no qual a applicação das sentenças arbitraes toma mais vulto que a solução politica das pendencias entre os Estados.

“Cet organisme, conclue Bourgeois, constitué sous la forme d'un conseil international, puisera son autorité dans l'engagement réciproque, pris par chacune des nations associées, d'user avec les autres de sa puissance économique, militaire et maritime contre toute nation violant le pacte social. Il n'y aura rien d'arbitraire dans la définition des pouvoirs du conseil international. Né d'un contract volontaire, suscrit par les états associées, il aura pour unique mandat d'assurer l'exécution de ce contrat. Son but étant le maintien de la paix entre les nations associées, il devra rechercher et employer tous les moyens propres a prevenir les conflits. Il devra d'abord utiliser et développer les institutions créées a la Haye et provoquer au besoin l'établissement de juridictions complémentaires. Pour assurer le règlement amable des différends, il pourra intervenir soit sur la demande des parties, soit même par l'initiative d'un quelconque des autres états associées... Lorsqu'une sentence aura été rendue par la juridiction internationale, le conseil en assurera l'exécution. Il se peut que certaines difficultés, n'étant pas d'ordre juridique, ne se prêtent pas a l'examen du tribunal international. Il ne faut pas que le conseil international soit, en ce cas, désarmé. Les états associés devront, donc, lors de la fondation de la société des nations, déterminer dans quelle mesure un pouvoir de décision,

(22) Ver os pormenores em Leon Bourgeois, *Le Pacte de 1919 et la Société des Nations*, Paris, 1919, pag. 197.

EXPOSIÇÃO QUIRÓS



O louco

CESÁREO QUIRÓS



Um aspecto do *atelier* de Cesáreo Quirós

d'ordre véritablement politique, pourra être attribué au Conseil international, afin de lui permettre, au cas où un Etat en cause refuserait d'accepter la décision prononcée par lui, d'ordonner les mesures coercitives qui pourront être nécessaires pour réduire l'état rebelle à l'exécution de ses engagements".

Taes são, em resumo, os antecedentes da Sociedade das Nações no período da guerra grande. Veremos, algum dia, apreciando os caracteres da noção britannica, os motivos pelos quaes ella sobrelevou a latina, nas discussões do Hotel Crillon.

Londres, março, 1920.





*Julio Cesar da Silva — ARTE
DE AMAR — Ed. Monteiro
Lobato & Cid. — São Paulo—
1921.*

Um grande livro, de um grande poeta: "Arte de Amar", de Julio Cesar da Silva. Raras vezes no Brasil se tem publicado livro igual, de igual valor.

Bemdicto paiz de poetas, que tal poeta ainda produz, capaz de redimir todas as culpas dos epigonos da grande Arte. E' a compensação. E, si para ella, cumpria existisse a multidão dos nossos poetas menores, sejam elles bemdictos. O fogo sagrado que tanto tentaram reavivar, ahi está vivo, em chammas, que um novo alento anima e conserva.

"Arte de amar", que abre o livro, é um poema, um extraordinario poema de lyrismo, de pensamento e de amor. Só por si consiste um livro.

Em espirito, nunca se viu coisa igual. O proprio poeta ahi excede a si mesmo, excedendo a toda a sua obra restante. Ha uma grande distancia entre o sensibilissimo poeta da "Arte de Amar" e o perfeito artista de tantos sonetos primorosos, o admiravel rimeiro de tantas composições, que ha trinta annos lhe fizeram um nome nas letras nacionaes. Apurou-se-lhe a emotividade. O artista, certo, esqueceu-se de que o era, — e melhor o pôde ser.

"Arte de Amar" é um evangelho. Ha de ter acção educadora e

social: e eis porque mais lhe queremos. Não lhe vejamos apenas a feição sensual, toda poesia e arte, simplesmente. Vejamos-lhe tambem o espirito e a alma, a idéa e o sentimento. A esse aspecto, não ha trepidar ante uma affirmação: — o poema de Julio Cesar é de uma alta moral, o mais moralizador dos poemas da nossa literatura poetica, tão cheia de liberdades e licenças. Não vae no que dizemos aquella audacia dos que vêem nos romances realistas, de desbragada nudez, instrumentos efficientes da moralisação. Nada; caso diverso. Aqui não se mostram erros a pretexto de corrigil-os.

Acceitos os factos taes quaes são em sociedade normalmente organizada, aqui com a sua rigidez, além com a sua tolerancia, mas toda ella em equilibrio que escandalos não abalam, emprehenda-se a educação do amor. Essa, sem duvida, a idéia do auctor. O amor é a contingencia. Pois, em tudo quanto elle tem de physico, viva e brilhe um pouco de espirito.

O que mais admira no fundo emotivo da "Arte de Amar" é a serenidade com que o lyrico se domina ante a imminencia do piegas, pon-do uma nota de força, de confiança viril, onde mais facil seria deixar-se levar na onda amavel.

A razão não abandona o sentimento. A emoção não se forra do raciocinio. Desde começo:

Hontem quando passei por tua porta,
Te vi chorando, afflicta;
Ora, o pranto, mulher, não resuscita
Nenhuma coisa morta.

A propria forma logica bem marcada ahi se apresenta no syllogismo esboçado pela conclusiva "ora". E' o mestre que professa sempre a sua arte, com plena consciencia do que faz:

Mostra-te sempre bem serena e traze
Os olhos muito enxutos;
Não dura da afflicção a aguda phase
Mais que uns breves minutos.

Conceituoso, prosegue:

Sê calada, sê discreta,
A avisados nem prudentes
Nunca os faças confidentes
Da tua vida secreta.

Muito ouvido e fala pouca,
Para que nunca te queixes:
Lembra-te sempre dos pe'xes,
Que morrem por sua bocca.

Existe ahi uma "vida secreta" inconfessavel? Depende do valor que dermos ás palavras. Vida intima têm-na todos. A mais casta donzella, porisso mesmo que a sua vida é apenas pudor, encontrará na propria consciencia remorsos de crimes que não praticou, nem por actos, nem por pensamentos... E eis ahi intimidades absolutamente inconfessaveis.

Um lindo conselho:

Porque és mulher, não te importes
Se só te cumprem deveres;
Os direitos e os poderes
Têm os homens, que são fortes.

Mas em amor, as mulheres
Têm o direito da escolha;
Não queiras que homem te escolha
E escolhe aquelle que queres.

Mais um doce conselho, de que não ha nada a temer:

Escravisa um coração
Que o tenhas sempre ao teu mando;
Mais que dois pasaros voando
Vale um pasaro na mão.

Uma advertencia de profunda verdade, na mais linda das formas:

Sobre os seixinhos do leite
Corre a fonte que murmura
E é tão transparente e pura
Como crystal liquefeito.

Se não queres que esverdeça
Misturada ao limo immundo,
No lodo que está no fundo
Não mexas com mão travessa.

Assim é, na superficie,
O puro amor de que és presa
Mas, posta á prova a pureza;
Lá vem á tona a immundicie.

Ha no poema um momento em que a fina evangelisação moral attinge o auge da delicadeza. E' quando, arbitro do bello, o poeta pontifica naquellas esplendidas, incomparaveis estancias:

XXII

Como fazem as feias e faceiras
Que se vêm debruçadas ás janellas,
Não imites as bellas
Que o não conseguirás, por mais que o
[queiras.

Certa mingua de graça não te dôa;
Sê graciosa de amor e de bondade;
Pouco importa a belleza, na verdade,
Se souberes amar e fôres boa.

Dessa pouca de graça, que te doura,
Vive sempre contente.
São inhabeis as bellas, geralmente,
Para a paixão tornarem duradoura.

XXIII

De ti bem sei que receias,
Que a cada passo m'o dizes;
Ha certas horas felizes
Em que são bellas as feias.

Nunca, no dia, te apresses
Por chegar em hora exacta:
E' inutil andar á cata
De coisa que não conheces.

São horas raras. Entre ellas,
Por seu destino arbitrario,
Outras ha em que, ao contrario,
São quasi feias as bellas.

Não tenhas por mal ou bem
Ser desta fôrma ou daquella:
A mulher é feia ou bella
Conforme os olhos que a vêem.

Quem tem sincera affeição
Nessas coisas não repara,
Não vê com os olhos da cara,
Mas com os olhos da illusão.

Dentro da ficção artistica da "Arte de Amar" — um amor irregular perante a lei e os bons costumes, é verdade — não escasseiam, como vemos, os ensinamentos moraes e todos elles numa forma em

que mais efficientes se tornam. Obra de arte, se não condemnamos desde logo o proprio thema, eterno como a poesia, temos que convir em que Julio Cesar lhe deu o maximo de moralidade.

Ha pouco, a sra. Aurel, que é candidata á Academia Franceza, escrevia em "La Grande Revue", a proposito da "Arte de Amar", de Ovidio, algumas paginas palpitan-tes de santa indignação, penetradas de intelligencia e rascantes de viveza. Que abominação a arte de amar em voga em França e no Occidente! — diz ella. São os francezes o povo que menos sabe amar, continua. Pararam em Ovidio, que nada entende daquillo que julga ensinar. Porque um poeta da moderna geração franceza não emprehenderia a obra saneadora de oppôr um pouco de psychologia affectiva á obra de Ovidio? — pergunta emfim.

Julio Cesar, cremos, já o havia feito entre nós. Se em algumas paginas é perfeitamente ovidiano, o conjuncto das suas idéas, a sua inspiração geral, o seu conceito da mulher é o que ha de mais opposto á mentalidade latina do poeta. Ovidio, em absoluto, não escreveria estas estancias:

XXXVI

Para que a paz entre ambos não desande
E a concordia feliz se estabeleça,
Tal preciso é que mande,
Tal outro, que obedeça.
Entre este, que quer ser obedecido,
E aquelle, que á obediencia se abandona,
Escolhe entre ambos o melhor partido:
Manda, e serás a dona.

XXXII

Teu brio de mulher não te permitta
Corresponder do teu amado ao beijo
Só quando o seu desejo
Desse estímulo raro necessita.

Teu beijo não lhes dês como incentivo
Que, se lh'o dás, tu mesma te condemnas
A servir-lhe de escrava e a ser apenas
Instrumento passivo.

Tão nobre concepção da mulher
não caberia em cerebro pagão. Cou-

be no do nosso poeta, a cujo admiravel poema enche de uma dignidade e nobreza, que lhe resgatam as culpas para com a mais rigorosa austeridade.

Cremos, porisso, numa grande e benefica acção educadora e social do poema. O poeta fala, antes de tudo e fala com uma eloquencia rara, que lhe põe o pensamento subtil ao alcance de todos. Artista, modela em formas vivas as suas idéas. Pensador, o psychologo sabe como chegar pela via emotiva á comprehensão do leitor. Com taes qualidades, tão assignaladamente espirituaes, que desde logo ferem o mais bisonho critico, relegando para segunda plana todos os primores de arte, todas as minucias de technica, todas as bellezas da palavra na sua letra, concentrando-nos no seu espirito — não duvidamos que surtirá todo effeito em nosso meio a doce evangelisação de amor e de bondade, de delicadeza de acções e de finezas de alma.

Affonso Schmidt — MOCIDADE — Typ. do Instituto — Santos — 1921.

O suave auctor da "Senhora Dona Sancha" só pode ser um verdadeiro poeta. E Affonso Schmidt o é, com uma feição inconfundivel, que a si mesmo elle soube modelar aproveitando com admiravel senso artistico o que ha de bello na moderna poesia, sem os transbordamentos que a fariam exotica em nosso meio. O espirito, a inspiração nova é, decerto, a mo'a da sua poetica, mas sem os frouxos de vulgaridade e insignificancia que desnortearam outros na mesma rota. "Senhora Dona Sancha" exemplifica. O thema é uma canção de creanças, canção popular ouvida a um acaso de rua: "Senhora Dona Sancha coberta de ouro e prata." Ha ahi, sem duvida, uma reminiscencia medieval, cavalheiresca, ou coisa que o valha, que é a chave

da poesia. Affonso Schmidt, porém, sendo o poeta das grandes massas sociaes, abstrae de tudo o que tresandaria a preconceito aristocratico para se deter nos humildes, nas creanças que cantam inconscientemente, como num sonho, coisas passadas, de ominosas éras, bellas, entretanto, para a sua inconsciencia... Detem-se nas creanças humildes, nas modestas recordações e saudades delle poeta e na humildade do seu amor ignorado. "Senhora Dona Sancha" é, assim, uma scena de rua, uma linda, viva scena de calçada, a que nada falta para ser uma pagina de grande, legitima poesia.

E' tambem assim "O heroe":

Este garoto vil, esganifrado, insulso
Que as duas redeas puxa a rebentar o
[pulso]
E que, de olhar em fogo, inimigos destróe,

Leva sob a camisa um coração guerreiro...
O cavallo é de pau, mas o seu cavalleiro.
Ninguem póde negar: neste momento é
[heróe!]

Mas, a nota aqui ferida é outra. Aquella suavidade se complica em impressões fortes, violentas e cruas, combinadas em extranho quadro do natural. Quem o descreve é menos o poeta que o estylista, empenhado em reproduzir a realidade com os termos proprios, com a sua justa côr, toda a sua crueza, toda a belleza rustica das coisas menos bellas. "As gargalhadas francas", "a podre exhalção do gaz acetilene" "entrosagens mancas que se desemperram" fazem a moldura pittoresca em que se enquadra uma restea de luz coada pelos rasgões do "tecto de encerado:" — "Um retalho de céu amplamente estrellado." Nem falta a esta esquisita flor da varzea, que é "O heróe", composiçãõ de quatro sonetos bem acabados, o odor acre do "humour":

Ah! Como eu comprehendo o impavido
[garoto!]
Elle me faz lembrar, com o seu casaco
[roto.]
Com toda a convicção do seu sorriso mau,

Um homem que tem sido (e nisto não
[me illudo].)
Na conquista do amor, das glorias e de
[tudo.]
Um heróe verdadeiro em cavallo de paul

"Mocidade" se destina a longa carreira em nossas letras.

Affonso A. de Freitas — TRADIÇÕES E REMINISCENCIAS PAULISTANAS — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1921.

O culto do folclore não tem encontrado em São Paulo aquelles fervorosos adeptos, que, em outras regiões do paiz, amontoaram um respeitavel cabedal de factos e coisas, que concorrem muito para o conhecimento do nosso povo. No meio paulistano tudo está por fazer-se nesses sentido. Tradições, credences, letras e artes, lingua, tudo é seára que mal começa a ser explorada.

O sr. Affonso A. de Freitas, do Instituto Historico e um dos mais operosos estudiosos de coisas paulistas, impoz-se a tarefa de salvar da vertigem modernisante alguma coisa desse thesouro. E não foi pouco o que excavou. O São Paulo antigo vive nas suas paginas, como num quadro completo de tradições, costumes, historia, folclore, etc.

Especialmente a poesia popular mereceu-lhe estudos, que têm tanto de interessantes quanto de bem feitos. E' um encanto lêr essas paginas que esclarecem a comprehensão de quadrinhas, dictos, respostas, illusões, etc., que de outra forma seriam enigmas para nós.

"Tradições e Reminiscencias Paulistanas" é livro para ser lido e apreciado por toda a gente.

Aplecina do Carmo—CINZAS: PO'... Casa Mayença — São Paulo — 1921.

D. Aplecina do Carmo é um extranho temperamento artistico. En-

tre as senhoras que escrevem em nosso paiz, apparece como uma personalidade original, sem nenhum contacto com as almas irmãs da sua: sente á sua moda, pensa com-sigo mesma, metrifica a seu talante. E' um caso raro da esthesia, um lindo caso, digno de estudo.

Não a estudariamos, porém, ao pé da letra. D. Aplecina é dessas individualidades literarias em que a literatura é mé'o accidente. Toda sensibilidade e delicadeza, é a propria alma que põem nas coisas que escrevem. Revelam-se taes quaes são, com sinceridade crua.

Mais que ao bibliographo, offerece materia para o psychologo, que della extrahiria lindas, interessantissimas paginas de estudo.

*Aracy Dantas de Gusmão —
EXTASE — Liv. Brasil —
Porto Alegre — 1921.*

Uma poetisa de talento — Aracy Dantas de Gusmão. Seus versos são bem metrificadas e é inspirada a sua poesia, como prova o soneto "Emoção":

Ha, desde que te vi, dentro de mim,
[pulsando],
Uma nova emoção desconhecida e boa,
Que põe no meu olhar mais luz em te
[avistando],
E si acaso te vaes, a fronte me ennevôa...

E' um mixto de alegria e de pesar... E
[quando]
O som da tua voz melodiosa resôa,
Minh'alma se ajoelha ante os teus pés,
[resando]
Os psalmos desse amor que os pulsos
[agrilhoal].

E' um pouco de delirio e adoração. No
[entanto]
Quando me vês passar, despercebida e
[triste],
Mal sabes que na vida és todo o meu
[encanto].

E que eu vivo a sonhar, apaixonada e
[louca],
As phrases que te digo e que ta nunca
[ouve],
Um dia recolher da flor da tua bocca!...

E' innegavel que ahi se revelam qualidades apreciaveis, que ainda não de ter grande desenvolvimento.

*Carlos Seidl — PRELECCÕES
DE MEDICINA PUBLICA —
tomo I — Livraria Conselheiro
Candido de Oliveira — Rio—
(sem data).*

O A. é provector hygienista, consagrado na alta administração sanitaria, no exercicio technico e hospitalar, na tribuna das associações sabias, como na cathedra magistral na Faculdade de Direito do Rio, onde professa, e para cujos alumnos redigiu e publicou essas lições, transumpto fiel de sua erudição e competencia. Discipulo extremecido de Souza Lima, o venerando deão dos medicos legistas do paiz, segue-lhe o exemplo, adaptando-se ao modelo, na docencia e no tratado, discutindo e controvertendo, tanto as questões medicas como as judicarias, com aquelle erudito senso critico que fez a nomeada do mestre e ha de consagrar a do discipulo, já tambem mestre autorizado. A obra é de folego, pois terá tres tomos, dois de medicina legal e um de hygiene, com que os nossos estudiosos e as letras nacionaes se ufanarão, por dadiva tão generosa, não só abundante como excelente, que assim lhes concede o A., tambem escriptor elegante e fluente orador, cujo saber, "de experiencias feito" estava bem qualificado para conduzir e guiar as novas gerações de cultores do direito nesses asperos e embaraçosos problemas da medicina publica. Numa revista de cultura geral, obra scientifica desta ordem não devia passar sem uma referencia, que é de applauso e de justiça.

*Honorio Armond — PERANTE
O ALEM — Typ. S. E.
Olegario Ribeiro — São Paulo
1921.*

A exemplo dos antigos, que nos seus versos resumiram a sabedoria e a sciencia do seu tempo, Honorio



Armond, poeta, não quiz ser, pura e simplesmente, poeta. Sel-o-ia, porém, nesses termos: fazendo-se echo do pensamento philosophico contemporaneo. O grande poeta — pensa elle — só pode ser o que está ao par das ideias do seu seculo. Ora, qual a concepção moderna do mundo? — O Haeckelianismo... Portanto, versifique-se, emocionadamente, a theoria monista.

E o poeta compoz o seu "Perante o Além", onde ha tudo, menos poesia. Ha abysmos e vertigens, ha uma technologia indigesta, pedantismos scientífisantes, etc., mas poesia não.

E' que o pensamento moderno, não é o mesmo que o antigo. O velho espirito de synthese desapareceu. Tudo é hoje analytico, minucioso, circumstanciado. Poetisar o protoplasma ou o tecido adiposo — é lá possível?...

Honorio Armond, positivamente, transviou-se. O poeta hoje, ou tem capacidade bastante para fazer do vulgar novidade, do sentimento arte, da psychologia emoção, ou não faz nada. Ou se restringirá á velha, eterna poesia, que tanto commove o letrado como o rustico, ou terá fracassado com todo e qualquer apparato de que se arme.

Graccho Silveira. — MANHÃ
— Ed. S. E. Olegario Ribeiro.
— S. Paulo — 1921.

"Esta é uma das estréas mais promissoras a que tenho assistido, e sinto-me orgulhoso de a ella ligar de algum modo o meu apagado nome de padrinho pobre." Esse padrinho, que se diz pobre, não é me-

nos que o herdeiro de Bilac, o seu amigo muito prezado, em vida e o seu successor, agora, na curul academica. Assigna essas palavras de prefacio Amadeu Amaral.

Graccho Silveira, o joven poeta de Piracicaba, que toda a Cidade da Collina conhece, admira, applaude e quer como a filho glorioso, entra, pois, feito e bem feito no mundo das letras, que, em pouco, tambem o applaudirá, e quererá como um dos seus eleitos. Ha, para tanto, razão.

O seu lindo livrinho, um mimo, um primor de edição — talvez a mais bella de quantas a industria paulista tem produzido — é tambem lindo de poesia e belleza.

A inspiração é de todas as paginas e de todos os versos e o acabamento é perfeito.

Uma amostra:

Realisaste a promessa. Emfim, felizes,
Continuamos sem nuvem de desgosto,
Eu, nos teus olhos lendo o que não dizes,
Tu, lendo o que eu não digo, no meu
[rosto.

Ha de novo suavissimos matizes
Nas pinceladas largas do sol-poeto.
E o nosso idyllio alastra-se em raizes
E aprimora o meu sonho recomposto.

E oh! minha amiga, oh! minha boa amiga!
A doçura vermelha de teus beijos
Vae recordando a nossa historia antiga.

E eis-nos, assim, na primavera em flor,
Tu, renascida para os meus desejos,
E eu renascido para o teu amor.

São assim as cinco ou seis dezenas de composições que constituem "Manhã".

A feita material é das officinas Olegario Ribeiro, desta capital.



PELA ESQUERDA

José Francisco Halbout, saudoso professor de francez do Collegio Pedro II, adoptava um processo, inteiramente seu, pelo qual não escapava o alumno á obrigação diaria das lições. Dividia a aula em turmas, cada uma sob a chefia do estudante escolhido; esse indicava os faltosos e examinava os trabalhos escriptos que diariamente deveriam ser apresentados, dando conta, ao lente, da sua fiscalisação.

Certa vez um estudante fracturara o ante-braço direito na aula de gymnastica do professor Arthur Higgins (que ainda hoje dá optima conta do recado no legendario instituto); estava o rapaz impossibilitado de apresentar trabalhos escriptos, por certo tempo. Mestre Halbout, com a calma característica que o tornava mais parecido com o Visconde do Rio Branco, determinou que o estudante exercitasse a mão esquerda na escripta, dando-lhe o prazo improrogavel de oito dias para recommear os seus trabalhos. O temor que infundia a severidade do velho lente, fez o rapaz adeantar-se; ao cabo de seis dias apresentava em aula, embora um tanto defeituoso, o seu manuscripto de francez, executado com a sinistra. Mestre Halbout elogiou o esforço e declarou aos discipulos que as mãos devem collaborar igualmente nos trabalhos do homem; a natureza fizera-o ambidestro, mas o preconceito estragára-lhe o feitio. Para confirmar as palavras do mestre, o rapaz, em pouco mais de dois mezes, escrevia indifferentemente, á vontade, com qualquer das mãos.

Isso prova que, desde tempos immemoriaes, o preconceito não se contentou em ordenar: "a mão esquerda não saiba o que a mão direita faz"; foi mais longe, intimando a mão esquerda a não saber o que faz e a viver parasitariamente do esforço da outra, salvo se o dono fôr canhóto, phenomeno que se observa em cinco por cento dos mortaes.

Na infancia encontra-se o movimento ambidestro, que procuram erradamente corrigir. Quando carregadas, as creanças ficam de ordinario do lado direito, com o braço esquerdo estorvado pela posição; pouco depois, na phase educativa, come-

çam as pessimas lições de saudar com a mão direita, de tocar os objectos com a mesma e, chegado o momento do estudo, os primeiros "pausinhos" da escripta devem ser traçados com a destra, prejudicando todo o lado sinistro. O homem, assim guiado por uma estulta prevençõa de seculos, em vez de ser completa e symmetricamente adestrado, apparece destro de uma banda só; para o resto da vida sómente cogita da direita, de modo tal que todas as suas invenções são feitas com prejuizo da esquerda. A luz das salas de aula vem da esquerda para que a sombra da direita não estorve a vista do que se lê ou do que se escreve; escrevaninhas e secretarias são armadas com o lado direito livre; as traves dos velliculos, as fechaduras das portas, as manivelas das machinas, todas ou quasi todas as peças dos apparatus existentes são apropriadas para o manejo á direita, não exceptuando os automoveis e os aeroplanos! A mesa dos repastos, onde as superstições pullulam como cogumellos bravios, o talher e o respectivo suporte, em regra geral, ficam á destra do commensal. Por que esses privilegios odiosos de uma peça em prejuizo da outra? A dona da casa ou o papá ou a familia em peso, que tenha ascendencia sobre um fedelho, procura "educar" de modo obsoleto a civilidade, e muita vez vimos reprimendas e castigos ás creanças que não estenderam a direita á visita que apparecia ou ao "dindinho" respeitavel que a procurava...

Extranhando certa vez esse mão veso, tivemos a explicação original, talvez absurda, de respeitavel pae de familia:

— Não é o preconceito, não é a convenção, é a sciencia que ordena esse feito e esse gesto, explicava elle. "A esquerda é o lado do coração e, por conseguinte, devemos poupar todo o esforço que possa, nesse lado, prejudicar o calmo funcionamento do precioso musculo... Por isso é tambem recommendavel o dormir sómente sobre o lado direito"... Essa pretensa explicação deixou-nos surpresos, mas um circumstante, que era do nosso parecer, explicou promptamente:

— Historias! Meu caro! Historias! Carminholas! Que eu saiba, o coração não

está assim do lado esquerdo, como diz o amigo; e que estivesse inteiro desse lado, que tinha isso com o trabalho do braço respectivo? Aqui estou eu, com quarenta annos de vida intensa, a escrever receitas com qualquer das mãos, tal como faz o dr. Afranio Peixoto; aqui estou eu que durmo de qualquer geito, de qualquer lado, até de papo para o ar, sem que o coração tenha até hoje protestado! — O amigo não se lembra de que a direita está do lado do figado, inimigo fidalgal dos excessos, a acreditar nessas influencias dos braços sobre as fressuras...” E depois de tomar folego, continuou:...

— “Com essa theoria, todo o harpista ou pianista de nome deve ser cardiaco, a não esquerda tem tanta mobilidade como a direita... mas isso infelizmente só na harpa ou no piano; no mais, o “virtuose”, se não fór canhoto, impinge a direita para toda obra; a verdade é que ambos os membros thoraxicos têm eguaes funções e devem ser todas aproveitadas.”

O amigo tinha razão, esse defeito de se dar mais movimento a um dos lados, torna mais forte a asymetria relativa do corpo. Collocae um homem nu deante de larga tela quadriculada, para confronto das regiões e vereis que um dos lados, em repouso ou em movimento, é sempre mais desenvolvido do que o outro, pela frequência do exercicio.

Parece-nos que já é tempo de pôr o basta em taes processos unilateraes, a começar pelo ensino da escripta e do desenho nas escolas primarias. Consta-nos que em S. Paulo algo se faz a esse respeito actualmente; teriamos grande prazer na confirmação desse boato e prazer muito maior se as municipalidades estabelecessem medidas rigorosas em favor dos homens do futuro. Que a etiqueta, o protocollo e outras invenções de salão continuem a estabelecer normas de preferencia para a destra, com seus injustificaveis predicados de estima, consideração e apreço, conforme as nórmas tabelliões dos rodapés dos officios burocraticos, mas que não se despreze a esquerda no trabalho, dando-lhe encargos eguaes aos da direita.

De momento, muita gente, dominada pelo costume e pela tradição, sentir-se-á um “tanto esquerda”, como costumam dizer, deante do que cuidam ser uma inovação; isso, porém, desaparece, quando se verificar que não ha nada de novidade no assumpto, que elle é tão velho como o mundo, e sómente uma usança de longo tempo tornou esquecido o que era natural.

Para os que cultivam as artes plasticas o processo é de largos proveitos; a creança que se inicia, ambidestra, no desenho, alcança na execução maior segurança, maior desembaraço, perdendo de prompto o acanhamento que constringe muitos marmanjos que se utilisam de um só dos membros superiores. Segundo refere Lutz, em seu livro, “Practical Drawing”, o habito serodio de dar o trabalho a uma só mão, chega ao ponto prejudicial de estragar muita vez o poder visual do artista, mal acostumado. Desenhistas ha, diz elle (e a

observação tem confirmado muito) que, observando um assumpto um pouco voltado para a direita, pelo habito do exercicio unilateral, vêm de modo differente quando se voltam para o lado opposto; a visão fica assim sacrificada, porquanto a luz vem sempre do alto e da esquerda, quando poderia vir de qualquer lado, uma vez que o artista podesse dispor de qualquer dos braços com egual maestria.” Raro é o artista que não sinta o effeito desse processo antiquado; quasi todos os que conhecemos de perto sentem difficuldades quando o lado direito é constringido.

O vulgo, nas suas phrases de movimento, possui uma que é usada actualmente, com certo poder de expressão: “desapertar para a esquerda”, significativa da acção prompta que livra de um embaraço qualquer... E' o caso de se pedir ao ensino publico que “desaperte para a esquerda” em materia pedagogica, que se ensine agora ás creanças a função egual dos braços e, mais tarde, em vez do homem desapertar para um só lado, terá a educação das duas alavancas que a natureza lhe deu para alcançar o pão de trigo e o pão do espirito continuar com o processo antiquado de deixar a esquerda parasitaria e improductiva, será motivo para evocar os gestos avoengos de repulsa, que se traziam na cerimonia supersticiosa de “se benzer com a canhota”.

Raul Pederneiras.

(Do “Imparcial”).

PARADOXOS SOBRE AS REVOLUÇÕES

Ao ler, estes dias, as noticias dos ultimos acontecimentos de Portugal, de quando em quando me vem á lembrança a figura estranha de Raskolnikoff, do “Crime e Castigo”. E' que talvez me occorram aquellas singulares idéas postas pelo genio epileptico de Dostoiewsky nos labios do “justicador” de Alena Ivanovna: “Na minha opinião — dizia elle — se as descobertas de Kepler e Newton, em virtude de circumstancias especiaes, só houvessem podido vingar mediante o sacrificio de uma, de dez, de cem ou de maior numero de vidas, qualquer dos inventores teria o alvedrio ou, ainda, teria sido obrigado a “supprimir” taes obstaculos, afim de que as suas obras aproveitassem ao mundo inteiro”...

Estas palavras visariam apenas uma justificativa para o golpe a que succumbiu a usuraria — symbolo humano da cupidéz dinheirosa, vivendo da miseria alheia e não se reservando nem ao menos um resquicio de ventura, senão a do goso ignobil sobre a dôr e a fraqueza da desgraça explorada? O delicto ahí constitue um episodio particular decorrente de um systema de principios geraes. Antes de o commetter, Raskolnikoff firmára num ensaio theorico as bases de sua philosophia, se se deve classificar de philosophia as concepções que attentam, assim, contra a chamada ordem conservadora. O seu ponto de vista re-



sultava da consideração de que o bem estar colectivo, assentado no direito, comum de todos, á mesma liberdade e á mesma justiça, não pôdia subordinar-se aos obices do caminho. Praticada a revindicta, os criminosos que agem abstrahindo-se de si mesmos — forças explucntes da providencia universal — com a tristeza dos factos ao imperio dos quaes refugaram a serena harmonia das desditas inertes, soffram os castigos moderadores da lei. Não se trata dos criminosos vulgares, bestas féras entregues ás simples arremettidas dos instinctos.

O louco Rodion colloca os homens, na hypothese, em dois polos distinctos. No extremo norte, agrupam-se os homens "ordinarios"; no sul, os "extraordinarios". Se, acaso, a proseguirem o objectivo de terrivel predestinação, cabe aos da segunda categoria a necessidade de derramar um pouco de sangue, os da primeira, elementos de equilibrio, lhes cortam a cabeça, exercendo, deste modo, o seu papel repressor, até a hora em que erigem estatuas aos supplicados e os canonizam. Que doido curioso! Lycurgo, Solon, Hahomet, Bonaparte, etc., violaram antigas formulas de estatutos sociaes, substituiram-n'as por outras, e a beneficio pessoal exclusivo, dizimaram milhões de creaturas. Acham-se todos no Parthenon. Hoje vemol-os coroados e sublimados. Não seria, pois, razoavel que pretendessemos ferir de exorcismos os nomes dos que se oppuzeram aos assaltos desses heróes ou desses messias e não por falta de gana deixaram de os fisgar a geito. Emquanto não se prove que os globulos vermelhos de Napoleão ou de Alexandre ou de qualquer dos grandes matadores de igual estirpe valiam mais que os dos povos trucidados aos embates das suas "razzias" de violencias iniquas, ha de se comprehender a logica dos gestos que, sobesahindo das victimas de semelhantes flagellos, os eliminassem, a tempo de lhes impedir peores desmandos, os desmandos entretecidos de louros nos paradoxos da gloria. Afinal, não se percebe ao certo de quem é o dispauterio — se do personagem de Dostoiewsky, se dos juizes que dispõem das chaves da cadeia e da immortalidade, para, a seu bel-prazer, fulminar bandidos ou consagrar benemeritos.

Ora, a doutrina de Raskolnikoff não exculpa a acção criminosa do individuo, mas assenta perfeita no caso das revoluções collectivas. As revoluções fogem ao barbaro das vindictas privadas ou do egoismo desencadeado em truculencia. Ao contrario dos desaggravos do odio animal e dos desvarios de caracter ambicioso, resaltam sempre de um profundo e nobre e expressivo timbre de sacrificio. Tanto assim que as maiores victimas dellas são, em regra, os que as promovem e incendem. Observe-se a revolução franceza, definida pelo divino Carlyle como a Rebelião, franca e violenta, e a Victoria da Anarchia deflagrada, em face da Autoridade corrompida e gasta; a Anarchia que irrompe das Profundezas eternas e estrondeia irreprimivel, incommensuravel, desenvolvendo um mundo, precipitando as suas

crises de delirio, até coordenar as proprias energias cegas e com ellas, applicadas e tornadas uteis, crear a Ordem no Bem. Aqui, não se distinguem pessoas nas massas que se frenesiam sob os céos de fornalha. O Homem passa a se chamar Força, a Violencia, Justiça. Mesmo porque as revoluções representam um esforço que a geração presente offerrece ás futuras, para as eximir dos males que o seu desespero fixa e combate.

Portugal atravessa agora mais uma dessas crises. Desde a morte de d. Carlos e do principe d. Luiz, quer dizer, desde que ensaiou a republica, raros dias terá transcorrido sem identicos sobresaltos. E' a mesma trepidação vulcanica, a mesma gegação de lavas da natureza que se depura, abalada dos phenomenos da febre interior. Incurções restauradoras ou tentativas de melhorar o regimen ainda desacommodado, em rebeldia contra vicios seculares, tudo lhe denuncia a ancia por um estagio nacional de accordo com os fins do primeiro movimento reaccionario. Obstaculos sobre obstaculos, está claro, lhe retardam a conquista da calma, a tranquillidade do destino. Vae removendo-os, á proporção que elles apparecem e embaraçam a causa suprema do paiz. Os povos felizes nunca se rebellam e, todavia, são ainda felizes os povos que conservam o caracter civico da resistencia, o sentimento da sua soberania, a alma heroica da revolta, disputando a liberdade, a ferro e a fogo, aos seus oppressores. Avultam erros graves de alguns episodios da vida portugueza dentro da campanha republicana. Uma nação que possui archetypos da majestade moral de João Franco e de Sidonio Paes não os proscreeve; guarda-os; dá-lhes o prestigio necessario ao trabalho das reformas intrepidas que o pulso de aço dos gigantes emprehende. No entanto, como oppôr limites á onda bravia dos reptos populares que, visando a felicidade commum de todos, ultrapassa as linhas conselheiras do bom senso? Que de bom senso do Terror, mas que de beneficios não se projectaram dos seus excessos sobre a especie humana?

Lastimamos, nesta occasião, os mortos de Lisboa. O que não é de lastimar é a vitalidade da velha patria dos navegadores audazes, cujos musculos se robusteceram no infinito dos oceanos e cujo espirito, acostumado ao espectáculo das vagas indomitas, se rejuvenesce a cada passo na luta. Os pobres nautas dos charcos, os escravos das sujeições gelatinosas, invejam-n'a.

O' Rodion, meu triste sonhador — olhos que choraram aos pés de Sonia, braço que vibrou o machado para "supprimir" a Iniquidade — deixemos de sonhar asneiras!

Mario Rodrigues.

(Do "Correio da Manhã").

"O JARDIM DAS CONFIDENCIAS"

E' o titulo de um livro de versos que appareceu ha pouco. O poeta chama-se Ribeiro Couto. Chega-nos de S. Paulo

uma linda edição da empresa Monteiro Lobato, e, se não me equivóco, andará pelos vinte e dois annos de idade.

Naquelle noite de borrasca, a semana finda, enquanto a chuva batia com mil açoites os vidraes das janellas de casa e o vento ululava sobre o telhado como um uivo sinistro de matilha, conheo-o. Vi-aham as primicias da musa suave trazer aos máos presagos do meu silencio a luz, a bonança e a doçura de uns olhos de columba. O terrivel instante de melancolia logo se me transmutou numa caricia infinita de saudades, numa dessas horas inolvidaveis que a alma refina através das evocações nostalgicas, a cujo poder nos tornamos uma especie de deuses, superiores a todas as contingencias e a todos os phenomenos do tempo e do espaço. Uma voz que eu já ouvira — como? onde? quando?—éco perdido da memoria, descia a me recompôr a vida inteira; a me reconduzir a logares queridos; a resuscitar figuras santas de anjos e figuras boas de leões, deixadas atrás, longe, longe, sombras quasi diluidas, imagens lyricas do passado. Penetrava-me o coração, inebriava-o do aroma de velhos jasmineiros, do brando, ethereo olor de caçoilas extinctas. Ainda mais pelo rythmo, do que pela expressão nitida, por assim dizer, photographica dos quadros, a poesia de Ribeiro Couto proporcionava-me o conforto do sonho tonico. Por que não me recordaria do baloiço compassado da rêde, em torno da qual azas seraphicas, fantasias archimalucas, pedaços de romance, lá se foram os annos, tambem me haveriam feito poeta, se eu não nascesse cavouqueiro?

Cada um de nós tem um mundo subjectivo em si mesmo. Mas quantos pensamentos, quantos poemas não se insinuam na orbita cosmica, deformados pela imprecisão das nebulosas! Um dia, incapazes de os plasmar, de lhes imprimir contorno, encontramos quem nol-os apresente com o modelo proprio, o typo justo, a resonancia verbal que debalde procuráramos. Estes são os verdadeiros artistas. Synthese telepathica de idéas vivas, a que, todavia, faltavam possibilidades de exteriorização, a sua obra sangra do nosso sangue. "Como não conseguí escrever isto, eu que o pensei innumeradas vezes?"—dizemos de trabalhos compostos sob essa sympathia electiva. A prova assim verificada da nossa inopia serve para destacar em relevo maior o gráo de sinceridade e a efficiencia esthetica dos escriptores que falaram por nós.

Se desestimaes as expansões de ternura, fugi do jardim do poeta. Abelhas de ouro entretecem, ahí, alveolos de filtros magicos. Nada de orchidéas, de flores bravas, ou do esplendor berrante da polychromia vegetal. Um vago, enternecido, longinquo perfume de violetas satura a

atmosfera, onde sobrepaira o espirito de Musset ou, melhor, de Murger, cujos recantos de bohemia generosa e candida, candida ainda no vicio, esboçariam do mesmo modo "a moça da estaçõesinha pobre". Nunca me arvorei em critico e mesmo possuo da critica certas noções absolutamente negativas, quer se ella reveste o tom dogmatico, attribuindo-se postulados scientificos, quer se ella pretende, ao sabor de enthusiasmos ou paixões occasionaes, obrigar a terceiros o julgamento de quem a pratica. Deixae, porém, que vos convide a parar... As confidencias dos bardos moços são sempre encantadoras quando espontaneas. Mãe! A minha voz some-se, fraca e inutil, deserto a fóra. Ninguem a escutará. Mas vós outros sentireis o que eu sinto, esta emanção de bondade, este effluvio do céu, esta ancia de voar e coroar de estrellas as que são, na constancia do eterno amor, o transumpto affectivo da existencia, sentil-o-eis, lendo a "Vigilia da mãe fatigada". Noite. Chove. E' já duas horas da manhã, ella espera o filho. Espera-o desde as nove horas. O vento bate á porta. O anjo bom apavora-se. Corre a olhar pela vidraça da janella, de onde abrange um trecho da rua deserta e o espelho indeciso das poças de agua. Senta-se de novo e espera. Volta a tremer de susto por que lhe chegue aos ouvidos um som estranho. "São os a's do arvoredor". Passam os minutos, os quartos de hora caem, plangentes, da torre da igreja, e nada, nada! Afinal, recolhe-se. Vae ao oratorio e reza. "Uma dôr muito fina lhe apunhala um pulmão"... Reza. Antes tambem de se deitar, vae ao quarto do ausente. Lá está a cama vazia. "Pobres mães a quem Deus deu um filho poeta!" Deita-se, e de manhã, fatigada da vigilia, que se repetirá sempre, entra mansinho, mansinho como levada por azas invisiveis, na alcova do noctambulo. Um raio de sol atravessa os vidraes. O noctambulo dorme com o dia. Sorrindo, a mãesinha abençoá-o.

"E em meio áquelle desalinho pittoresco Acha a decifração dessa noite passada: Sobre a mesa um papel rabiscado de fresco E um cheiro de mulher na roupa abandonada..."

Tudo, na poetica de Ribeiro Couto, deflue de igual simplicidade, embora não se prejudique a harmonia das estrophes sonoras, musicalmente tão bem ajustadas á onomatopéa, assim que dos effeitos mais leves, ás syncopes dos stradivarius. Nenhuma pretensão na sua arte e o interessante é que se deve a essa circumstancia o seu triumpho. Lembra-me o Heine. Ha pequenas quadras n' "O jardim das confidencias" que formam um poema completo. Alguns dos seus versos, destacados e apenas estendidos através

de reticências, encerram paginas e paginas de romances, romances inteiros, como nos "Intermezzos". E' a mesma immensidade ideogenica do soneto de Anvers, no qual se contém toda a tragedia classica do amor sem esperança, obscuro e desattendido. Por falar em Anvers, noto que o joven paulista se affeioou ao thema daquelle trabalho. Repetidas vezes elle defronta visões identicas de desconhecidas que passam, egual por egual, desattentas e indifferentes para o olhar que as fixou e para o coração que as seguiu no caminho. Mas não se trata senão de uma mera reminiscencia, ligada a assumptos que constituem episodios communs da vida.

Que escolher entre as confidencias? Não se segreda aos nossos ouvidos uma só que não se nos reflecta em algum eco mnemonico. Folhas mortas, cinza fria, adeuses evanescidos, fantasias loucas, reinos encantados que se esbororam, idyllios tristes, sorrisos mysteriosos de estrellas, neblinas, occasos sepultos, revivem-se em nosso espirito, um momento subitaneo, acordados pela musa de olhos de columba. Olha-se o passado, o crystal dos gelos na distancia remota... Eu quizera fazer o elogio da bohemia, que é a exaltação do bem, a imaginação piedosa, a alma douda do sacrificio, a resistencia suave contra a desventura.

"De certo soffres, vagabundo. Um dia
Te enamoraste de um olhar doente
E de uma leve mão, tremula e esguia,
Que em tua mão bol'iu medrosamente.
Eu sei... Essa canção apaixonada
Sóbe áquelle balcão, vò... revò...
E eis que vem escutal-a, debruçada,
Uma linda princeza sem corò.

O' trovador que pela noite fria
Cantas ao som desse violão plangente,
A tua musical melancolia
Põe lyrismos no espirito da gente:
Alto mar... uma gondola azulada...
Alto mar... ao luar... junto da prò
O suave perfil da bem amada:
Uma linda princeza sem corò.

Canta! Na minha alcova socegada
Fico a evocar, com que ternura boa!
Fico a evocar, no embalo da toada
Uma linda princeza sem corò."

Ao canto da alma dos bohemios nunca falta uma princeza e nunca faltam á princeza diademas e thronos. E como amena a desgraça das pobres tysicas a alegre musica que lhes corta de clarões de esperança a tosse dos pulmões estalados!

Acostumámo-nos a uma poesia sem elevação, nem finalidade e que, despida de qualquer sentimento, se limita á urdidura de quadros bizzaros e paradoxos orchestraes. A influencia de Baudelaire,

Mallarmé, Verlaine, Moréas, Rimbaud chegou até ao Brasil desvirtuada e contundida, para nos dar, em logar de uma renovação esthetica, um bric-à-brac de pinta-monos, exotico como um bric-à-brac chinéz. Neste geito, depois dos horizontes que, a seguir, se abriram á literatura por toda parte, e que em toda parte estimulam, sobretudo, as grandes creações moraes, associadas aos destinos de cada povo, ainda assistimos, sem que os louros da fama e o premio da immortalidade empalideçam nessas fronte augustas, a immemorial toada das "columnnatas da Grecia", do "esplendor dos mares joniois" e do "nariz de Cleopatra". Os homens continuam a viajar nas gondolas do tempo dos doges e a deitar nas aguas de Veneza a linguagem mais retorcida e vasia, mais inactual e nephilibatica que já feriu as regras do senso.

Em boa hora, Ribeiro Couto offerece-nos ingresso num legitimo remanso de sentimento. As suas rimas não nos aggridem. Os motivos da sua lyrica tocam-nos o peito e a intelligencia. A sua arte, nobre e sincera, dá-nos uma revelação consoladora. Saudemos o luar melancolico que inspirou o poeta feliz dos vinte e dois annos.

Mario Rodrigues.

(Do "Correio da Manhã").

"MOCIDADE"

Afonso Schmidt, que agora publica "Mocidade", é o mais despreoccupado poeta do Brasil. O mais despreoccupado, o mais bohemio, o mais simples... Aprendeu a fazer versos sem saber que era versos que fazia. E' o caso da imagem sedica: como os passaros aprendem a cantar. Aos treze annos, na escola primaria... Mas é melhor dar a palavra ao editor das "Janellas Abertas", livro apparecido em 1911:

"Este poeta nasceu na cidade de Santos, no anno de 1890. E quando contava treze annos e frequentava ainda a escola primaria, seu avô e seus paes foram descobrir entre os alfarrabios escolares do poeta um livro de versos manuscritos, lyricos, feitos pelo nosso vate a uma namorada, por quem fugia da escola impenitentemente." Esses versos apparecem em volume, em Santos, em 1903, no mesmo anno da grave descoberta, com o pensativo nome de "Lyrios Roxos". No anno seguinte outro volume vinha seriamente enriquecer a literatura nacional "Nocturnos". Depois Afonso Schmidt, com quinze annos apenas, metteu-se num porão de navio e, clandestino, lyricamente contra as leis, seguiu rumo da Europa, Schmidt, apezar do seu excellente sangue allemão, nasceu cigano. Já nessa idade o picára a tarantula divina que havia de fazer da sua vida um romance de bohemia permanente. Atravessando o

Atlantico fascinador, passou deliciosas miserias em Lisboa e em Madrid. Em Paris morou com anarchistas russos de olhar brando e maneiras sonhadoras, bebendo com elles o chá reconfortante do samovar caracteristico, em quintos andares da Rive Gauche, e com elles enchendo a cabeça de ideaes dynamiticos. E' curiosa esta passagem da sua existencia em Paris, elle estava uma tarde num banco de jardim pensando coisas sentimentaes, quando se approximou um homem pesado, severo, que lhe poz a mão no hombro, delicadamente:

— Olhe, não ande mais com aquelles rapazes.

O anarchista de dezeseis annos tremeu.

O homem continuou:

— Já tenho observado que o senhor é um moço ingenuo. Não se metta mais com elles.

Schmidt foi infame, burguez:

— Sim senhor...

E no intimo sentiu-se glorioso com ser objecto da vigilancia da policia de Paris... Porque Schmidt era apenas poeta e o seu secreto, verdadeiro ideal, era a bohemia e portanto estava neste soneto, "Rodolpho", escripto naquella época:

Alegre embaixador de sua alteza a graça,
Junto á bohemia azul que mora nos te-
lhados,
Erguendo nos festins a embriagadora taça
Dos flavos vinhos de Hebe, os vinhos en-
cantados;

Cantou no verso puro—um diamante sem
jaça—
Suas roseas paixões e seus roseos pec-
cados
Nesse lyrismo bom que á singeleza enlaça
A dolencia lilás dos corações maguados...

Que falem do bohemio as arvores saudo-
sas,
Os antigos jardins atufados de rosas
E o Sena que aprendeu sua velha bal-
lada...

E o leito de hospital em que um dia,
doente,
Sem amores, sem pão, findou sinistra-
mente
Sua florea e jovial e rutila embaixada.

Nesses versos das "Janellas" ha todo o desencanto da alegria. São dos mais formosos da musa vadia de Schmidt. Rodolpho ficaria bem contente de conhecê-los...

De volta ao Brasil, publicou em 1911 essas "Janellas Abertas", que mereceram um segundo premio da Academia de Letras, no anno seguinte, cabendo o primeiro ao livro de Miguel Mello sobre Eça de Queiroz. Em seguida tornou á Europa. Viveu em Nilão. Ia publicar ali um poema, "Os noctambulos", mas esqueceu-se

dos originaes numa typographia, quando, em chegando a guerra, teve que regressar ao Brasil.

Ultimamente Afonso Schmidt preocupou a policia do Rio... Fundara a "Voz do Povo", um jornal maximalista. O jornal fez barulho, a policia interveiu, Schmidt fugiu. Para onde? Para a casa de Oduvaldo Vianna, seu amigo de infancia, que tem na consciencia, pois, o crime de haver dado asylo a um inimigo da sociedade. Apenas, nem Oduvaldo Vianna, nem eu, nunca levámos a sério o maximalismo de Afonso Schmidt. Nós só levavamos a serio, nelle, uma coisa que a policia energicamente ignorava: a sua deliciosa poesia.

Os seus poemas feitos nestes ultimos dez annos elle acaba de dar neste volume, "Mocidade", em que outra vez nos vem commover o seu "lyrismo bom".

E' de uma delicadeza adoravel este soneto, "As pallidas":

São muito louras, muito delicadas...
Moram numas vivendas tão singelas
Que a gente sem querer attenta nellas
Como que adivinhando namoradas.

A' noite se debruçam nas janellas.
Sem olhos, sem ouvidos, sem risadas
Sentindo o bafo quente das calçadas,
Onde se arrastam folhas amarellas.

Tempos depois, aprestos de partida;
Vão para as serras, pallidas, sem vida...
O pranto os olhos maternas arraza.

E quando a gente volta á casa, um dia,
Vê trancada a janella que sorria
E lê na porta: "Aluga-se esta casa".

Eu disse, que Schmidt é o mais des-
preocupado poeta do Brasil. Falo por
mim. Não conheço nem posso conceber
ninguem com mais indiferença pela suc-
cessão dos dias. Os d'as podem repetir-se,
os gestos humanos tambem... Schmidt
vive a sua bohemia, nada mais. Acontece
que ás vezes essa bohemia toma a ap-
parencia de doutrinas revolucionarias,
mas isso não tem importancia. Affirmo
ao exmo. sr. chefe de policia que isso
não tem a menor importancia. Dou-lhe a
minha palavra.

Se este poeta não fosse assim despre-
ocupado, poderia ter um lindo nome a
estas horas espalhado pelo paiz todo,
como tambem uma obra regular, harmo-
niosa e definitiva. Mas, que lhe importa
isso? Que lhe importa o lindo nome? Que
lhe importa a obra definitiva? E' devido
a essa distracção fundamental da sua
personalidade que Afonso Schmidt não
nos deu em "Mocidade", propriamente
um livro. Deu, em boa verdade, uma
collectanea de poemas que elle escreveu,
como alludi, através de dez annos. Não
é um livro porque não tem esse cunho

de harmonia, essa íntima ligação ideal a que se pôde chamar, talvez, pretenciosamente, a unidade esthetica. Ha em "Mocidade" um pouco de poesia social, um pouco de parnasianismo, um pouco de pantheismo e muito, felizmente, do seu "lyrismo bom". A esta parte pertence a "Senhora dona Sancha" — encantadora doçura! — como ainda "Fraulein", "E a vida passa...", "O ultimo Pierrot", "Bairros novos", "As sombras", "Ao balanço da rede" e "Cubatão". E essa variedade de correntes espirituas e literarias é expressiva da psychologia de Schmidt, que por indole errante não se fixa nas coisas. Aliás, essa necessidade de mudar, de trocar o pouso é admiravelmente boa quando os artistas se aproveitam della. No caso de Schmidt, o louvor caberia, por exemplo, se elle nos desse hoje um livro de rebellião, de poemas como os sonetos deste livro chamados "A queixa dos poetas vencidos" e "A dor harmoniosa", que são "poesia social"; e depois nos desse um poema pantheista, de que as poesias de "A terra" são como que um ensaio. E assim por diante. Porque, mesmo a obra lyrica tem que obedecer a um plano, senão consciente, pelo menos sub-consciente. Mas, Afonso Schmidt, enquanto não envelhecer, não nos poderá dar uma obra com unidade esthetica. Elle varia mais depressa do que é necessario. Hoje põe mãos ao trabalho, começa um romance e escreve alguns capítulos. Deixa-o dentro de uma semana. Passa a preoccupar-o um poema cyclico, theosofico, em que todas as forças universaes apparecerão. O poema vai morrer, no dia seguinte, entre um cigarro e uma pilheria...

Em consequencia, creio não errar dizendo que elle faz versos como os passaros cantam. Mas, em virtude de ser um poeta errante, que alegremente se teria incorporado com o Richepin de outróra, ao bando cigano de Miarka, Schmidt é uma ave bohemia, uma ave de estação... Se as andorinhas cantassem, eu d'ria que elle é a andorinha da poesia brasileira.

Ribeiro Couto.

(D' "O Dia").

A INICIATIVA

1.º — São homens os que aram o seu proprio sulco. Toda creação é fructo da livre iniciativa e chega ao seu termo, sustentado pelo sentimento da independencia.

Quando aprenderes a querer e souberes o que queres, não te detenas, juventude, em buscar fóra de ti os meios para executal-o. Nenhuma escola, nenhuma seita, nenhuma camarilha, poderá sentir como tu, intensamente, o ideal da arte, da verdade, da justiça, que tu mesmo concebeste e que só tu podes rea-

lizar. Poeta ou philosopho, apóstolo ou artesão, tem confiança em ti mesmo, não sigas rotas alheias, não subordines tua vontade a outras vontades, não te ampares de sombras que empanam nem persigas protecções que atam. Dos que sabem mais, aprende, sem imital-os; dos que oferecem mais, aparta-te, não peças. Se sois capaz de realizar teu ideal não necessitas delles; si impotente, ninguém te capacitará para realisal-o. Quer, quer com firmeza, com toda a tua mente e com todo o teu coração, pondo em querer o melhor de ti, a fé em tuas forças moraes.

O porvir dos povos está na livre iniciativa dos jovens. A juventude se mede pelo inquieto afan de renovar-se, pelo desejo de emprehender obras dignas, pela incessante floração de sonhos capazes de embellezar a vida. Jovem é quem sente dentro de si a força do seu proprio destino, quem sabe pensal-o contra a resistencia dos demais, quem pôde sustel-o contra os interesses creados. Sem ideacs não pode haver iniciativa livre.

2.º — A livre iniciativa permite adiantar-se aos demais. O que se res'gna a percorrer caminhos consuetudinarios envelhece prematuramente e se torna eciaivo do costume. O que não ousa ler um novo livro, inflamar-se por um novo anhel, accommetter uma nova empresa, renuncia a viver. E' sombra de alheias vontades, folha outomnal que todos os ventos arrastam, peça mecanica de uma engregagem cuja mola ignora.

A livre iniciativa é uma renuncia á cumplicidade dos demais e se revela em toda rebellião á rotina: buscando uma verdade, transmudando um valor esthetico, corrigindo uma injustiça, inventando nas artes ou nas industrias, irrigando um campo, formando uma bibliotheca, plantando um rosal.

Todo progresso é variação e implica rebeldia. E' proprio da juventude plasmar os aperfeçoamentos; é inherente á velhice oppor-se a toda innovação. Quando se perde a livre iniciativa, desaparece o caracter; o homem torna-se parasita da sociedade, age pelo impulso dos demais, se esconde na penumbra. Deixa de ser elle mesmo. Não existe. E não existindo não serve para seu povo, não contribue para o porvir. Um domestico não é um cidadão; o parasitismo não é a solidariedade.

Merece chamar-se homem livre o que tem capacidade de iniciativa diante da coerção alheia; a liberdade moral é a aptidão para agir no sentido determinado pela propria experiencia, imprimindo á conducta o sello inequivoco da personalidade.

3.º — A dependencia passiva é incompatível com a dignidade. Os mansos, os ignorantes e os folgazões, por falta de confiança nas proprias forças, entregam o seu destino á cumplicidade dos demais.

Tudo esperam da beneficência do Estado: professam os catecismos de suas escolas, obedecem ás ordens dos seus funcionarios, esperam a protecção das suas leis, imploram a mercê dos seus favores. Sonham com uma sinecura na burocracia e sabem de memoria a lei da jublação.

Com taes homens nada progride nem se renova, senão com os que estudam, querem e fazem. O que se engrandece a si mesmo serve melhor ao seu povo, que só é grande por convergir nelle a grandeza dos que o compõem. Grandes noções são aquellas cujos cidadãos têm o habito da iniciativa livre; elles criam para os demais vida e cultura e riqueza, em vez de envilecer-se no parasitismo social.

O habito de confiar em sua propria iniciativa é a escola mais segura da hombridade, despertando o sentimento da responsabilidade pessoal. O homem digno pensa, quer e faz; si triumpho, não apouca a sua ventura pensando que a deve a outros; si fracassa, accetta serenamente o resultado de seus erros.

Digamos ao joven: "faz o que queiras" para ensinal-o a responsabilisar-se por seus actos; as recompensas e os contratempos deve recebê-los como uma consequência natural de sua conducta. Um joven livre pode converter-se em uma força viva de seu povo; pode emprender coisas novas, grandes ou pequenas, porém, mas dando á sociedade, em iniciativas, tanto quanto della recebe em educação, respeita a justiça e pratica a solidariedade.

(*Revista de Philosophia*, de Buenos Aires)

(*José Ingenieros*)

LITTERATURA BRASILEIRA NO EXTERIOR

A respeito do ultimo livro brasileiro apparecido em versão castelhana, no Prata, a revista de Buenos Aires "Atlantida" publicou a seguinte apreciação do insigne critico literario Juan Torrendell.

O LIVRO DA SEMANA: URUPÊS — Comecei um dia, com displicência, a leitura de um conto brasileiro publicado na "La Nación". Intitulava-se "O comprador de fazendas," e firmava-o o nome de Monteiro Lobato. A composição abria com bravura, solida e movimentada, apesar de que não começava, como muitas, com a isca de um trecho de dialogo empolgante. Bem ao contrario, a narrativa principiava com a descripção duma propriedade rural em pessimas condições, causadora já da ruina de varios donos. Não obstante, já ás primeiras phrases a narrativa interessava não tanto pelo que dizia como pela maneira de dizer. As personagens surdiam rapidamente, debuxadas com meia duzia de linhas accentuadoras — ás vezes com uma phrase

caracteristica — e em seguida entrava-se na matéria, annunciada por si mesma, como num scenario, e desenvolvida rapida e naturalmente, sem vacillações, com graça, muito graça e desenho firme de traços fortes. A fazenda será vendida ladrinamente a um moço ingenuo que parecia disposto a adquirir aquella ou outra qualquer sem maiores inconvenientes. Accettas, enfim, todas as condições impostas pelo vendedor, pela esposa e pela filha, que sonham realizar um negocio da China com a venda da espiga e ainda por cima casar a pequena, tudo fica combinado. No meio desse roseo phantasiar sobremem a noticia de que o "riquissimo" joven não passava de um aguia que vivia de expedientes e sabia illudir os incautos. Decepção geral. Resolução firme de vingarem-se na primeira oportunidade. A oportunidade não faltou. O comprador teve a sorte de abiscoitar um premio na loteria e dispoz-se a cumprir a palavra de que usára dolorosamente. Mas ao querer cumprilla com toda a seriedade, recebe uma roda de rebencacos antes que possa explicar o seu procedimento, e tem que fugir debaixo duma chuva de pedras e insultos. enquanto a pobre menina, atrás da vidraça, vê desaparecer para sempre o cavalheiro gentil dos seus doirados sonhos.

Pois bem: chega-me agora a noticia de quem é autor de tão saborosa narrativa. Monteiro Lobato, conforme diz a nota bio-bibliographica, chega á republica das letras de sopetão e por pura casualidade. Obrigado a dirigir a um jornal de S. Paulo um protesto contra incendio de mattas, fal-o de maneira tão pittoresca que o jornal publica sua queixa em lugar de honra, e nota que aquelle fazendeiro maneja a penna de um grande escriptor.

E como era assim M. L. entra a jornalista e passa da fazenda á revista e ao livro.

Exito rapido. Em tres annos o novo escriptor brasileiro escala a popularidade. O publico, depois de breve surpresa, o segue e o applaude com entusiasmo. Seus livros se exgotam e reimprimem-se continuamente. E' que o autor dos "Urupês" possui um estylo energico, facil, transparente e movimentado.

Em momento nenhum cae na frouxidão do vago, do adormecimento. Todas as phrases saem-lhe vivas e os periodos marcham como pedaços da realidade mobilizados. A gente do campo é pintada com pinceladas syntecticas e firmes, de quem possui boa vista e mão facil. Com esta arte se desvanee a pintura lambida dos romanticos que se compraziam em inventar um aborogenismo bucolico de contexto similar ao das novelas da primeira metade do seculo passado. E' por isto que diz esse renovador literario: "Pobre Jéca Tatu! Que bonito és no romance e como és feio na realidade!" O retrato



que delle faz o autor brasileiro é interessante e tragico — uma agua-forte de suprema expressão.

A' arte magnifica de reflectir a natureza accresce M. L. a habilidade palpavel de entrar nas almas e desentranhar os motivos passionaes. Estes "Urupês" contém narrativas que são estudos perfectos de profunda psychologia. As personagens dão a sensação do conhecido. Agitam-se e falam de modo a dar-nos a impressão de que positivamente as estamos vendo. A cada momento, por um gesto ou uma palavra, penetramos-lhes no fundo da alma. Na escolha da phrase ou da attitude o artista acerta sempre, não necessitando extender-se na pintura dos retratos.

A's vezes os typos e mesmo as scenas são typos e scenas já objecto de anteriores creações. Não importa. A expressão pessoal de M. L. imprime originalidade á renovada narração. A vida tragica dos pharoleiros, p. ex., possui uma plasmiação peculiar, bem distincta de outras tentadas pela penna de contistas notaveis. Estes "Pharoleiros" de M. L. são um dos contos mais bem acabados de livro. Gerebita é typo que não nos sae da memoria facilmente, como tão pouco aquella sua maneira de descrever, tão singular e pinturesca, tão precisa e ajustada.

Parece que está falando, ao referir-se ao orgulho dos pharoleiros, guias desses "bicharôcos de ferro que passeam no mar fumando seus dois, seus tres charutos... Basta que cáia a cerração para que se ponham como tontos, a berrar de medo pela bocca das sereias, atormentando a alma das gentes".

Quem tão sabiamente domina o idioma, submettendo-o ás exigencias das circumstancias, não creio que precise recorrer a um pretexto rhetorico para excusar uma impotencia imaginaria. No "Mata-pau" escreve elle: "O capataz relatou o succedido que para traslado com a maior fidelidade. O melhor delle evaporou-se: a frescura, a singeleza, a ingenuidade da narração feita por quem nunca aprendeu os pronomes e porisso mesmo narra melhor que quantos por ahi absorvem literaturas inteiras, e grammaticas, na ancia de adquirir estylo." E' isto um velho topico do romantismo, que se julgava escravisado por uma montanha de preconceitos. Sem embargo, as leis do bem escrever, que não cohibem nunca a penna creadora, são precisamente as que contribuem para que os escriptores obtenham todos os effeitos literarios a que se propõem. E' o bom gosto, fructo da cultura, o factor do estylo fresco, s'mples, ingenuo. Pelo aprendido o artista saberá alcançar o alvo desejado. Quando o não consiga, nenhuma culpa têm os pronomes, nem as literaturas.

Os canones sempre estiveram sob o dominio da liberdade e da força do artista

creador. A posse completa dessa arte o fará dar a sensação da verdade, se não lhe faltam qualidades naturaes, essenciaes para a obra definitiva.

Repitamos a'inda: não por excesso de cultura, senão por falta della é que será deficiente a producção artistica. O Sr. M. L. reúne as condições precisas para a superação; não obstante é provavel que esta se produza á medida que modere um pouco uma exuberancia devida a uma penna que corre mui facilmente. Uma norma a mais, a da eliminção, seria muito conveniente para que suas narrações obtenham ma'or equilibrio, um travamento mais severo, e se tornem um producto de mais arte. Realidade, sim, porém syntetica. E para isto, a vontade orientada por principios estabelecidos.

E abaixo a expontaneidade da incul-tura por mais fresca, simples e ingenua que pareça — e não o ha de parecer a Lobato!

AS DESVANTAGENS DE SER BELLA

"A Noite" quer eleger a mulher mais bella do Brasil.

A vantagem dessa eleição não se acha ainda comprovada.

Que é, afinal, a belleza duma mulher? E' um dom que ella recebe no berço, e do qual, legitimamente, não tem o merito da posse. Mais tarde, esse dom serve-lhe a varias coisas. Serve, inclusive, para perdela... De sorte que a eleição da mais bella constitue de alguma fórma a recordação descortez de que ella, se o é, não empregou nenhum esforço para o ser. Por outro lado, é um gesto imprudente, que a colloca mais perto das paixões que a belleza desperta; é um gesto, pois, que a desampara.

Não ha, assim, nenhuma conveniencia em ser a mais bella; para o interesse colectivo, para a sociedade, a conveniencia ainda é menos provavel.

Compreende-se que se tenha uma iniciativa como a da "Noite" quando se trata de estimular um sentimento util.

"L'Œuvre", que é hoje o mais parisiense dos jornaes de Paris, abriu, por exemplo, recentemente, um concurso desse genero. Ella quiz saber, por via de eleição, qual era o cocheiro mais bem educado da cidade e estendeu a investigação ás telephonistas, aos empregados dos correios e telegraphos e a uma infinidade de outras pessoas que tratam com o publico. O eleito, em cada uma dessas classes, tem o seu premio em dinheiro e a gloria de uma publicidade sem par.

O interessante no concurso está em que o jornal parisiense se propõe a descobrir num certo numero de individuos uma virtude que elles ordinariamente não possuem. Nestas condições, o concurso é, no fundo, um estímulo á sobredita virtude, o que lhe dá um caracter de utilidade social indiscutivel.



KLABIN IRMÃOS & C. S. PAULO - RIO.

**BIOTONICO
FONTOURA**

**O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE**



BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE



Torna os homens vigorosos, as mulheres
formosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA

CURA A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA



AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAUDE — EVITA A TUBERCULOSE



MODO DE USAR:

BIOTONICO elixir

Adultos: 1 colher das de sopa ou meio calice antes do
almoço e antes do jantar.

Crianças: 1 colher das de sobremesa ou das de chá,
conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos: 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças: 1 pastilha.

BIOTONICO injectavel

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em in-
jecção intramuscular.

COM O USO DO

BIOTONICO

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:

- I — Augmento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II — Levantamento geral das forças com volta de appetite.
- III — Desapparecimento completo das dôres de cabeça, insomnia, mau estar e nervosismo.
- IV — Augmento intenso dos globulos sanguineos e hyperleucocytose.
- V — Eliminação completa dos phenomenos nervosos e cura da fraqueza sexual.
- VI — Cura completa da depressão nervosa, do abatimento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII — Completo restabelecimento dos organismos debilitados, predispostos e ameaçados pela tuberculose.
- VIII — Maior resistencia para o trabalho physico e melhor disposição para o trabalho mental.
- IX — Agradavel sensação de bem estar, de vigor e de saude.
- X — Cura radical da leucorrhéa (flores brancas) a mais antiga.
- XI — Após o parto, rapido levantamento das forças e consideravel abundancia de leite.
- XII — Rapido e completo restabelecimento nas convalescências de todas as molestias que produzem debilidade geral.



O Biotonico Fontoura
julgado pela probidade
scientifica do professor

DR. HENRIQUE ROXO

Attesto que tenho pres-
cripto a clientes meus o

Biotonico Fontoura

e que tenho tido ensejo de ob-
servar que ha, em geral, re-
sultados vantajosos. Particu-
larmente, mais proficuo se me
tem afigurado o seu uso quan-
do ha accentuada denutricao
e occorrem manifestações ner-
vosas, della dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de Se-
tembro de 1920.

(A.) Dr. Henrique de Brito Delfort Roxo
Professor de molestias
nervosas da Faculdade de
Medicina do Rio.

O que diz o preclaro DR.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado constan-
tamente em minha clinica o

Biotonico Fontoura

e tal tem sido o resultado
que não me posso mais furtar
à obrigação de o receitar.

Rio de Janeiro, 10 de
Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clinica Medi-
ca da Faculdade de Medicina
do Rio de Janeiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Attesto ter empregado com
os maiores resultados na cli-
nica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro 12 de
Julho de 1921.

A. Austregesilo

Professor cathedratico da
clinica neurologica da Facul-
dade de Medicina do Rio de
Janeiro.

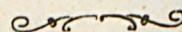
Palavras do eminente
cientista Exmo. Sr.
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto a doentes
meus e sempre que lhe acho
indicação therapeutica o

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de
Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira



Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA, SERPE & C.^{IA} - S. Paulo

A França orgulhava-se de ser uma terra de gente amavel. Ha tres annos, logo depois do armisticio, muitos começaram a verificar que os francezes estavam, bem ao contrario, bruscos e rudes. Os cocheiros e os funcionarios publicos, então, excelsiam, nesse ponto, toda e qualquer espectativa, porque eram verdadeiras machinas de proferir desaforos.

A situação não deve ter mudado até hoje. A prova está em que já se oferecem premios ás pessoas que forem designadas como abrindo excepção á regra geral do máo humor.

O jornal parisiense está, pois, contribuindo para restabelecer a fama, e, não só a fama como a propria existencia, da sociabilidade e da galanteria de França.

O concurso da "Noite" não pôde realizar a mesma coisa, pois não é evidentemente a eleição da mais bella que vae restabelecer no Brasil os encantos, entre outros, da professora Daltro, quando catechizava indios nos sertões, nem que dará ao dr. Clovis Bevilacqua, na apreciação de certos dotes naturaes, a mesma segurança com que elle, jurisperito, costuma analysar as leis.

Consequentemente, não ha utilidade em eleger a mais bella. Em compensação, ha varios inconvenientes.

Em primeiro logar, nivela a mulher ás especies inferiores, avizinhand-a da pecuaria. A belleza physica integral, isto é, a belleza que é formada da harmonia dos membros e da perfeição dos caracteristicos animaes, como que a subalterniza á condição de ser bella como um cavallo de corridas, como um touro puro-sangue e até como um gallo de rinha. Seria muito melhor perseverar na escola da mais encantadora. O encanto não vem com o berço, mas adquire-se, educa-se, disciplina-se, e é, em summa, mais agradável de apreciar que a belleza pura e simples, a belleza bruta, a belleza apenas materia-prima... Quantas vezes uma mulher realmente bella é insupportavel e antipathica, por não ter senão a sua belleza!

Além disso, a eleição da "Noite" incute no espirito da mulher o principio de que ella só deve ser bella. As virtudes moraes são, desta fórma, relegadas para um plano inferior, como se não representassem a verdadeira belleza da mulher.

Certo, ninguem vae sustentar o incentivo á feiura. Uma mulher deve ser atrahente, ainda quando a natureza a não tenha beneficiado com a distribuição dos seus dons. Mas é evidente excesso querer que ella só se preocupe com a belleza.

Eu sei muito bem que haverá mil bocas femininas, promptas a amaldiçoar este conceito. Nada ha nisso de estranhavel, porque todas as mulheres se acreditam bellas. Se, além da opinião dellas proprias, vão agora os homens occupar-se com o designar entre as bellas a mais bella, é certo que se accentuará a tendencia para o culto da belleza puramente animal. Uma mulher bella e uma bella cachorrinha da Pomerania serão quantidades equivalentes.

Além do mais, não ha quem não reco-

nheça que as mulheres são ordinariamente nocivas quando se consideram bellas. Tornam-se orgulhosas e exigentes: orgulhosas, porque se acreditam indispensaveis á marcha dos mundos, no systema planetario; nocivas, porque entendem que devem realçar com o artificio a sua belleza. No proprio caso da "Noite", isto fica patente. Todos viram que a "Noite" prometteu dar á vencedora, além de outras coisas, um rico manto de pelles. Podel-o-ia prometter, certa de que só com isso estimularia o concurso. Mas foi além: prometteu-o, mostrando-o, em photogravura, posto no corpo e realçando a belleza de uma outra mulher! Terminado o concurso, não faltarão mulheres que tratem de provar a injustiça do resultado, e o provarão arranjando, com a sua belleza e sem ser por eleição, mantos de pelles tão custosos como o da offerta do jornal.

De um certo modo, pois, deveriamos combater os concursos de belleza como se combatem as endemias. O mundo feminino vive do sentimento e é preciso que não sejamos nós mesmos, os homens, que lhe proporcionemos a preferencia pelos sentimentos que o não elevam.

Ha no Rio de Janeiro uma infinidade de moças pobres, algumas desamparadas de toda assistencia de familia, que lutam pelo pão, trabalhando em escriptorios, em confecções de costura, em hospitaes, em collegios. A estas é necessario dizer que a vida não se resume em ser bella, mas em ser forte e util. Um concurso que as fixasse na conquista dessas qualidades essenciaes da existencia teria sobre ellas um effeito superior ao dum mero pleito de belleza, onde só se pôdem exaltar os appetites do luxo, da vaidade e do mais que acompanha a mulher, para jung-la á escravidão dos gozos materiaes.

Costa Rego.

(Do "Correio da Manhã").

BRASIL-ARGENTINA

Por occasião do anniversario da fundação da Loja America, no dia 10 de Novembro, falando o sr. Amadeu Amaral, o orador se referiu á solidariedade sul-americana e especialmente ás relações entre o Brasil e a Argentina, proferindo as seguintes palavras:

"Sendo estas duas nações as mais fortes e mais desenvolvidas do continente sul, e não havendo entre ellas incompatibilidade real de especie alguma; tendo ambas largas extensões de terra por povoar e explorar, largos recursos a desenvolver; não havendo sequer entre uma e outra choques possiveis de interesses opostos; provindo ambas de dois ramos do mesmo tronco iberico, educados nos mesmos principios, com a mesma religião, as mesmas tendencias, as mesmas qualidades e os mesmos defeitos; tudo

indicava, como unico movimento natural e razoavel, unirem-se, fraternalmente, para a manutenção da paz e da ordem neste largo trecho de planeta, para a implantação definitiva de uma harmonia internacional permanente e segura. Ao influxo benevolo dessa união brotaria talvez, emfim, do chão calcinado do globo, a planta bem dita de uma ordem nova, mais racional, mais nobre, mais amavel, que marcasse um verdadeiro passo para diante na marcha, tantas vezes retrograda, desta pobre humanidade!

Entretanto, que é que tem succedido? Em torno de alguns, poucos espiritos esclarecidos e generosos que alimentam esse bello sonho — sonho aliás tão possivel e tão justo, ao contrario de tantos outros, que são fantasticos e ociosos, — ondeia toda uma multidão cega e malfazeja: são os que não tentam o minimo esforço por enxergar um pouco mais além do momento que passa; são os que julgam e decidem nos assumptos mais altos e mais complexos com o criterio de suas maldosas paixões actuaes; são os que transferem para o campo das relações entre povos as mesquinhezias, as perversidades, os maus impulsos, as ganhas vingativas e destruidoras de que se sustentam, na trama das suas relações individuaes quotidianas. E é assim que nós vemos, todos os dias, com immensa magua, esta injusta, esta iniqua, esta irracional, esta monstruosa enchente de odiozidade entre argentinos e brasileiros, subindo, subindo, envolvendo a pouco e pouco as duas nações jovens e irmans, as duas nações fadadas para as doçuras da paz e da solidariedade, e pervertendo, torcendo, quebrando, violentamente, estupidamente, a linha natural e direita da sua missão historica!

Diante deste spectaculo de irracionalidade triumphante; diante desta obra satanica dos sentimentos anãos contra o ideal gigantesco e benefico; diante desta praga terrivel, feita de frivolidades e de insignificancias conjugadas, deste formidavel conjunto de pequenezas tolas e ridiculas, — urge que se manifestem,

afinal, a voz forte e serena, o gesto calmo e imponente da Razão e do Bom Senso, da Sabedoria e do Amor. E' preciso clamar pelos direitos eternos da Humanidade esquecida e vilipendiada. E' preciso falar, firmemente, insistentemente, a linguagem singela e clara da verdade, contra a qual não ha algaravia de odio e de estupidez que prevaleça.

Quem mais nos casos de iniciar esta magna obra de bondade e de justiça, do que a Maçonaria brasileira? Ninguem ha com a sua força, o seu prestigio, a sua insuspeição, os seus meios, a sua capacidade emfim de acção proficua atravez de fronteiras e de barreiras de toda a especie.

... E, meus caros irmãos, deixae que vol-o diga, quem mais nos casos de iniciar este movimento da Maçonaria brasileira, do que esta Loja, que se apresenta com tão grande lastro de tradições benemeritas, que tem atrás de si, como garante do seu futuro, o seu honrosissimo passado? Além de tudo, notae bem! — como um bom augurio, como um estimulo permanente, quasi como um imperioso commando, ella traz comsigo este nome sonoro, que pode ser todo um Programa: *America!*

"Loja America", filha de Americo, o bom e grande Americo de Campos, alma de artista, coração sensivel, intellecto largo, modestia immensa, desprendimento sem par... "Loja America", ninho de aguias, torre de menagem do castello maçonico dos aureos tempos, arca das tradições do amor em acção, do amor capaz de coragem e de sacrificio... "Loja America", exercito em luta permanente contra todas as formas do escravismo, todas as incarnações da injustiça, todos os avatares do Obscurantismo e da Brutalidade... "Loja America", de pé! embraça o escudo! cala a viseira! aguça o olhar! Em guarda! luta pelo teu nome! O teu nome é todo um passado de glórias! O teu nome é todo o sonho atrevido de uma humanidade melhor, florindo no continente da paz e da liberdade!"



DEBATES E PESQUIZAS

JOSE' DO PATROCINIO

A imprensa perdeu muito de seu antigo vigor e entusiasmo com a morte de José do Patrocínio. Jornalista de combate, vibrante, altaneiro, como que pairando numa altura a que outrem não tinha a gloria de chegar, seduzia-me, quer elogiando, quer atacando.

O elogio é uma cousa fastidiosa e, quando toca á demasia, é, como diz Tobias Barreto, "um digno irmão da *prova de mais*: destróe o que pretende construir". Mas em José do Patrocínio o elogio era outro feitiço; não cabia nessa adjectivação tão commum aos espiritos frívolos. Sabia que, para elevar um homem ou saudar uma época, a palavra foi creada para causar emoções. E por isso mesmo os seus artigos tinham a força de nos arrastar a essa vertigem dos sentidos, em que a alma cede á fascinação do grande e do bello.

Data o meu conhecimento com o immenso jornalista da *Cidade do Rio*, no governo de Prudente de Moraes, o *Santo Varão*, como elle o appellidou, na sua eloquencia divina, onde havia relampagos e procellas.

Dir-se-ia o seu maior defensor. Sentia-se em cada artigo que a sua alma estava toda alli, ou de joelhos, bemdizendo o estadista magnanimo que glorificára a patria, ou de pé, "cabeça erecta", olhos na immensidade, a varrer, como a tempestade, a furia dos que tentavam macular o seu governo de honra e justiça, de paz e liberdade.

Contou-me Elyseu Cesar, quando aqui viviamos juntos, elle a deslunbrar a mocidade de meu tempo, com as fulgurações de seu talento, que os redactores do *Debate*, jornal creado para a defesa de Prudente de Moraes, perguntaram-lhe um dia se elle estava satisfeito com a sua orientação.

Prudente, sem querer, talvez, trahir a sua consciencia, respondeu-lhes que elles não o defendiam com aquelle entusiasmo e ardor de José do Patrocínio.

E' que tudo só tem vida pelo entusiasmo, pelo amor, pelas paixões. Dahi o ser eterno das cousas. E' no bronze

onde se perpetuam os heróes. E' no marmore onde se escrevem os feitos da humanidade.

Das obras dos escriptores é a parte que fica que é a inspiração. Tudo mais passa na indifferença da vida, como os que tombam sem a gloria dos grandes dias.

Em José do Patrocínio havia a inspiração. A sua linguagem era animada, tinha o sopro de todas as gerações. Ora meiga, fraternal, acariciadora; ora como o proprio vulcão, cuja profundeza de chammas aterrava e seduzia. Quem o lesse o acclamaria logo, mas medil-o era difficil.

No ataque, então, ninguem o excedia ou igualava. A injuria era a sua arma. Mas como elle injuriava! Aquelle repto que Patrocínio atirou, entre tantos outros, a Quintino Bocayuva, tem para mim um encanto e um sabor que me arrebatava e me farta.

"Se eu amei ou não o Sr. Quintino Bocayuva, só o homem a quem mais detesto hoje e em cujas faces eu cuspo toda a minha indignação de republicano trahido e villipendiado pelos que se dizem meus correligionarios; só esse homem moqueado pela ambição, secco, frio, máo, poderia dizel-o. E esse homem que finge não saber quem eu sou e quanto eu valho; que não me responde porque tem obrigação de comparecer em campo de que elle politicamente desertou — o campo da honra; esse homem que deslumbrou os meus primeiros tempos de imprensa e que amargura os meus ultimos dias — chama-se Quintino Bocayuva.

Não ha memoria de haver um jornalista, que se deve á historia de sua patria, descido tão baixo.

Ninguem conhece nem trabalho de gabinete, nem serviço extraordinarios de legislador, nem suor frio de artista, para alar um verso, ou esculpir um periodo na vida já longa do Sr. Quintino Bocayuva.

A sua gloria é unicamente a do jornalista sentimental; harpa colia vibrada ao sopro sagrado das aspirações populares.

Quando desabrochavam os meus vinte e cinco annos e o meu espirito prima-

veril começava a florir versos e períodos com a seiva republicana, eu via muito ao longe no crepúsculo da propaganda de 1870, como cordilheira azulada, o estylo romanticamente seductor do antigo Quintino.

Como chegar lá? me perguntava eu.

Ha horas em que as condições barométricas da atmosphera approximam ou afastam as cordilheiras.

Terei bastante força para galgar a distancia que o meu olhar — sonho materializado, faz-me crer facilmente acessível?

E porque despir dessa idealização do ar a cordilheira que me seduz, que é azul e recorta-se pittorescamente, quando posso de perto maldizer rochedos negros e esteréis?"

E é todo assim, apaixonado e violento, sensacional e imprevisito, um rept em que a tórma literaria modifica ou apaga a impressão e rudeza do ataque, para nos elevar á contemplação e extase das imagens que se desenzaceiam e se precipitam em torrentes caudalosas.

Alcindo Guanabara disse, uma vez, n'*A Tribuna*, na sua secção o *Dia*, sob o pseudonymo Pangloss, se não me engano, que o povo do Rio só gostava da opposição de José do Patrocínio porque, se era injuriosa, não deixava de ser literaria.

De outra feita, Patrocínio investe contra Quintino, quando este, n'*O Paiz*, lançou-lhe, entre outras, esta phrase:

"O pouco de luz que ainda lhe bruxolea no cerebro some-se aos olhos da consciencia publica como o fogo fatuo que brilha um instante, exhalado da podridão escura de uma cova".

Patrocínio, no dia seguinte, num artigo de tres columnas, cheio de objurgatorias, de recrimnações, de explicações, de citações, de comparações entre ambos, exclama, num dos lances, quando a paixão já transbordante:

"O fogo fatuo é o ultimo suspiro da vida no triste laboratorio da morte. E' o ultimo protesto da luz contra o dominio das trevas perpetuas.

Não é feito de sanie, mas de gazes que nem a morte pode destruir, e que irrompem para mostrar que ha alguma cousa do morto que não pôde ficar dentro da cova".

Nem sempre os periodos lhe saham polidos. Patrocínio escrevia de um jacto, não emendava nem relia. Todos os que escreveram sobre a sua individualidade moral e literaria o confessam: MARI: de Alencar e Coelho Netto, Araripe Junior e Evaristo de Moraes, em cujas paginas, de uma rara esthetica, quem quer que o ame, como nós o idolatramos, com todas as suas fraquezas e virtudes, encontrará a physionomia perfeita e acabada desse artista infinitamente incomparavel da palavra escripta e falada.

Dei-me com uma delicia inexprimível á collecção de seus escriptos, dos poucos que me chegavam ás mãos numa an-

cia de novidade e algia para o meu espirito joven então e entusiasta de seus meritos literarios.

Com que ciume, com que carinho eu não guardo e releio, cada vez mais deslumbrado, os artigos em que Patrocínio defendia e exaltava a figura de Danton!

E aquelle, *Na Avenida do Patibulo*, quando elle descreve, com côres eternas, a morte de Danton, tão grande em vida e maior ainda ao caminhar para o cadafalso, bem merecia, a meu ver, figurar numa anthologia, sem exclusão de um só periodo, porque o artigo todo é uma pagina soberba de eloquencia, em que a imaginação de Patrocínio causa verdadeiro pasmio.

"Nobre Danton, este dia 5 de Abril sómente basta para mostrar que elle é um exemplo a dar ao caracter das democracias nascentes.

Vae para a guilhotina, através do espanto popular, com a mesma altivez com que ia para as commissões difficeis, mas gloriosas, que o panco mal dissimulado dos companheiros lhe confiava.

Uma sobrançeria de immortal conserva-lhe a cabeça erecta; se alguma commição lhe atração é a piedade pelos que vão morrer e que elle conforta, elle, sobre quem a monstruosa iniquidade dos juizes pesou com maior rancor.

Em cima da carreta, a ante-camara ambulante da morte, está tão olympicamente desempenado, como na tribuna, quando levantava o *sursum corda* do patriotismo, pontifice do direito na missa da liberdade.

Tinha as palpebras inchadas pela vigilia, o que lhe dava desde o limiar da eternidade as orbitas esculpturadas dos bronzes impereciveis.

O seu olhar não se ennoitece pela sombra da cova, continúa limpido e penetrante; abrange toda a multidão, que assiste á procissão dos moribundos pela avenida do patibulo; penetra-a para ver no meio della o desprezível David, que o pintando outr'ora de sobrolho carregado — exclamava: aqui está Jupiter Tonante.

Ouve-se bem em que tom elle diz a Desmoulins: olha, ali está David; o scelerado é agora o nosso juiz supremo!

Percebe-se a flexão do busto e da cabeça leonina, substituindo os braços, que estão amarrados por detraz das costas.

Abril já tem galas primaveris; já se veste de azul, apesar das bachanaes da guilhotina, e por isto mesmo, por aquellas duas horas de supplicio, pulverisa de sol a poeira da estrada mortuaria, destacando o busto do condemnado num ambiente coruscante de apotheose.

Em baixo, em alas, está o estupor da população, respirando a custo, com a inconsciencia de espectadores de uma tragedia sobrehumana no momento do desenlace.

Alli está o epilogo catalytico da vida de um semi-deus; a propria morte parece

ter medo de tocar naquellas feições de achanço rebellado contra a dictadura.

Morre sem arrependimento, sereno, altaneiro. E' um sol agonizando sem crepusculo: some-se no proprio zenith, sem amortecer o calor de seus raios, sem alterar o fulgor de seu disco.

Ao menos a venalidade da arte servil não poderá fazer uma caricatura da sua agonia. Ha de reproduzir, na hora da queda, os mesmos traços das horas de triumpho. Faltam-lhe os cabellos, mas a propria infamia dos detractores sabe que isto é um borrão do carrasco.

Na convenção, os seus inimigos attonitos têm de confessar a valentia dessa alma inflexivel, e, na sua synonymia torpe, chamam-na impudencia.

Por que não se atira o povo contra os irmãos da guilhotina e não se apodera da custodia sinistra, que passeia o viatico revolucionario?

Porque é preciso que o sacrificio se consumma.

A historia da redempção civil e politica da humanidade precisa desse martyr, para que nelle se fixe o culto externo das almas que vivem para ser livres. A fé tinha Jesus: a sciencia politica precisava de ter Danton. Um é o cordeiro de Deus, outro é o leão da democracia".

Seria obra de justiça, de perenne justiça, a de quem se dispuzesse a reunir tudo quanto nos prodigalisou esse homem admiravel e que anda disperso pelos jornaes que elle semeou fartamente.

Então, para a mocidade que se inicia na imprensa, os seus artigos seriam o filão onde ella iria buscar inspirações a cada momento ferida pela emoção. E é pela emoção que as idéas se gravam e se transmitem. E não é jornalista nem poeta aquelle que de tudo que escreveu não deixou nada na memoria humana.

Para que as produções literarias se tornem duradouras, não basta convertel-as em livros. De Castro Alves e de Casimiro de Abreu, de Alvares de Azevedo e de Gonçalves Dias, as suas obras poderão ser destruidas, mas as suas poesias já passaram a nossa memoria.

O poeta, o jornalista, o escriptor, o homem de pensamento, em summa, que, para crear uma popularidade em torno de seu nome, precisa preparar uma pleiade que o applauda, não tem no intimo consciencia de seu valor. Modificado o scenario onde agiu, ou quando outro fór o ambiente em que viveu, não serão as suas letras que o immortalisarão.

José do Patrocínio, a sua fama deuen-a elle simplesmente ao poder irresistivel de seu genio, em communhão com a Patria, que vibrava, por si, num enthusiasmo consciente de sua justiça e de sua paixão.

Quando aquelles-da sua genese, fieis á sua lembrança, desaparecerem, elle continuará a ser evocado com a mesma admiração e saudade, porque a sua alma atravessará os seculos, sempre viva e emocionante, humana e patriotica.

Teve desfallecimentos. Accusaram-no. E quem durante uma vida longa de agitações, em que as idéas se degladiam, fervem as paixões, o homem, ser fraco e incoherente, a duvidar do presente e incerto sobre o futuro, poderá galgar a montanha sem ir de encontro a barrancos e declives, ou ter os olhos voltados para a luz, sem que esta os perturbe?

Se Patrocínio errou, se alguma vez transigiu com os homens, era elle mesmo que provocava os seus detractores para dizerem se nas grandes causas nacionaes, pelas quaes se batera, havia trahido as suas convicções e vendido o seu caracter, contra os interesses sagrados da Patria!

Nunca o vimos ferir o pequeno. Só alvejava os fortes com uma coragem desmedida que a todos admirava. Se desprezou, se injuriou, se se retratou, foi por si só, o que é sempre melhor.

As dictaduras mais renhidas, os governos mais despoticos, elle os combatu. Desterrado, foragido, perseguido, nunca desanimou nem se trahiou. Quando o tinham por morto, elle surgia intrepido e audaz, valendo por uma legião de bravos.

Mas, porque tão temido? Qual a sua estirpe? Quaes os braços de seus antepassados?

Filho de uma pobre preta quitandeira, como elle se orgulhava e dizia, quando a inveja procurou amesquinhal-o, "nascu humilde, não tinha historia — viera do Nada, como o universo", disse Coelho Netto.

Como vêdes, sem familia, enfrentando a adversidade, olhou para o mundo em todo o seu contraste de miseria e esplendor e uma cousa logo o commovera: a escravidão.

Não nasceu para vilanias; o seu animo era le combatente e o seu peito de armadura.

Destruir o escravismo era proclamar a igualdade humana. Ninguém nasceu escravo. Sob o mesmo sol, cada berço é um áitar.

O seu nome é a scentelha que marca o inicio de uma nova era.

Quem neste paiz excederá o seu vulto magestoso? Quem com maior direito a ver o seu nome gravado no bronze, simbolo da gratidão nacional?

Oh! Homem predestinado, Heróe e martyr de tua propria fé! Tu que foste a voz mais forte e seductora do jornalismo brasileiro, qual flamma divina, a attrahir os que te ouviam e seguiam a tua trajectoria luminosa, agita-me, inspira-me, incute em mim o fogo de teu verbo, para que eu possa em caracteres indeleveis bendizer a tua memoria abençoada por uma raça por quem soffreste e palpitate e a restituiste á integridade nacional! Oh! Homem bendito! Ser misericordioso, transmite-nos a tua coragem, dá-nos força para resistir e vencer, conduze-nos a rovos destinos, ensina-nos a desdenhar das injustiças dos homens, tu,

em cuja vida passaste superior e activo ás maldades humanas, abre os braços e caminha para nos!

Leopoldino Flores.

Parahyba do Norte.

OS DOMINIOS DE JOHN BULL

Vão se retirando da Inglaterra os representantes dos seus vastos e orgulhosos Dominios, e pós os trabalhos da Conferencia do Imperio, realisada em Londres.

Aquella Conferencia tem decorrido num silencio singular e deveras significativo da fleugma e serenidade anglo-saxonicas.

Antes de os circumdar das considerações que o caso sugere, vem a proposito volver um lance de olhos ao Imperio de S. Magestade Graciosissima.

Esse imperio é o maior que ainda existiu sob a roda do sol e delle se pode dizer, com maior propriedade que do de Carlos V, que nunca o astro do dia deixa de illuminar dominios de John Bull.

E' curioso revêr como se formou esse immenso Imperio de uma nação cujos habitantes no ultimo seculo da era pagã, nem para escravos serviam, segundo a opinião de Julio Cesar, e hoje tem sob o seu dominio directo ou sob a sua direcção immediata a setima parte do globo e a quarta parte da especie humana.

As acquisições colonias da Gran-Bretanha, desde o seculo XVII, que é quando a sua preponderancia como potencia maritima e colonial deveras começa a pesar na balança internacional, pôdem resenhar-se desta maneira:

Seculo XVII: Conquista: Barbados em 1603; Quebec, no rio S. Lourenço, em 1608; a ilha Bermuda, em 1609; a ilha do principe Eduardo, Nova Escocia, Nova Brunswick, Gambia e Antiqua, em 1626; Orissa (Bengala) 1633; expulsa os portuguezes de Bengala em 1634; conquista Madrastra em 1639; S. Helena em 1651; Jamaica em 1655; Costa do Ouro em 1661; as colonias holandezas da America do Norte em 1667; os territorios do Canadá em 1670; Mississipi, Niagara, Mackinac e Illinois, em 1672; Pennsylvania em 1681.

Seculo XVIII: Passam ao seu poder: Calcutá em 1700; Gibraltar em 1704; Terra Nova e Hudson em 1713; as duas Carolinas e a Georgia em 1729; Canadá, Grenada, S. Vicente e Tobago em 1763; Labrador e as ilhas Falkland em 1765; Nova Zelandia e Serra Leoa em 1787; Nova Galles do Sul em 1788; Ceylão em 1795; Trindade em 1797.

Seculo XIX: Fica possuindo: a Guyana Inglesa, S. Lucia e as terras de van Diemen em 1803; a cidade do Cabo em 1805; Heligoland em 1807; a ilha Mauricio em 1810; Malta em 1814; a Colonia do Cabo em 1815; Queensland e Singa-

pura em 1824; Australia occidental em 1829; Australia do Sul e Aden em 1839; Natal, em 1843; Pendjab em 1849; o baixo Birma em 1862; annexa o Transvaal em 1877, conquista Sarawac em 1878; no mesmo anno Chypre; começa o *contrôle* no Egypto em 1882; conquista Nova Guiné e a Somalilandia em 1884; a Bechuanalandia em 1885; o Birma superior em 1886; as ilhas occidentaes do Pacifico em 1887 e nesse mesmo anno o Beluchistan; a Africa oriental inglesa em 1888; funda a Companhia da Africa do Sul em 1889; protectorado da Africa Central em 1891; protectorado da Uganda inglesa em 1894; conquista o Sudão em 1898; estabelece espheras de interesses no Golfo Persico e na Africa do Norte em 1899; conquista as republicas boers em 1899 e 1900; o Thibet em 1904; e nesse mesmo anno divide com a França as possessões da Africa occidental; divide a Persia em espheras de interesses em 1907; egualmente em 1907 annexa partes da Peninsula de Malaca; o Egypto passa definitivamente ao seu dominio em 1914.

Este imperio enorme sahio ainda notavelmente acrecido da Grande Guerra.

Sem fallar das inapreciaveis vantagens de ordem commercial e industrial, advenientes do desaparecimento ou cessação dum concorrente temivel a Gran-Bretanha colheu, mesmo sob o aspecto territorial, a parte do leão.

Para o seu dominio passaram as colonias germanicas da Africa, o Togo, os Camarões, a quasi totalidade do Este e do Oeste allemão, o retalho teutonico da Nova Guiné, e as ilhas Bismark, ou seja um total excedente a 2.000.000 de kilometros quadrados. Alem disso passaram a viver sob o seu Protectorado a Persia com 1.645.000 kilometros quadrados, e uma parte importante do antigo Imperio Ottomano, equivalente a 1.000.000 de kilometros quadrados.

Se o leitor não é muito avesso á leitura de estatisticas, vejamos, em breve recompilção, o que John Bull possui sob a face da terra.

Na Europa: — As ilhas Anglo Normandas, no canal da Mancha, tão proximas da Peninsula do Cotentin, que bem pôdem dizer-se situadas em aguas francezas; Gibraltar, que lhe dá a chave de uma das portas do Mediterraneo e lhe garante a passagem livre no mais apertado dos estreitos; Malta e Chypre, sentinelas do dominio britanico no *mare nostrum* dos romanos; e o senhoria do canal de Suez que lhe dá a chave da outra porta do mar latino.

Na America: — O Canadá, o Labrador; a Terra Nova; as ilhas Bahama; a Jamaica; as Bermudas; a Guyana; a Honduras inglesa; as ilhas Falkland e muitas das pequenas Antilhas.

Na Asia: — O Imperio Indiano, incluindo a Birmania e os Estados tributarios encostados ao Hymalaia; a ilha de Ceylão; Aden; as ilhas Laquedivas, Mal-

divas, Andaman e Nicobar; os Estabelecimentos do Estreito (*Strait Settlements*) com Singapura; as ilhas Amboina, Seratney, Luban e parte de Borneo; Hong-Kong e Wei-Hai-Wei, encravado no território chinês, á espreita do golpho de Petchili.

Na Oceania: — A Australia; a Nova Zelândia, parte da Nova-Guiné; as ilhas Fodji, Salomon e uma poeira de ilhas e ilhotas do Grande Oceano Pacifico.

Na Africa: — A Gambia ingleza; a Serra Leôoa; a Costa do Ouro; a Nígeria; parte dos Camarões; a Africa do Sul, compreendendo o antigo Oeste allemão; a Colonia do Cabo, a Bechmanalandia, o Natal, a Uganda, a Rodhesia, o Unyoro, a Batsulândia, o Transvaal e Orange, o antigo Este Africano Allemão, a Africa Oriental Ingleza, parte da Somalítandia, o Egypto; as ilhas de S. Helena, Ascensão, Mauricio, Zanzibar, etc.

E é possível que nesta resenha, feita assim de fugida, haja escapado alguma possessão, porque o senhorio de John Bull é vasto e copioso.

Antes da guerra, a Gran-Bretanha possuía á margem do Indico, quatro grandes parcelas do globo completamente separadas umas das outras: a Australia, a Índia, a Africa Oriental e a Africa Austral.

A aquisição das colonias allemãs *soldou* (é o termo) a Africa Austral e a Africa Setemprional; e os accordos de 1916 que submeteram á sua influencia ou á sua posse toda a margem do Indico desde o Egypto até ao Beichistan.

Desta maneira pode-se ir da cidade do Cabo a Singapura sempre por territorio britânico ou submettido á influencia britânica, e, embarcando ahi, navegar em aguas quasi inglezas até á Australia, á Tasmania, e á Nova Zelândia. Do Cabo a Alexandria contam-se, em linha recta, cerca de 8.000 kilometros de territorios que John Bull chama muito seus. De Alexandria a Singapura vão 12.000 e Singapura dista do sul da Tasmania cerca de 8.060. Assim, um inglez pôde fazer uma viagem de mais de 25.000 kilometros á volta do Indico sem deixar de pisar territorios inglezes ou submettidos ao protectorado inglez.

Os territorios banhados pelo Indico, hoje submettidos directa ou indirectamente á Inglaterra, sommam cerca de 30.000.000 de kilometros quadrados, povoados por 400.000.000 de habitantes!

* * *

Este immenso Imperio está hoje atravessando uma crise grave. Os grandes Dominios, onde a população indigena é uma pequena parcella perdida no meio da população branca angio-saxonia — o Canadá, a Australia e a Africa do Sul — consideram-se de maior idade e aptos a governarem-se. As grandes colonias, onde a massa da população indigena é demasiado vasta para ser absorvida —

a Índia e o Egypto — agitam-se em pruridos de independência e de libertação.

Mas a Inglaterra costuma prevenir. A manutenção do seu vastissimo Imperio é uma maravilha de equilibrio e de bom senso politico e administrativo. Tem derrubado todos os poderes navaes que se lhe têm levantado deante. A Hespanha, a Hollanda, a Frnaça de Napoleão, a Allemanha de Guilherme II — todos estes poderes teem cahido, porque contra elles se levanta a Inglaterra, conjugando com o seu esforço o de muitos outros povos, que lhe prestaram o seu concurso em dinheiro e sangue, muitas vezes postergando e contrariando os seus proprios interesses. E da refrega sae a Inglaterra sempre menos ferida que os seus coadjuvadores...

A Gran-Bretanha tem agora ante si outro competidor, mais difficil de derrubar ou desviar, porque além de tudo o mais, possui precisamente as suas qualidades de emprehendimento e tenacidade. O futuro dirá se ella conservará muito tempo em seu poder o neptunico tridente..

Para solucionar as difficuldades internas, a Inglaterra convocou para Londres a Conferencia do Imperio, onde os problemas de cada Dominio e das suas relações com a Metropole foram estudados, mas tão sem o reclamo noticioso dos jornaes que pouco se conhece do que lá se passou e resolveu.

O que os Dominios reclamam pode compendiar-se da seguinte maneira:

1.º — *Supressão de qualquer laço administrativo entre os Dominios e o Colonial Office.* O Canadá, a Australia e a Africa do Sul deixarão de estar na dependencia burocratica do Ministerio das Colonias. 2.º — *Nomeação do Governador Geral de cada Dominio ou Colonia pelo rei, mas apresentado pelo Dominio ou Colonia e, além disso, este Governador Geral será, de futro, o representante do rei e não do governador britannico.* 3.º — *Direito para os Dominios de nomearem os seus agentes e representantes em paizes estrangeiros. Interdicção, no parlamento de Westminster, de exercer o seu poder legislativo dos Dominios.*

Como se vê, não é pouco.

Será o inicio da emancipação? Ou conseguirá a Inglaterra, disposta a faezr estas concessões a quasi todos os Dominios, salvaguardar mais uma vez, a unidade do Imperio?

O que é certo é que esta reunião de Londres representa o inicio de uma transformação completa na Constituição Imperial.

E' o mais grave e importante facto politico da Historia contemporanea.

De futuro, o Imperio britannico virá a ser uma Confederação de nações, porque os Dominios ficarão sendo verdadeiras nações, ouvidas em todas as questões internacionais.

Na Conferencia de Washington tomaram já parte activa e importante o Ca-

nadá e a Austrália, que defenderão os seus interesses, independentemente da attitude de Londres. Foi até por causa da opposição do Canadá á renovação da alliança anglo-nipponica que a Conferencia do desarmamento se convocou.

Nas questões internas do Imperio já um dos Dominios teve interferencia importantissima. O general Smuts foi o primeiro mediador das negociações que fizeram cessar a guerra civil na Irlanda.

A reunião de Londres foi feita apenas a titulo consultivo. Veremos até que ponto as reclamações e aspirações dos Dominios serão attendidas e se o Imperio britannico se virá a transformar, num futuro proximo, numa grande Confederação Anglo-Saxonia...

Manoel Paes ALEXANDRE

A HYGIENE NO TEMPO ANTIGO

Nos dias actuaes já se comprehende a necessidade de se lavar bem e frequentemente, pelo menos nas cidades, onde se exhibe verdadeiro luxo nos quartos de "toilette" e nas salas de banho, que, com o aquecedor, o elevador e a electricidade, são o complemento indispensavel da habitação moderna.

Na escola, o professor inculca aos meninos os principios da hygiene e do asseio; no quartel, o official esforça-se por fazer comprehender mais facilmente aos soldados a necessidade dos cuidados do corpo; nas grandes cidades são creados banhos a preços baratos, pelas associações mutuas.

Comprehendemos, assim, difficilmente os costumes dos nossos ancestraes, a esse respeito.

Em synthese, eram relativamente asseados na Edade-Média. Em 1292 havia em Paris vinte e cinco "estuves", especie de piscinas em que se tomavam banhos de vapor ou agua quente, em banquetas de madeira guarnecidas de banheiras, ou bacias de lona fina. O uso se reservava, porém, aos contemplados pela fortuna, pois o banho completo custava quatro francos e cinquenta centimos.

Na mesma epocha vendia-se, na rua e nas mercearias, o sabão de Paris e de Napolis. Commummente se empregavam a bacia de lavagem, a "demoiselle á atourner", especie de espelho com pés, a tina d'agua, o bacio para lavar os pés, a escumilha para lavar as orelhas, a "furgette", ou palito, o "coutel", para limpeza das unhas, e a colherinha para escoimar a lingua.

No seculo XVI Duchesne, principal

medico de Henrique IV, aconselhou, para viver com saude, logo depois de uma pessoa se lavar, pentear-se, esfregar a testa e o pescoço com pannos ou esponjas.

"E' preciso, em seguida, cuidar das orelhas, limpar e esfregar bem os dentes com raiz de altéa misturada com pó de coral nacarado; depois lavar as mãos com agua fresca no tempo quente, e tépida no inverno, á qual se terá adicionado vinho ou algumas folhas de salsa, que toda a noite estiveram misturadas.

Depois de tudo isto observado, a pessoa somente terá, orando préviamente e invocando Deus, de ir dar um giro pelas áreas do seu jardim."

E' verdade que o bom rei Henrique não seguia muito os conselhos, a julgar-se pelo budum desagradavel que desprendia, no dizer dos seus coetaneos.

Considerava-se, aliás, em alto grau como pratica inconveniente os cuidados de limpeza muito frequentes e as piscinas como local de perdição. Acabaram, assim, por obter a sua suppressão.

Pela mesma epocha, a rainha Margarida de Navarro achava muito natural confessar a um amigo que não "lavava as mãos havia oito dias".

As consequencias de taes hábitos mal asseados foram a pullulação da vermina em todos os logares, e os "tratados" da epocha preconizavam numerosas receitas para destruir esses insectos incommodos: um professor da Faculdade de Medicina de Paris aconselhava aos clientes a pôr nos colchões muitas gazes atadas com barbante, para caçar as pulgas.

Em 1640, as "Leis da galanteria" recommendavam lavar o rosto "quase todos os dias". Preferiam limpar a cara com um panno de linho branco, secco, com receio de que a agua tornasse o rosto mais "susceptivel ao frio, no inverno, e ao halo, no verão."

Luiz XIV contentava-se em molhar os dedos em um pouco de alcool e pentear-se. A roupa branca interior era mudada uma vez por mez, no maximo.

No seculo XVIII ainda havia em Paris dois estabelecimentos de banhos luxuosos, porém caros, pois o banho simples custava tres libras.

Mais economicamente, eram fornecidos a domicilios banheiros de aluguer, de madeira ou metal. Mas, para não exigir grande consumo d'agua quente, davam-lhes frequentemente a fórma de um tamancaço, como se póde julgar pela banheira de Marat.

ARKS.

(D' "A Tribuna", de Santos).





NOTAS DO EXTERIOR

CONFISSÃO DE LENINE

Ninguém duvida mais que o bolchevismo e o communismo faliram completamente. E' evidente que os proprios dirigentes russos não têm mais fé nas suas doutrinas, mas até agora faltava a prova. Uma carta particular de Lenine, publicada em Paris e que fôra endereçada a um dos seus antigos companheiros de exílio, demonstra os seus pensamentos e o seu estado de espirito para com as suas experiencias de tres annos e meio na infeliz Russia, experiencias tendentes á reorganisação do mundo inteiro sob um novo regimen communista.

Eis os principaes topicos dessa carta:

"Tres annos de estudos ininterruptos das phases da revolução na Russia me ensinaram a não procurar em toda a parte o genio consciente das classes ou o instincto collectivo das massas que as leva a trabalhar no caminho desejado; esses estudos me ensinaram ao contrario a procurar a força dos individuos, cuja vontade se eleva acima do nivel de sua classe, que dominam a massa e lhe dictam os methodos correspondentes á necessidade e ás exigencias do momento. Nós commetemos um grave erro ligando grande importancia ás classes, examinando-as como organismos intellectuaes, capazes de exprimir immediatamente e directamente os seus desejos; o conjuncto de uma classe não é mais que um organismo privado de todo intellecto, de toda vontade pessoal e de toda a capacidade de acção. Abandonada a si mesma, a classe é dirigida exclusivamente pelo instincto e pela consciencia da defesa dos seus interesses que não lhe inspiram, senão methodos correspondentes ás exigencias do momento. As acções de uma classe são constantemente privadas de bom senso, porque não se inspiram na previsão das luctas ultteriores. A vida de uma classe é a de um possante mollusco que se defende e lucta com a mesma energia tanto contra um inimigo fraco como contra um inimigo poderoso do qual depende toda a sua existencia posterior. Não ha senão vontade individual e espirito creador do livre intellecto que sejam capazes de prevêr as phases da lucta ulterior e possam calcular todos os "prós" e os "contras".

Quanto a mim, estou fatigado; eu o siton todos os dias e cada vez mais; preciso de repouso, preciso dos meus livros, preciso verificar as minhas deducções, a que consagrei toda a minha vida, oppondo-lhes as minhas observações objectivas. Meus nervos não são mais os mesmos. A nullidade do grupo que me cerca, assim como as suas tendencias burguezas que rõem e decompõem o organismo do partido, trazem-me, cada vez mais, suspenso dos meus nervos. O trabalho governamental é impossivel nas formas applicadas entre nós.

Devo confessar-vos que durante tres annos eu hesitava, sem poder decidir-me a reconhecer que erramos, que eu adoptei methodos errados. Mas agora, quando tenho diante de mim os resultados de nossa actividade, devo reconhecer que errei, que avallee muito alto as forças do partido, assim como as do camponez e do operario russos. Isso quer dizer em uma palavra que o camponez e o operario russos trahiram os seus interesses. O partido trahiu sem o querer, graças á sua moleza e

à sua psychologia servil; matou o enthusiasmo revolucionario e sustou a meio caminho a evolução e o desenvolvimento da psychologia revolucionaria.

Mas sinto que as forças do partido diminuem dia a dia e que as questões intestinas e o amor proprio futil dos individuos, que põem seus interesses pessoases acima dos interesses communs, rõem e decompõem o partido. Depois da guerra não restam senão destroços. Reconheci ha muito a imminencia dos compromissos, das concessões de nosso lado, que attrahiriam ao partido forças novas e augmentariam o pequeno numero dos trabalhadores fatigados, mas realmente devotados à nossa causa.

Sem isso não estaríamos em condições de subsistir, não nos poderíamos manter.

Já puz Brassini ao corrente da necessidade de entabolar negociações, confidencialmente, com os grupos socialistas dos emigrados, afim de considerar a possibilidade de um accordo. Faça-lhe o mesmo pedido, meu velho amigo e homem "fóra do partido". Ser-lhe-á muito mais facil pôr-se em relação com a nossa emigração e entender-se com os seus dirigentes.

Espero receber logo noticias mas, pois o tempo urge e mais vale chegar a um entendimento agora do que seis mezes depois, quando, tudo o faz crêr, será tarde. Espero, pois, noticias suas o mais breve possivel. Lendo-as eu me repousarei e pensarei nas nossas discussões de Zurich. Cordialmente,

V. Oulianov."

A ALLEMANHA E A FRANÇA

Os francezes crêm que a França supportou, ella só, ao menos nove decimos de todos os precalços da guerra e de todos os sacrificios da Entente e, por consequencia, que do merito da victoria final tocam nove decimos pelo menos aos Francezes.

Pode-se pensar desse estado de espirito o que se queira, têt-o por pathologico ou consideral-o como de delirio; em todo caso, nós, allemães, não vemos muito claramente como elle se formou. E' preciso ter em conta, antes de tudo o facto pouco apreciado entre nós de que, durante o ultimo anno de guerra, a armada mais forte e melhor equipada que o mundo jamais viu, combateu sob o commando supremo e unico dum francez.

Nenhum francez reconhecerá jamais que esta victoria militar é devida essencialmente ao bloqueio inglez, si bem que em França se tenham acolhido com uma alegria não dissimulada as noticias que assignalavam os progressos do nosso enfraquecimento por esse bloqueio. Essa alegria corresponde bem a essa faculdade illimitada de odiar e de procurar vingar-se, que se encontra nos Celtas de todos os tempos e a uma certa queda para o sadismo, profundamente arraigado no character francez.

O culto de admiração de si mesmo protege o povo francez de todos os perigos que existem para o allemão, desde que entra em contacto muito estreito e frequente com outros povos.

O inglez teme o homem de cor. Os francezes resolveram a questão das raças sem ligar à sensibilidade da raça branca.

Nossos jornaes julgam consolar nos insistindo sempre no facto do augmento da Allemanha por via dum excesso de nascimento e do estacionamento da França, com tendencia a diminuir. O tratado de Versalhes ahi está para regular esse facto.

As condições economicas do tratado de Versalhes fazem de nós escravos economicos, não da Ingiaterra, mas da França.

A França soffreu, por certo, infinitamente nesta guerra, moral e materialmente o que lhe atrahiu sympathia do mundo inteiro e que nos valeu desde que fomos obrigados a causar esses estragos, igual antipathia. Nossas tentativas officiaes durante a guerra para influenciar a nosso favor a opinião publica dos povos espectadores e os indispor contra a nossa adversaria, foram a maior parte do tempo duma lastimavel inhabilidade e denotavam uma falta de psychologia tão completa na comprehensão dos neutros, junto tambem a uma falta real do sentimento de equidade, que não ha fugir ao espanto.

A infeliz e falsa attitude espiritual assumida durante a guerra vê sempre na Ingiaterra a inimiga, que cumpre combater e contra a qual é preciso levantar o sentimento popular. Evoca-se o "frio egoismo" dos inglezes, sua "politica do interesse calculador". Mas, em um tempo em que a ameaça mortal e constante da França se faz mais pesada



sobre nós e procura sempre novas formas de expressão, o povo allemão não pôde se pagar o luxo de ser inimigo dos inglezes.

A questão da Alsacia-Lorena não tem sido sempre mais que um simples anel na cadeia de acontecimentos de que resultou a opposição germano-franceza. Presentemente, os francezes começam a falar da "Questão Phenana". Não ha confissão mais natural do desejo de expansão franceza e ao mesmo tempo do mais audacioso desprezo pelo sentimento de unidade do povo vizinho, que essa expressão.

O excesso dos sentimentos de odio e de vingança, ligado a um apego particular á propriedade e ao dinheiro, duas coisas em que o francez não deseja soffrer prejuizos verdadeiros ou simplesmente imaginarios, e antes de tudo as consequencias de sua sede de gloria e de expansão — eis tudo o que os francezes apprehendem após o fim da guerra e ensaiam transformar em milhões a tirar de sua odiada victima tornada sem defesa.

Esse vil spectaculo de oppressão, de "chantage" — mostral-o tal hender do lado allemão, ao mesmo tempo que é preciso nos collocarmos sympathia, é no que deve consistir a luta espirital que é mister emprender do lado allemão, ao mesmo tempo que é preciso vir collocarmos na defensiva economica.

(Preussische Jahrbücher)

DR. RUTHARDT SCHUHMAN

OS "INCAS" E O COMMUNISMO

No *The Pan-American Magazine*, que se publica em Nova York, escreve o Dr. Cezar A. Ugarte:

"E' fora de duvida que os Incas foram o primeiro povo a pôr em pratica o verdadeiro communismo. Si se estuda a historia deste povo verdadeiramente extraordinario, fica-se confundido por suas organisações sociaes, tão desenvolvidas quanto as adoptadas nos paizes mais adeantados de nossos dias.

E' assim que se encontram em sua organisação as instituções seguintes:

I — O "ayllu", verdadeira partilha das terras que eram attribuidas ás familias encarregadas das creanças.

II — A "marca", federação de "ayllus", na mesma cidade, á qual eram confiados como propriedade a agua, as florestas, as pastagens.

III — A terra aravel era dada aos chefes de "purics" ou chefes de familia, que podiam possuir individualmente, mas não tinham o direito de ceder sua propriedade.

IV — As pastagens e as aguas de irrigação eram collectivamente de propriedade da "marca" por alguns annos.

V — A cultura de cada terreno era feita pelo "ayllu" inteiro, assim como os trabalhos mais importantes incumbiam á "marca" inteira.

VI — Uma só excepção derogava esses principios essencialmente egualitarios: em cada paiz vencido, tomava-se uma porção de terra que era attribuida aos soldados vencedores, em recompensa de sua coragem e em signal de submissão da parte dos vencidos, ou davam suas propriedades aos sacerdotes do sol ou á casta dirigente.

A DEUSA TRANSVIADA

A rubrica dos "objectos perdidos" assignala ha algum tempo á attenção inquieta e apaixonada dos intellectuaes magnifica imagem: a de uma deusa empós a qual todos suspiram e que permanece perdida. Boa recompensa traria ella certamente, pois essa recompensa seria a gloria. Mas esperamos e nada vem. Chama-se a deusa Tradição.

Nem sempre se cuidou da augusta desaparecida. Ao contrario, durante um periodo bastante longo, foi a de quem se escarnecia, a que se tripudiava e se ennegrecia. As Escolas a mascaravam de velha pedante e carnavalesca, e os Independentes odiavam nella a usurpadora das honras devidas ao deus Individualismo, tanto e tão bem que a Tradição offendida se envolveu na nuvem que torna invisiveis os immortaes e abandonou, discreta e desdenhosa, um mundo que não a amava mais. Mas sobrevieram immensas subvensões, trazendo ás almas uma grande tormenta. Nos minimos recantos do seu solo e do seu passado, amou-se de novo a Patria que se perdera, e como o deus Individualismo chegava decididamente ao extremo das suas phantasias, dos seus violentos recursos para deslumbrar e de seu proprio alento, bruscamente se lembrou

a Ausente, com arrependimento e com medo e não se amou senão ella. com furor e remorso. Sómente, onde foi ella? Não se vae nunca mais revê-la? Ah! que ella perdôe, que volte, tanta necessidade se tem della!

E assistimos ao espectáculo ao mesmo tempo comico e doloroso de uma multidão soterrada de extravagancias, cansada de excessos, que então a velha litania renovada: "Methodo, disciplina, Tradição!" E' procurada por toda a parte a Deusa transviada e a que sitios singulares não se aventura o zelo dos inquiridores! Sómente, essa Tradição que todos proclamam indispensavel ninguem pode mais definil-a, não se persegue nella mais que uma sombra de estatua e estes tempos, pobres de obras e empolado de theorias, se agita numa confusão de Babel.

*
*
*

Uns crêem seguir a boa pista remontando o curso dos seculos para se restringir ao pasticho. Os outros entendem reencontrar a verdadeira Tradição em um estado de espirito ingenuo, um primitivismo consciente e organizado. Dão-se a um trabalho infinito para assimilar o estylo e o gosto dos fazedores de dolosi papuos, adaptar á encenação do drama musical as qualidades dos panos das barracas ou fazer do "jazz-band" o novo fundamento da symphonia. Estes confundem os quadrados e os triangulos, invocando com extase os nomes de Ingres, de David e de Poussin e são vistos a rodar para a arte negra, no esoterismo, nos circulos e bailados russos e seus investigadores rivaes batem bacias e garrafas em honra de Rameau emquanto outros "dadaisam" candidamente. A Escola encanecida sorri de novo; esperando para suas officinas abandonadas uma reacquisição de clientela, se se decide, emfim, a duvidar que um nariz deve ser collocado não importa onde, menos no meio do semblante, ella sacode o pó de sobre a sua velha Minerva. São apenas manifestos, antidotos, panacéas e a fealdade é frequente e o tumulto é grande. Mas, procurem-na em Roma, em Versalhes, em Honolulu, sempre a deusa permanece ausente e indefinida.

Como a encontrariam se lhe voltam as costas? Poderão perseguir o seu espectro em todos os rcantos da terra vasta: é em nosso coração e em nossa consciencia que ella se esconde e o enigma é completamente moral. A Tradição é a flor suprema de uma longa herança de habitos de trabalho, feito com alegria e modestia por amor delle mesmo. A nossa epoca está intoxicada pela mania, epileptiforme em alguns, da originalidade e da novidade como preliminares. Quando semper foram precisos vinte annos de labor, para possuir os segredos de uma technica (ainda nunca se acabou de apprender) não se vê mais que gente apresada em começar pelo fim, isto é, pela descoberta e correr á frente e ao proveito, porque a concorrência é multipla, a aprendizagem possível, a ambição longa e curto o tempo. A sua novidade dura o espaço de uma moda e se abandona como um chapéu em fim de estação. A Tradição é constituída pela lenta fusão das inspirações da terra na unidade de amor de uma Patria com bella apparencia, á qual cada um accrescenta piedosamente um traço: e nós vivemos numa epoca de funesto centralismo artistico em que o internacionalismo é o amor espiritual de muitos.

Temos visto substituir a ensinamentos caducos a ideia de só se formar perante a natureza; mas em logar de calcular quanto isto seria uma disciplina mais escrupulosa e mais dura, comprehendeu-se que bastava a escola da vadiagem. Partiram todos em dispersão: Hoje os mais ousados hesitam e procuram a socapa as pedras brancas que os conduzirão para a eterna deusa tutelar.

Mas elles não têm a coragem humiltd e nobre de renunciar a ser originaes, a fazer sensação, a tomar de assalto a rputação vitalicia, tornando-se estudiosos. A Tradição não foi feita senão por uma serie de ousadias logicas, devidas a obreiros amadurecidos, a principio imitadores e que puzerem os seus pés nos rastros dos mais velhos, antes de ousar adiantar-se. "Ha alguns que jámais conheceram idolos. Muitos morreram sem saber que se tornaram originaes. Se se deixaram chamar "mestres" foi no velho sentido corporativo de bons artezãos, experientes na materia e no instrumento. Seus costumes eram simples e ingenuo o seu coração: seu individualismo era uma profunda contemplação de si mesmos. A unica leitura de suas vidas, das quaes muitas fazem dobrar e joelho e provocam lagrimas, de admiração, é um desmentido silencioso a tudo quanto vemos. O nome do artista era para elles o ultimo termo de uma serie magnifica de esforços e abnegações, e o que nos resta

com as suas obras, o que torna mais luminosamente puro o seu esplendor, é o seu estado de belleza moral, é o seu alto caracter de homens de pobreza e de fé.

*
* * *

E é ahi que é preciso procurar, ahi e não na loucura dos procedimentos singulares, regeitados desde que propostos. A Tradição? Esses homens não a precisavam: faziam-na sem o perceber. Ella não está escondida nas obras: está sempre viva na existencia dellas mesmas e se se vae buscal-a, é nella que se encontrará a boa recompensa e não entre os cubistas, os negros, os clowns, o dadá ou o veneravel guardião das regras do bello, como se quer que numa epoca em que as palavras "independente" (que não tem sentido algum) vira todas as cabeças, em que quem quer que repugne a má feitura apressada e valdosa é logo tratado de desprezível "passadista", em que a paciencia sublime do publico permanece igual aos charivaris devidos a um avanço do extremismo, como se quer que todos os esforços não tendam precisamente para transviar a deusa? E eis porque a nossa mãe Tradição permanece muda.

Camille Mauclair

A MAIOR CIDADE

A 23 de agosto publicou-se o primeiro recenseamento geral da Inglaterra depois da guerra. A população total da Gran-Bretanha é de.... 42.767.530 habitantes, dos quaes 35.678.530 para a Inglaterra propriamente dicta, 4.882.288 para a Escossia e 2.206.712 para o paiz de Galles. O augmento da população britannica foi 1.936.134 sobre os numeros de 1911. A população feminina é superior á masculina: — 20.430.623 homens e 22.336.907 mulheres. E' um resultado da guerra. A população de Londres augmentou ligeiramente 7.476.168 contra 7.251.358. A população de Nova York é de 5.620.048 habitantes e a de Paris 2.856.000.

JORNAL DOS SENTENCIADOS

As autoridades policiaes dinamarquezas decidiram publicar um jornal para educação dos criminosos que cumprem pena de prisão. O exemplo já fôra dado nos Estados Unidos, onde se verificára que os sentenciados, ao sahir da prisão, encontravam grandes difficuldades para obter uma situação, devido á sua ignorancia absoluta dos acontecimentos.

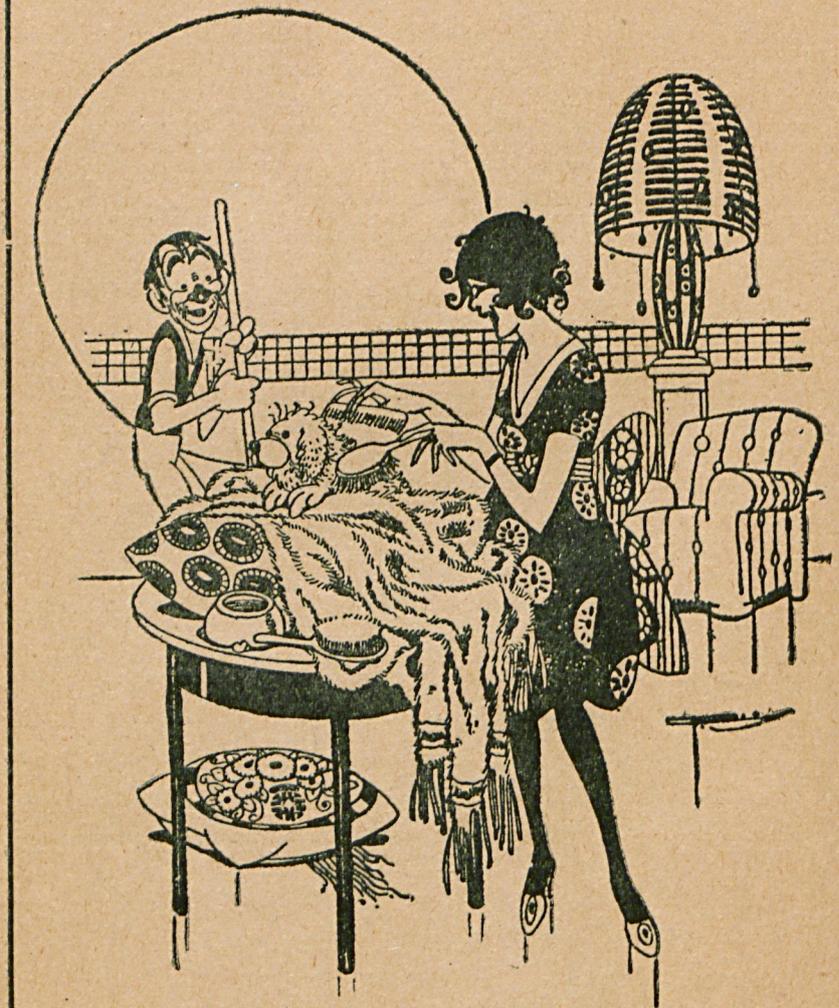
THESSOURO SUBMERSO

A 4 de agosto de 1782, o navio "Grosvenor" deixava Ceylão com 150 pessoas a bordo e uma rica carregação de ouro e pedras preciosas. Alguns dias depois, indo de encontro a um recife, na costa da Africa, foi a pique. Salvaram-se 136 passageiros.

Agora acaba de se formar em França um syndicato para salvamento da carregação. Afirmam os engenheiros que o navio está intacto da pópa á proa.

CARICATURAS DO MEZ

O RICO TOTO



- Como se chama esse cachorrinho? E' de raça ordinaria?
- Não, Manoel. *Ali-Babá* é Teneriffe.
- Até parece turco, não é, d. Marcellina?

(Caveta) J. CARLOS.



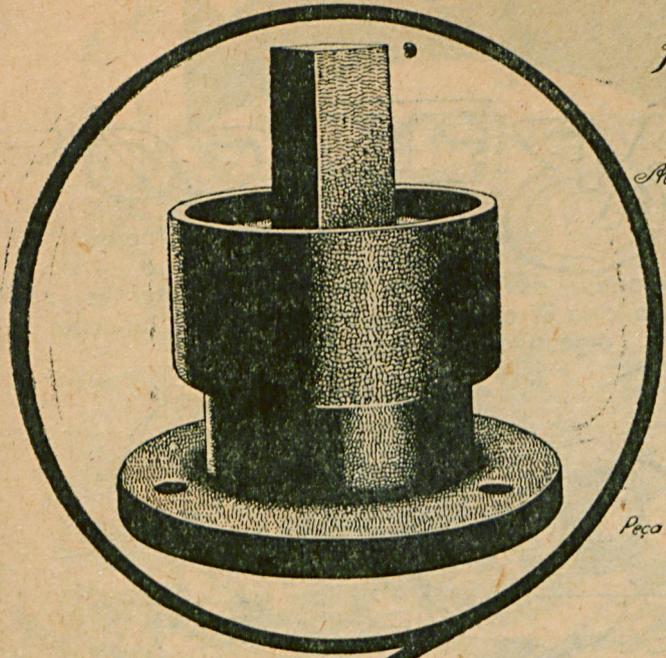


— Oh! As Mendonça têm uns cabellos loiros admiraveis!
— São falsos, filhas. Eu conheci a mãe dellas, de quem herdaram os cabellos.

“FOOTING” DE CANDIDATO



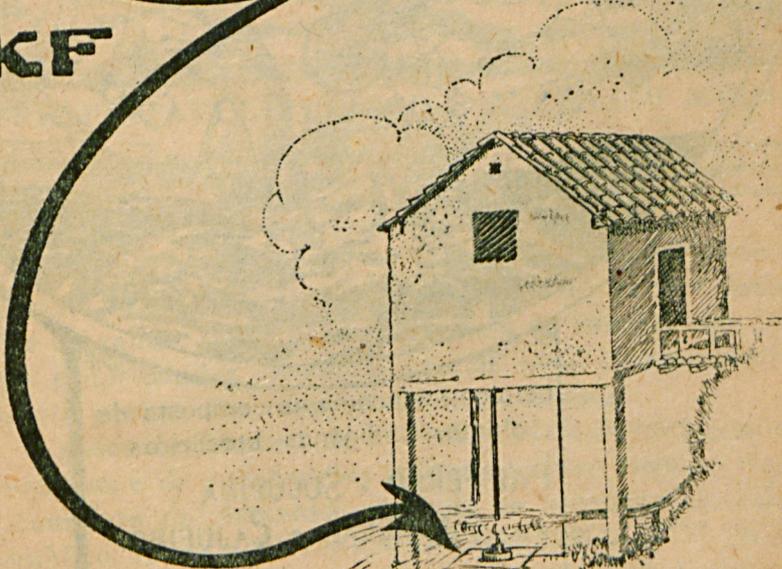
“O sr. Bernardes passeou hontem, a pé, pela Avenida”. — (Dos jornaes).
(Vida Paulista) BELMONTE.



*Pião de Moinho
montado
sobre
rolamentos
Auto Compensadores SKF
economizam
energia
e
aumentam
de
muito
sua
produção
e
lucros*

Peça nossa circular n.º 13

SKF



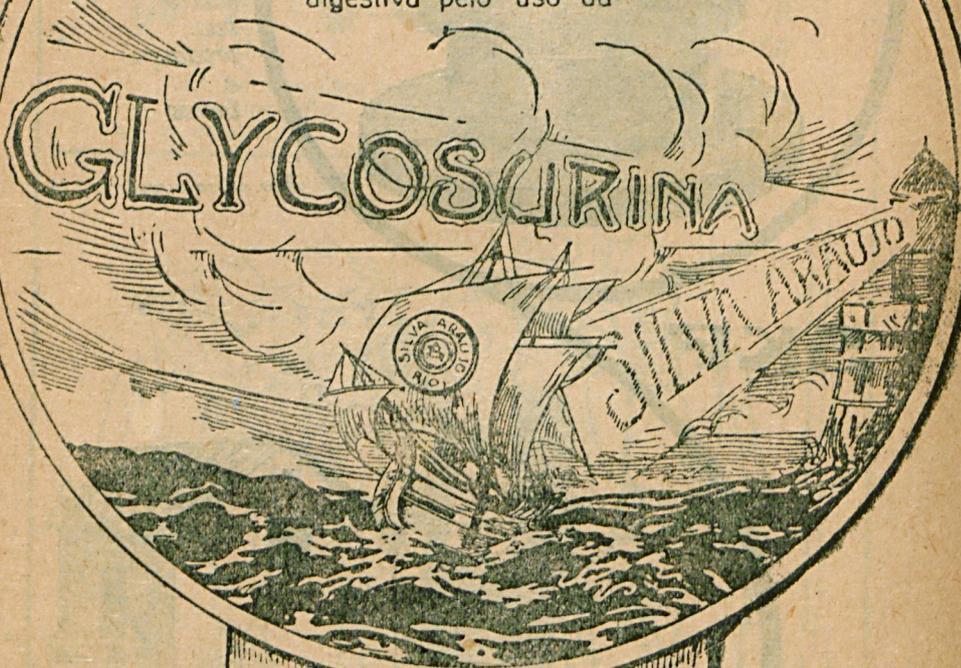
COMPANHIA SKF DO BRASIL
141, QUITANDA CAIXA 1452
RIO DE JANEIRO



DIABÉTICOS

é preciso combater a perda
de açúcar, tonificar o or-
ganismo, regularizar as funções dos órgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a função
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plantas indigenas brasileiras

**PAU FERRO - SUCUPIRA
JAMELÃO e CAJUEIRO**

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua



AO RESPEITAVEL PUBLICO E A' CLASSE MEDICA

Os fabricantes do "GUARANA' ESPUMANTE", cheios de justo orgulho, receberam, do Exmo. Sr. Dr. Prof. Ernesto Bertarelli, notavel higienista e um dos maiores scientistas da Europa, o seguinte honrosissimo attestado, que tem a honra de publicar integralmente:

O "GUARANA' ESPUMANTE" é uma deliciosa bebida sem alcool, sobretudo recommendavel para a conservação da saude, tanto pela excellencia do seu paladar como pelas propriedades therapeuticas de seus componentes, e absoluta pureza dos respectivos ingredientes.

A ausencia absoluta de FORMIATOS, de materias conservadoras e de substancias irritantes, bem como a ausencia completa de elementos nocivos ao consumo quotidiano do publico, torna o "GUARANA' ESPUMANTE" preferido ás bebidas que contêm aquellas substancias prejudiciaes".

S. Paulo, 1.º de Outubro de 1921.

PROF. E. BERTARELLI.

Banco da Provincia do Rio Grande do Sul

Fundado em 1858

Sede Central: _____ PORTO ALEGRE

Capital Rs. 40.000.000\$000

Fundo de Reserva Rs. 22.000:000\$000

Filial no Rio De Janeiro — Rua da Alfandega, 2

Filiaes e Agencias no Estado do Rio Grande do Sul

Alegrete	Ijuhy	Rio Pardo
Arroio Grande	Itaquy	Rosario
Bagé	Jaguarão	Santa Cruz
Bento Gonçalves	Lageado	Santa Maria
Bom Jesus	Lavras	S. Ant. da Patrulha
Cachoeira	Livramento	S. Fco. de Paula
Caxias	Montenegro	S. Gabriel
Cruz Alta	Novo Hamburgo	S. Leopoldo
Caçapava	Passo Fundo	S. Victoria do Palmar
D. Pedrito	Palmeira	Taquara
Estrella	Pelotas	Uruguayana
Guaporé	Pinheiro Machado	Vaccaria
Garibaldi	Rio Grande	Venancio Ayres

Correspondentes em todas as praças do Rio Grande do Sul e nas principaes do Brasil e do Estrangeiro

Serie VICTORIA -- -- --

-- -- -- Organização MIXTA

3

sorteios realiza mensalmente,
pagando o prestamista UMA SO'
mensalidade de 10\$000, 5\$000 ou 2\$500

DOTES DE CASAMENTO E NASCIMENTO

Empresa Constructora

Séde: Porto Alegre

R. G. do Sul



Novidades literarias

á venda na "Revista do Brasil"

Lais — romance de Menotti del Picchia, 3. ^a edição	4\$000
Pão de Moloch — chronicas do mesmo autor . . .	5\$000
Conversas ao Pé do fogo — contos por Cornelio Pires	5\$000
De tudo para todos — complicações de um jornalista em ferias por Alberto Veiga	3\$000
O Declive — pelo mesmo autor	3\$000
Na esteira da luz — pelo mesmo autor	4\$000
Mocidade — versos de Affonso Schmidt	3\$000
Impressões de arte — por Carlos Rubens	3\$000
Vida Roceira — Contos regionaes por Leoncio Oliveira	6\$000
Reliquias da Memoria — romance por Canto e Mello	4\$000
Alma em delirio — idem	4\$000
Bucolica — poemeto pelo mesmo autor	1\$000
A Sciencia do Lar Moderno — livro de receitas pela D. ^a Eulalio Vaz	5\$500

Novidades literarias argentinas

Hugo Wast	6\$000
La Corbata Celeste	6\$000
Ciudad Turbulenta (Ciudade Alegre)	6\$000
Valle Negro	6\$000
La Casa de los Cuervos	6\$000
Flor de Durazno.	6\$000

Pedidos á

MONTEIRO LOBATO & CIA.

Rua Bôa Vista, 52-sob.

PELO CORREIO MAIS 10 % PARA O PORTE

AOS REVENDEDORES, desconto



Ultimas Edições da "Revista do Brasil"

Tradições e Reminiscencias Paulistanas,

obra de notavel valor, do grande pesquisador Affonso A. de Freitas, com interessantes gravuras.

Um bello volume, brochado 4\$000
Encadernado 5\$000

Contribuindo, Martim Francisco

Em seguida ao RINDO, publicado em 1919, dá-nos o grande Andrada mais uma obra notabilissima onde estuda numerosos vultos da nossa historia.

Brochado 4\$000
Encadernado 5\$000

Jardim das Confidencias, Ribeiro Couto

Um livro de versos verdadeiramente encantador, com uma nota pessoal toda nova, rica de sentimento e finuras emotivas.

Brochado 3\$000

O Professor Jeremias, Léo Vaz

Este livro vencedor entra agora na quarta edição e continua a ser vendido pelos preços antigos.

Brochado 4\$000
Encadernado 5\$000

Vultos e Livros, Arthur Motta

Biographia, bibliographia e critica das mais eminentes figuras literarias do Brasil. Primeira serie de uma obra em cinco volumes, deveras notavel.

Encadernado 5\$000

Arte de Amar,

versos de grande successo, pelo notavel poeta Julio Cesar da Silva, 1 bellissimo volume 4\$000

A Lingua Nacional, João Ribeiro

Ultimo trabalho do grande philologo, recebido pela critica com o respeito que as obras sérias a todos impõem.

Brochado 4\$000
Encadernado 5\$000

Pedidos a Monteiro Lobato & Cia.



MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS

BARATOS

Peça um
folheto

Mappin Stores

Rua S. Bento esq. Rua Direita



A' GRAPHICA PAULISTANA

S. MANTOVANI & COMP.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zincogravura e photogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbos de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre joias - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone: 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent - Bronzes et Marbres d'Art - Sérvices en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

REVISTA DOS TRIBUNAES

PUBLICAÇÃO OFFICIAL DOS TRABALHOS DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE S. PAULO, DIRIGIDA PELOS ADVOGADOS

Plinio Barreto e Christovam Prates da Fonseca

10 annos de publicidade!

Anno	40\$000
Semestre	20\$000
Numero avulso	3\$000

Redacção: RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO



MOVEIS ESCOLARES



Diferentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares

Peçam catalogo e informações minuciosas á

**FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"**

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

---- São Paulo ----

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. - - - - -

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

SECÇÃO DE OBRAS D' O ESTADO DE S. PAULO

